

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTORIA SOCIAL

ULISSES VIANA ALVES

**Valle-Inclán: o intelectual e as suas perspectivas  
sobre a América Hispânica.  
(1920-1931)**

São Paulo  
2016

ULISSES VIANA ALVES

**Valle-Inclán: o intelectual e as suas perspectivas  
sobre a América Hispânica.  
(1920-1931)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Rolim Capelato.

São Paulo

2016

2

**Nome:** ALVES, Ulisses Viana.

**Título:** Valle-Inclán: o intelectual e as suas perspectivas sobre a América Hispânica (1920-1931).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

**APROVADO EM:**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, que  
transmitiram essa vida tão preciosa.*

*Aos meus mestres que transmitem o  
entendimento para seguir em frente.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora Maria Helena Capelato, pela sua enorme generosidade ao aceitar os desafios dessa pesquisa e me acolher como orientando. Esse trabalho tem muito do coração dela aqui.

Também um agradecimento especial à professora Maria Lígia Coelho Prado, pela generosa leitura intelectual e afetiva no período de qualificação e que certamente ajudaram a direcionar esta pesquisa.

À professora Dislane Zerbinatti que também contribuiu enormemente na qualificação para o resultado aqui apresentado.

À professora Mary Anne Junqueira pela acolhida junto ao *Laboratório de Estudos de História das Américas* (LEHA), e a todos os amigos do LEHA.

Ao grupo de orientandos da professora Maria Helena Capelato pela acolhida nas famosas feijoadas de final de ano e pelas trocas de informações e leituras que muito contribuíram para essa pesquisa.

Agradeço especialmente ao Caio de Souza Gomes pela ajuda e amizade. Ao Alexsandro de Souza e Silva pela amizade, seriedade e apoio nas questões burocráticas, inclusive nos momentos mais difíceis da qualificação. À Maria Antonia Martins, companheira de discussões, risadas, leituras e artigos vindouros.

À Ricardo Streich pelas conversas informais que ajudaram a “serenar” o coração; à Valdir Donizete dos Santos Junior pelo estímulo das conversas intelectuais e o “exemplo”.

Ao Buda que reside em mim e em cada ser do universo. Aos meus mestres.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo apoio financeiro fundamental para a concretização deste projeto.

## RESUMO

ALVES, Ulisses Viana. **Valle-Inclán: o intelectual e as suas perspectivas sobre a América Hispânica (1920-1931)**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória intelectual do escritor Ramon del Valle-Inclán que transitou entre os círculos intelectuais de Madrid e da Cidade do México produzindo interpretações sobre a América Hispânica num contexto de tentativas de reaproximação entre a metrópole e suas ex-colônias na década de 1920. Também objetivamos analisar o significado dos contatos intelectuais entre o escritor e intelectuais hispano-americanos que foram relevantes para a gestação e produção de seu romance *Tirano Banderas* (1926). Em um contexto de comemoração dos centenários de independência, esta obra teve grande repercussão e suscitou debates sobre o papel cultural da Espanha em toda América Hispânica. A análise sobre sua gestação, produção e primeira recepção na América e na Espanha, só se torna possível porque um vasto e rico epistolário relacionado ao autor foi, recentemente, publicado. Além dessa fonte básica para este tipo de estudo, pretendemos analisar os debates registrados na imprensa dos dois lados do Atlântico, o que nos permitirá fazer um contraponto entre esses registros e a referida obra do autor.

## **ABSTRACT**

ALVES, Ulisses Viana. **Valle-Inclan: the intellectual and their perspectives on Hispanic America (1920-1931)**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

I intend to analyze in this research the Valle-Inclán's intellectual trajectory as an artist that produced some interpretations about Hispanic America in the context of Independence Centenary Celebrations. Also intend to analyze the intellectual contacts between Valle-Inclán and hispanicamerican intellectuals that were important to produce its masterpiece *Tirano Banderas*. This research is only possible because it recently was published Valle-Inclán's vast collection of letters.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
-------------------------	-----------

<b>CAPÍTULO 1 - O SURGIMENTO DO INTELECTUAL .....</b>	<b>32</b>
---	-----------

A TRAJETÓRIA DE VALLE-INCLÁN ENTRE A GALÍCIA, MADRI E A AMÉRICA HISPÂNICA.

1.1. A Galícia: vestígios da paisagem da infância .....	33
1.2. México: a primeira viagem em 1892 .....	36
1.3. Madrid: a presença de Valle-Inclán nas tertúlias literárias madrilenhas.....	41
1.4. A “Geração de 98” – o “Desastre” e a reaproximação com a América Hispânica. ....	48
1.5. Lentes esperpênticas: a experiência na Primeira Guerra Mundial .....	57
1.6 . 1920, o ano <i>mirabilis</i> de Valle-Inclán na Espanha .....	61

<b>CAPÍTULO 2 - VALLE-INCLÁN ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO.....</b>	<b>72</b>
--	-----------

REPERCUSSÕES DE SUA PRESENÇA NAS COMEMORAÇÕES DO *CENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA DO MÉXICO*

2.1. Positivismo e Autoritarismo do Porfiriato. ....	73
2.2. A Revolução Mexicana.....	76
2.3. Os impasses diplomáticos entre México e Estados Unidos no contexto do centenário de Independência.....	80
2.4. As relações entre México e Espanha em 1921.....	85
2.5. Vasconcelos e o Nacionalismo Cultural .....	87
2.6. Centenários de Independência Mexicana.....	92
2.6.1. As Conferências realizadas por Valle-Inclán.....	94
2.6.2. Repercussões da passagem de Valle-Inclán pelo México. ....	102



**CAPÍTULO 3 - *TIRANO BANDERAS* ..... 109**

ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE

3.1. A Espanha de Miguel Primo de Rivera.....	110
3.1.1. Os intelectuais frente à ditadura .....	118
3.2. <i>TIRANO BANDERAS</i> .....	123
3.2.1. A Ficção.....	123
3.2.2. A gestação da obra.....	129
3.2.3. A primeira recepção crítica.....	141
3.2.4. Crítica à tirania .....	144
3.3. A Revolução Mexicana na Espanha: o contraste entre as visões de Valle-Inclán e Blasco Ibañez. ....	148
3.3.1. Blasco Ibañez e o “ <i>militarismo mejicano</i> ” .....	152
3.3.2. A <i>Barbarie Íbera</i> na pele dos gachupínes. ....	156
3.4. “O Dever cristão da Espanha na América” .....	164

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 167**

**FONTES ..... 171**

**BIBLIOGRAFIA ..... 173**

**ANEXO I..... 185**

a) Quadro Geracional Espanhol: .....	185
b) Quadro Geracional Mexicano:.....	187
c) Principais Revistas e Jornais que publicaram textos de Valle-Inclán:.....	187

**ANEXO II – SINOPSE DE *TIRANO BANDERAS*..... 189**

## INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória intelectual do escritor Ramon Maria del Valle-Inclán que atuou entre os círculos de escritores de Madrid e da Cidade do México, agindo como mediador cultural e como autor que produziu representações sobre a América Hispânica.

Buscaremos compreender como Valle-Inclán se tornou um intelectual de prestígio durante a década de 1920, sobretudo devido a suas relações com intelectuais hispano-americanos e espanhóis. Suas viagens ao México a convite do Presidente Álvaro Obregón, podem ser interpretadas como uma “embaixada cultural” que lhe possibilitou conquistar papel de destaque e liderança nas “tertúlias literárias” madrilenhas ao discorrer sobre suas impressões sobre a América, principalmente por sua abordagem de temas relacionados ao México pós-revolucionário. Procuraremos mostrar que sua obra literária – *Tirano Banderas* - foi, tanto produto de sua experiência mexicana, como da sua participação entre grupos literários de Madri e também da produção de textos que tinham ampla repercussão nos periódicos da grande imprensa e revistas culturais da época.

Nossa pesquisa busca compreender sua trajetória intelectual que representa um intrincado quebra-cabeça composto por peças bem diversificadas: posições políticas ambíguas, rede de relações intelectuais que se modificam consideravelmente ao longo dos anos 1920. No entanto, sua capacidade de liderança e mediação aliada à sua legitimidade intelectual construída ao longo de décadas constituem um fio condutor que nos permite acompanhar os meandros dessa trajetória singular.

Por um lado, procuramos analisar o significado do convite do Presidente Álvaro Obregón a um intelectual espanhol – Valle Inclán - para participar dos festejos

do Centenário de Independência do México em 1921, partindo da hipótese de que o novo mandatário buscava conquistar legitimidade entre os espanhóis ao novo governo oriundo de uma Revolução através da presença de um representante de uma espécie de “embaixada cultural”. Por outro lado, procuramos compreender os desdobramentos dessa visita de Valle-Inclán ao México levando em conta o fato de que a América Hispânica em geral - mais especificamente o México – passam a ocupar lugar privilegiado na obra do intelectual e, em que medida suas ideias divulgadas na Espanha, tanto nas “tertúlias literárias” como em textos publicados em periódicos de natureza diversa, serviram de mote para discussões políticas que envolviam a relação entre Espanha e Hispanoamérica na década de 1920.

Sua obra prima literária – *Tirano Banderas* – contém representações muito importantes sobre a América Hispânica que procuraremos analisar, mostrando os antecedentes da gestação do texto que estão relacionados aos contatos do escritor com intelectuais hispano-americanos. O livro veio a público em 1926, num momento em que eram comemorados os Centenários de Independência de vários países da América Hispânica, razão pela qual teve grande repercussão e suscitou muitos debates sobre o papel cultural da Espanha em relação às suas ex-colônias.

A análise sobre as condições de gestação e produção dessa obra, tanto na América quanto na Espanha, se tornou possível porque foi publicado, recentemente, um vasto e rico epistolário trocado entre Valle-Inclán e intelectuais espanhóis e hispano-americanos. Além dessa fonte (o epistolário) que permitiu reconstituir o projeto que deu origem à obra, nos propusemos analisar as entrevistas e as cartas publicadas em periódicos que revelam as posições do autor sobre o processo revolucionário mexicano e também permitem compreender como e por que motivos *Tirano Banderas* está relacionada à sua experiência hispano-americana.

No que se refere, especificamente, à relação de Valle-Inclán com o México, as fontes nos permitiram perceber os projetos políticos e culturais em jogo no momento do *Centenário da Independência Mexicana* (1921) e as coordenadas da política diplomática entre México e Espanha.

Os movimentos revolucionários iniciados em 1910 introduziram mudanças políticas, econômicas, sociais e uma nova perspectiva de nação foi se impondo ao longo do processo. Uma nova política cultural foi sendo proposta paulatinamente e os intelectuais não tinham uma posição definida sobre ela: ora apoiavam, ora questionavam os projetos de governo. Nesse contexto, dois grupos distintos foram se formando – os cosmopolistas e os nacionalistas - sobretudo a partir da publicação de uma nova Constituição, em 1917, bastante inovadora. Procuramos mostrar como Valle-Inclán transitava entre eles.

*Tirano Banderas* foi a obra de Valle-Inclán que teve maior número de edições e a mais lida na América hispânica, suscitando muitos debates desde sua publicação em 1926.

A obra tem como núcleo central um regime político autoritário (clara alusão ao regime de Porfirio Diaz derrubado pela Revolução de 1910). Do ponto de vista narrativo, o autor recorreu a uma linguagem inovadora que misturava elementos do espanhol falado na Espanha com o espanhol falado no México e também a um estilo conhecido como *Esperpento*<sup>1</sup>. O autor se valeu dessa estética, sobretudo em seus

---

<sup>1</sup> Esperpento significa olhar a realidade através de um espelho côncavo que revela uma imagem deformada e caricata. Valle-Inclán retirou esse conceito das obras Goya, muito embora os traços que definem o esperpento possam ser encontrados em obras de outros autores como *Sueños y El Buscón* de Quevedo, as pinturas apocalípticas de Hieronimus Bosco. As origens do termo são remotas, mas a sua popularização se deu pelo próprio Goya em *Los Caprichos*, como explicam Rodolfo Cardona e Anthony Zahareas. O autor se valeu dessa estética, sobretudo em seus romances da década de 1920, para representar as raízes profundas das histórias nacionais marcadas pela corrupção política valendo-

romances da década de 1920, para representar as raízes profundas das histórias nacionais marcadas pela corrupção política valendo-se de sátiras em romances de cunho histórico. Em *Tirano Banderas* valeu-se da imagem do “espelho côncavo e deformador” com o intuito de revelar os meandros da política que caracterizou a história da Hispano-américa, desde o início do século XX, procurando mostrar a presença de inúmeros governos autoritários de longa duração e seus mecanismos de manutenção no poder.

O livro foi alvo de uma infinidade de estudos de crítica literária que, ora focalizavam o interior da obra a partir de uma leitura hermenêutica, ora através de ênfases em temas relacionadas ao contexto político vivido pelo autor. Só recentemente a importância das suas viagens e dos contatos intelectuais que delas resultaram passaram a ser levadas em conta para melhor compreensão do conteúdo do texto.<sup>2</sup>

Com o objetivo de contribuir nesse sentido, procuramos analisar a obra do autor levando em conta aspectos importantes de sua biografia.

Ramon Maria del Valle-Inclán nasceu na Galícia em 1866 e foi um dos mais importantes escritores pertencentes à chamada “geração de 98”, que se projetou a partir do chamado *desastre* espanhol, termo cunhado para expressar a tragédia que representou, para a Espanha, a perda de Cuba, sua última colônia, em 1898. Esse

---

se de sátiras neste e noutos romances de cunho histórico. Esse parece ser o caso de *Tirano Banderas* no qual esse espelho côncavo e deformador nos mostra uma história política comum à Hispano-américa do início do século XX, sobretudo no que se refere a longa duração de seus governos autoritários e seus mecanismos de manutenção. CARDONA, Rodolfo y ZAHAREAS, Anthony: **Visión del Esperpento. Teoría y práctica en los esperpentos de Valle-Inclán**, Madrid, Castalia, 1987.

<sup>2</sup> O conhecimento das circunstâncias históricas e biográficas das viagens de Valle-Inclán à América se ampliaram muito nas últimas décadas devido a um expressivo número de publicações. Este aspecto será melhor detalhado na parte das Referências bibliográficas: historiografia e questões-metodológicas desta introdução.

episódio representava o ponto culminante da decadência do Império Espanhol, situação que abalou profundamente uma geração de intelectuais espanhóis. Nessa ocasião, Valle-Inclán já havia estabelecido alguns contatos com a América Hispânica através de viagens e intensa correspondência com diplomatas, intelectuais e escritores latino-americanos.

Cabe esclarecer que sua primeira viagem ao México, entre 1892-3, estimulou sua vocação de escritor devido a uma intensa colaboração em periódicos: seus textos, de forma desigual e descontínua, já revelavam traços estilísticos que, posteriormente, deixaram marcas em sua produção literária. Nessa viagem, entrou em contato com as novas correntes estéticas modernistas já estabelecidas na América Hispânica, sobretudo a partir da publicação da obra *Azul* de autoria do nicaraguense Rubén Darío, considerada marco inicial do movimento modernista na região.

A I Guerra Mundial representou um momento de inflexão na produção intelectual de Valle-Inclán: a princípio, a perplexidade diante do que ocorria no Velho Mundo, resultou em silêncio literário, mas passado o impacto da convulsão mundial que abalou os alicerces da sociedade da época, sua escrita revelou mudanças de estilo e de conteúdo. Declarando-se “aliadófilo”, assinou, juntamente com outros intelectuais, um manifesto a favor dos aliados no periódico *El Liberal* (5 de julho de 1915). Visitou os campos de batalha franceses em *Verdun* a convite de Jacques Chaumié, cônsul francês e, impactado por essa experiência, escreveu relatos sobre a Guerra, entre eles o que consta de sua carta enviada a seu amigo *Tanis de la Riva*, importante quadro do Partido Liberal espanhol: nela descreve um cenário de

devastação marcado por “[...]montes que eran bosques espesos, segados por la metralla, como si hubiese pasado el hacha de un terrible leñador.”<sup>3</sup>

Ao se deparar com os horrores da guerra (morte, destruição, sofrimento dos pobres afetados pelo conflito), surgiu em sua obra um novo ator, os protagonistas coletivos que passaram a ocupar o espaço até então destinado aos “heróis” individuais; os personagens coletivos passaram a representar suas inquietações reveladas em projetos literários posteriores. O contato com a tragédia da guerra, também provocou uma profunda desilusão em relação ao modelo de cultura francês que, até então, representava o “farol do mundo ilustrado”. Inúmeros intelectuais espanhóis e hispano-americanos compartilharam esse desencanto com a França que acabou resultando num redescobrimento das raízes ibéricas e valorização de sua cultura.<sup>4</sup>

Também foi a partir dessa experiência que as temáticas sociais, antes ausentes, apareceram em seus escritos e marcaram sua atuação política, até então descontínua e oscilante, em atividade contínua: aproximou-se de grupos anarquistas e comunistas, mas nunca assumiu declaradamente a causa da Revolução. Seu entusiasmo se limitava à Revolução Mexicana reverenciada em palestras na América e na Europa.

Durante as comemorações do Centenário de Independência do México, (em 1921), os governantes oriundo da Revolução, demonstravam preocupação em obter o

---

<sup>3</sup> Trecho extraído da carta enviada a seu amigo Estanislao Pérez Artime (Tanis de la Riva) em 12-06-1916, diretamente de Paris, após o seu retorno da batalha de Verdun. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009.

<sup>4</sup> Esse processo resultou numa interpretação crítica em relação à civilização ocidental identificada com a Europa, que estava inscrita na lógica da decadência enfatizada por Oswald Spengler, mas também na perspectiva de desconstrução da razão ocidental pela psicanálise, por correntes da filosofia, sociologia e outras formas de pensamento crítico do positivismo, do racionalismo e do idealismo. SPENGLER, Oswald. **La decadencia de Occidente**. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

reconhecimento do novo regime por parte dos Estados Unidos; tal reconhecimento era importante para garantir a credibilidade do país junto às agências financeiras internacionais importantes para enfrentar as dificuldades econômicas resultantes de anos de luta. No entanto, se por um lado havia desconfianças de governantes e das agências dos EUA e Europa em relação ao “novo México”, por outro, crescia uma admiração por parte da classe intelectual e artística estrangeira em relação aos “feitos” da revolução social mexicana.<sup>5</sup>

Na tentativa de dar maior visibilidade e conquistar confiança internacional em relação ao novo regime, fruto de uma longa Revolução, o Presidente Obregón convidou um número expressivo de representantes das grandes nações do mundo para as celebrações do Centenário da Independência do México.

Valle-Inclán, que já vinha demonstrando simpatias pelos movimentos revolucionários e mantinha relações com intelectuais mexicanos de destaque como Alfonso Reyes, José Vasconcelos e, até mesmo, com o Presidente Álvaro Obregón, que o convidou para proferir palestras e conferências durante os festejos.

Atendendo ao convite do governo, Valle-Inclán realizou, em 1921, sua segunda viagem ao México: ela foi de suma importância para sua literatura, mas também para o exercício de outras atividades intelectuais que podem ser entendidas a partir de uma dupla acepção: na condição de escritor e mediador cultural.

Valle-Inclán proferiu 4 conferências sobre temas distintos: na primeira, falou sobre o contexto literário em que se gestaram as suas obras, sobre as questões agrárias da Galícia naquele momento, discorreu sobre a formação da unidade nacional espanhola a partir do catolicismo e também sobre o papel da Espanha após a perda de

---

<sup>5</sup> TENORIO, Mauricio. **Um Cauhautemóc Carioca: comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica.** IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº14, 1994, p.123-148.



seu Império Colonial; na segunda conferência, discorreu sobre o desenvolvimento da língua castelhana entre os povos de mesma origem e a sua provável transformação; na terceira conferência, falou sobre o processo de criação das *Sonatas* e de seu protagonista, o Marquês de Bradomín; na quarta e última conferência, tratou de analisar as suas obras *Flor de Santidad* e *La Lámpara maravillosa*, falou também sobre as mudanças que a Primeira Guerra Mundial produziu na escrita de alguns escritores espanhóis e sobre a emancipação espiritual conquistada na Rússia e no México a partir das Revoluções. Todas as conferências foram presididas por José Vasconcelos que, nessa época, era Reitor da Universidade Nacional (UNAM).

Nessa viagem, estreitou os laços de relacionamento com o intelectual José Vasconcelos, que se consolidara como uma figura política das mais influentes durante o governo Obregón. No mesmo mês (outubro de 1921) em que realizou suas conferências, José Vasconcelos criou a *Federación de Intelectuales latinoamericanos* e nomeou Valle-Inclán como Presidente de Honra. Vasconcelos estava empenhado em realizar atividades e contatos que pudessem colaborar para a projeção cultural do México para além das fronteiras do país.<sup>6</sup>

A partir dessa viagem, Valle Inclán estabeleceu contatos com vários intelectuais e políticos mexicanos e também com os de outras nações hispano-americanas. Um desses intelectuais - Alfonso Reyes - foi especialmente importante para a gestação da novela *Tirano Banderas*. Em uma das correspondências enviadas para o intelectual mexicano, revelou sua intenção de escrever um romance sobre um tirano que representasse uma síntese das características de Doctor Francia, Rosas,

---

<sup>6</sup> CRESPO, Regina Aida. **Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico**. In: KOMINSKY, Ethe Volfson (org); LEPINE, Claude (org) e PEIXOTO, Fernando Arêas (org). *Gilberto Freyre em quatro tempos* Arêas (org). São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p.195-199.

Melgarejo, López e Don Porfirio, que apresentavam como traço comum o fato de terem sido ditadores em diferentes países hispano-americanos no século XIX. Nessa mesma carta explicou, resumidamente, o tipo de linguagem que pretendia adotar em seu romance, ou seja, uma mistura do espanhol falado em todos os países da América Hispânica. Por fim, referiu-se à falta de dados e documentos históricos que pudessem embasar seu romance, sendo este o principal motivo de sua correspondência.<sup>7</sup>

Muitos outros contatos foram estabelecidos com diplomatas, literatos, poetas, intelectuais da América a partir de 1921, contatos esses que resultaram na ampliação de uma rede de sociabilidades já constituída por intelectuais espanhóis representativos de três gerações distintas: os remanescentes da “geração de 98”, dentre eles Valle-Inclán; os acadêmicos da “geração de 14”, cujo maior expoente foi Jose Ortega y Gasset; os jovens da “geração de 27” composta por socialistas, que escreviam romances com finalidade essencialmente política, e pelos puristas, que estavam mais preocupados com as questões estéticas do que com os problemas de ordem social e política.<sup>8</sup>

O livro foi publicado durante a ditadura de Primo de Rivera, inicialmente, na revista “*El Estudiante*” opositora da ditadura: em seu editorial - para o qual Valle-Inclán colaborou – ficava clara a defesa do vínculo entre a dedicação intelectual e a

---

<sup>7</sup> Informações extraídas da carta a Alfonso Reyes de 14-12-1923. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009. Não se tem notícia ou registro de que Alfonso Reyes tenha lhe enviado essa documentação; é muito provável que Valle-Inclán jamais tenha conseguido. Dentre os assuntos que Valle-Inclán menciona na carta, o livro *Visión de Anáhuac* é o único que aparece em sua obra, mesmo que descaracterizado, como nos informa Emma Susana Speratti Piñero. Cf. SPERATTI PIÑERO, Emma Susana. **Valle-Inclán y México**. Mexico: El colegio de Mexico, 1968, p.70.

<sup>8</sup> Esta classificação geracional foi proposta por Genoveva Llano em seus estudos sobre os intelectuais espanhóis. LLANO, Genoveva G. Q . **Los Intelectuales y la dictadura de Primo de Rivera**. Madrid: Alianza Universidad, 1987, p. 346-348.

ação política. Nessa época, o autor se aproximara dos anarquistas e se diferenciava dos demais expoentes da “geração de 98” que haviam se tornado conservadores na década de 1920. Produziu uma literatura engajada que demonstrava suas preocupações com a política, embora nunca tenha optado por uma atuação político-partidária; valia-se do estilo literário como arma de luta política contra a ditadura, criticada de forma indireta, como afirma Genoveva Llano:

Assim é, com efeito, a sensação de que sem querer fazer alusões diretíssimas à situação espanhola, o que fez Valle-Inclán foi descobrir na vida hispano-americana os elementos que, constitutivamente, desde a colonização espanhola conduziram-na para a ditadura, o predomínio de uma ridícula aristocracia, a brutalidade e a intolerância dos poderosos. Esta imagem, aplicada ao novo continente, foi a mesma utilizada com respeito ao passado espanhol na série “El Ruedo Ibérico.”<sup>9</sup>

Para o desenvolvimento da pesquisa, acompanhamos a trajetória de Valle-Inclán em sua viagem para o Centenário de Independência mexicano em 1921, pelo breve período em que esteve no Caribe e a repercussão de suas entrevistas, conferências, mostrando que sua passagem por esses locais foi marcada por embates políticos e diplomáticos num momento de tensão política no México com relação aos *gachupines*.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Ibid., p.381.

<sup>10</sup> A palavra *gachupín* se popularizou na Hispanoamérica entre os séculos XVI e XVII para designar o espanhol que havia enriquecido nas Américas em contraposição ao termo *criollo* que dava conta apenas do espanhol estabelecido na América. A palavra teve uma grande difusão no México e na América central justamente com esta acepção de “espanhol enriquecido” e foi usada em lemas independentistas do século XIX como por exemplo “Mueran los gachupines”. Valle-Inclán usará este termo não só no romance *Tirano Banderas* como para se referir aos *hacendados criollos* que perderam terras na Revolução Mexicana, conforme nos indicam os estudos de Antonio Alatorre. ALATORRE, Antonio,

O recorte temporal proposto, 1920 e 1931, teve como balizas: a primeira, relacionada ao período de maturidade de Valle-Inclán como intelectual e escritor num ano que a crítica costuma chamar de *ano mirabilis*; a segunda, coincide com o momento em que Valle-Inclán tenta se eleger como deputado de La Coruña pelo Partido Republicano e que caracteriza a única vez que o escritor buscou a ação direta dentro da política não obtendo sucesso.

Em 1931, se estabelece a Segunda República espanhola. Desde o fim do império colonial espanhol em 1898, desencadearam-se várias mudanças que traduziram as contradições da sociedade espanhola. Emergiram tanto as posturas ultranacionalistas quanto os ideais do internacionalismo revolucionário.

A Segunda República tinha pela frente a tarefa de apresentar uma solução política para uma formação histórico-social compartimentada, antagônica e contraditória: tradição e nação; clericalismo e anti-clericalismo; burguesia e operariado; liberalismo conservador e socialismos de vários matizes (anarquistas, socialistas, comunistas); monarquistas e republicanos. A peculiaridade desta conjuntura histórica na Espanha residia exatamente na presença simultânea de questões atinentes à problemática política oitocentista, marcada pela polarização ideológica entre revolução versus restauração, presentes no cenário das revoluções liberais de 1848, e à novecentista. Esta, por sua vez, vinha marcada pela contra-revolução burguesa, que fez uso de mecanismos de coerção política para conter os movimentos revolucionários.<sup>11</sup>

---

**Historia de la palabra gachupín.** In E. Luna Trill (coord.), *Scripta Philologica in honorem J. M. Lope Blanch*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 1992, vol. II., p. 275-303.

<sup>11</sup> Cf. HOBBSAWAN, Eric. **A era dos extremos, o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

A jovem República, nascida em 1931, estava pressionada à direita e à esquerda. Camponeses esfaimados exigiam terras; os latifundiários não queriam nem sequer discutir a reforma agrária. Enquanto “carlistas” suspiravam pela volta da monarquia, a esquerda dizia abertamente nos comícios que a república liberal era apenas a preliminar do regime socialista que estava por vir. A polarização atingiu o clímax quando, em fevereiro de 1936, a Frente Popular, de esquerda, venceu a eleição parlamentar, com quase 400 mil votos a mais que a Frente Nacional, de direita. No dia 1º de Maio, cerca de 200 mil pessoas desfilaram em Madri cantando o hino da Internacional e carregando retratos de Lênin, Stálin e do líder socialista espanhol Largo Caballero. Parecia estar prestes de se concretizar a revolução na Espanha.

Mesmo as reformas moderadas do governo liberal assustaram a direita, articulada numa aliança entre os latifundiários, o clero e os militares. Francisco Franco, o mais jovem general do Exército, foi transferido de seu posto do Estado Maior em Madri para as Ilhas Canárias, numa tentativa vã do governo de Manuel Azaña de desmobilizar a reação conservadora. Os acontecimentos se precipitaram com o assassinato do líder Calvo Sotelo (líder da direita parlamentar) e o golpe eclodiu. O levante converteu-se numa das mais ferozes guerras civis da História. Ao fim de quase três anos de luta fratricida, cerca de 600 mil espanhóis – além de alguns milhares de estrangeiros – tinham morrido. Trezentos mil tornaram-se prisioneiros e 500 mil exilados.

### **Referências bibliográficas: historiografia e questões teórico-metodológica.**

Explorar as conexões estabelecidas por Valle-Inclán em suas viagens, através de correspondências e publicações conjuntas implica levar em conta a atuação do

autor e de seus parceiros intelectuais como mediadores ou “passeurs” que possibilitavam a circulação das ideias.<sup>12</sup>

A pesquisa procura mostrar, também, que a circulação de ideias entre Europa e América Latina ocorreu a partir de um movimento de mão dupla que propiciou intercâmbio de ideias. Para analisar este aspecto nos valemos das análises de François Xavier-Guerra sobre os intercâmbios entre europeus e hispano-americanos, sobretudo quando afirma que “como partilhavam códigos comuns de uma parte a outra do Atlântico, os diferentes (europeus e americanos) puderam se comunicar entre si, exercer influências uns sobre os outros ao atuarem a partir de conjunturas históricas comuns”.<sup>13</sup> Procuramos, ainda, reposicionar a América Latina em relação às trocas culturais entre Europa e América no sentido proposto por Olivier Compagnon quando afirma que a América constitui uma “parte viva e criativa de um ‘todo’, formado de particularidades que compõem o ‘Ocidente’”.<sup>14</sup>

No caso específico de Valle-Inclán, cabe destacar que suas conexões e intercâmbios internacionais resultaram, tanto das suas viagens para a América Hispânica ocorridas em diferentes décadas (1893, 1910 e 1921), como da ampla recepção de sua obra, não só na Espanha, mas também na América Latina, sobretudo no México e na Argentina.

Pretendemos mostrar que sua trajetória intelectual e também sua “obra prima” literária suscitaram uma série de debates relacionados a identidades culturais tendo

---

<sup>12</sup> GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories”. Rio de Janeiro: Topoi, março de 2001, p. 176-177.

<sup>13</sup> Ver XAVIER-GUERRA, François. “Euro-Amérique: constitution et perceptions d’un espace culturel commun”. In : *Les civilisations dans le regard de l’autre*, actes du colloque international des 13 et 14 décembre 2001, Paris, Unesco, 2002

<sup>14</sup> Ver COMPAGNON, Olivier. *Jacques Maritain et l’Amérique du Sud*. Paris: Septentrion, Presses Universitaires, 2003.

como eixo os conceitos de *hispanismo*, *hispanoamericanismo* e *latinidade* através dos quais se discutia o papel da Espanha em relação às ex-colônias.

No que se refere à *latinidade*, entendida como construção de representações formada a partir de um conjunto de ideias, imagens, símbolos, metáforas, cabe esclarecer que a análise do significado desse conceito presente no romance *Tirano Banderas*, será feita levando em conta o fato de que se trata uma identidade transcontinental que engloba referências à Espanha e América Hispânica, bem como as origens mais remotas (Antiga Roma, França, Ibéria) que compõem o quadro de representações identitárias.

Concordamos com Carlos Altamirano quando afirma que, na América Latina do século XX, escritores, produtores ou difusores da cultura, muitos deles acadêmicos, agiam como atores políticos e, no debate público, assumiam o papel de consciência do seu tempo, intérpretes da nação ou voz de seu povo.<sup>15</sup>

A forte inserção dos intelectuais mexicanos nos meandros do poder através de cargos públicos reforça as observações de Altamirano sobre os atores intelectuais que também agiam como atores políticos.

Cabe esclarecer, também, que embora a pesquisa esteja inserida no campo da história intelectual, ela se insere em outros campos relacionados à política, ao social e ao cultural. No que se refere à abordagem da história intelectual, recorreremos às considerações de Jean-François Sirinelli que chama a atenção para a relação e o entrecruzamento de campos diversos. O autor adverte que a história dos intelectuais exige uma pesquisa ampla que requer a exegese de textos, particularmente de textos

---

<sup>15</sup> ALTAMIRANO, CARLOS (org.). **Historia de los Intelectuales en America Latina**. Vol.II. Los Avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Conocimiento, 2010, p. 9-28.

impressos, levando em conta sua gênese, circulação e transmissão das ideias dos intelectuais.<sup>16</sup>

Como já foi dito no início, Valle-Inclán constitui o objeto central da pesquisa, sua trajetória intelectual e literária será privilegiada em nossa análise que também se propõe a mostrar a importância de sua atuação no espaço público, sobretudo através de vários órgãos de imprensa nos quais expunha suas ideias sobre assuntos diversos. Também com relação a esses aspectos, nos inspiramos nas considerações de Sirinelli quando afirma:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora.”<sup>17</sup>

Já nos referimos, também, à importância de Valle-Inclán como mediador cultural. Para refletir sobre este aspecto, nos valeremos da noção de “transferências culturais” proposta por Michel de Espagne. A partir dela, nos propomos a examinar a relação entre dois “sistemas autônomos e assimétricos”. Segundo os teóricos que se valem desse conceito ele permite analisar a passagem de uma cultura para outra.

Michel de Espagne indica quatro etapas que definem esse processo de transferência de um espaço cultural para outro: um processo de seleção, um processo de mediação, um processo de recepção e um processo de intercâmbio (no qual ocorre a re-significação).

Quando se trata do processo de seleção, há que se levar em conta que a mensagem cultural depende de dois contextos: o de produção e o de recepção. No que

---

<sup>16</sup> SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels*, in. RÉMOND, René (Dir). Pour une histoire politique. Paris: Seuil, 1988, p.232.

<sup>17</sup> Ibid., p.245.



se refere à recepção, afirma que as necessidades específicas do espaço cultural determinam e operam a “seleção” (do que pode e deve ser traduzido, no caso de publicação no estrangeiro)<sup>18</sup>.

O autor esclarece que a introdução de um autor, através de uma obra ou de uma corrente intelectual/estética dentro de um espaço cultural, tanto nacional, como estrangeiro, ocorre a partir da mediação de “atores”, individuais e/ou coletivos. Refere-se a edições, missões culturais, instituições universitárias que desempenham, tanto a função de intermediários nesse processo de deslocamento semântico, como de re-elaboração de sentido.

Procuramos levar em conta as orientações de Espagne para análise desse processo complexo de transferência cultural.

No que se refere à questão da mediação/mediador, também nos valem das observações da historiadora Gabriela Pellegrino Soares que, ao abordar a questão do mediador cultural, definido como um *porteur*, afirma:

[...] é preciso ter em conta que a transmissão realizada por um *porteur* nunca é neutra. A abordagem implica observar os vários compromissos do mediador – com um repertório cultural e determinadas categorias de pensamento, com um projeto político, com um círculo de sociabilidades intelectuais, com o mercado.<sup>19</sup>

Ao analisarmos a questão das identidades “*hispânicas, hispanoamericanas* ou definidas como “*latinidade*”, preocupação central na obra de Valle-Inclán, nos

---

<sup>18</sup> ESPAGNE, Michel. **Les transferts culturels franco-allemands**. Paris: PUF, 1999, p. 23

<sup>19</sup> SOARES, Gabriela Pellegrino. **História das ideias e mediações culturais: breves apontamentos**. In: Cadernos de Seminários de Pesquisa, v. 2, (orgs.) JUNQUEIRA, Mary Anne, FRANCO, Stella Maris Scatena. São Paulo : Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/Humanitas, 2011, p.96.

valemos das reflexões de Leyla Perrone-Moisés quando aborda o tema das identidades relacionadas à produção literária. Segundo a autora, nenhuma cultura é auto suficiente e estanque, pois são resultado de intercâmbios e mesclas bem sucedidas. No caso dos latino-americanos, a colonização e a mestiçagem resultaram numa transculturação que em cada país teve um resultado original, cabendo observarmos as especificidades desses fenômenos. Também aponta para a ideia da América como invenção, segundo a qual se teria uma pretensão de uma cultura própria, isenta de toda contaminação estrangeira. Nesse sentido, nos valemos da crítica da autora quando afirma que a América Latina não possui uma identidade cultural homogênea. Também, nos valemos de sua afirmação de que “toda antiga colônia, como o caso da América, é necessário ter a Europa como espelho, e que esse espelho adquira uma perturbadora autonomia, tornando-se deformante, e que devolva uma imagem ao mesmo tempo familiar e estranha”.<sup>20</sup>

No caso de Valle-Inclán, o autor demonstra preocupação com a identidade numa perspectiva cultural, mas também política. Em sua obra *Tirano Banderas*, o personagem foi concebido como símbolo dos ditadores e ditaduras, não só hispanoamericanas, mas também da espanhola. A preocupação com a origem colonial o leva a privilegiar a identidade latina: a *latinidade*<sup>21</sup> é definida por Valle Inclán

---

<sup>20</sup> PERRONE-MOISES, Leyla. **Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário.** São Paulo: Cia das Letras, p.28-49.

<sup>21</sup> Cabe esclarecer que a Espanha nunca abdicou de tentar recriar, em novos termos pós-independência, os elos recíprocos em torno de conceitos em voga como 'raça', língua, religião, costumes e origens comuns com a América hispânica. Nesses aspectos, as iniciativas giravam em torno da consolidação do conceito 'hispanismo'. Produto de intelectuais espanhóis - a desencantada *Generación del 98* -, emergira ligado à decepção face ao desmoronamento final do império político espanhol, com a perda das suas últimas colônias na Guerra de Cuba em 1898. Nesse caso específico, Valle-Inclán lança mão da ideia de latinidade, aparentemente com os mesmos fins, no entanto, a ideia de latinidade faz sentido para o escritor, desde a sua experiência nos campos de batalha em Verdun na França, como

como “alma latina” formada a partir de três elementos: a língua, as leis e a fundação da cidade.<sup>22</sup>

O autor buscou construir, no romance *Tirano Banderas*, uma síntese histórica, através da qual construía uma identidade hispano-americana como fruto da fusão do “hispânico” com o “hispano-americano”. Dessa fusão resulta uma identidade comum, sem distinção entre as nações espanhola e hispano-americanas. O romance sugere que essa unidade se dava a partir da cultura, da língua, dos costumes, do passado comum e mediante mecanismos de tirania. Ou seja, a síntese ocorria a partir da transmissão da violência que permanecia entranhada na conformação das identidades nacionais: este é o núcleo da crítica que perpassa o romance *Tirano Banderas*.

Para o estudo das identidades, além das contribuições de Leyla Perrone-Moisés, recorreremos outros autores que se dedicaram ao estudo das identidades hispano-americanas e identidades latinas. Refiro-me às análises dos historiadores: Maria Ligia Coelho Prado sobre “Identidades latinoamericanas”, José Luis B. Beired sobre *hispanismo e hispanidade*, à distinção feita por Ricardo Pérez Montfort sobre os tipos de hispanismos (um mais conservador, outro mais liberal), à pesquisa de Carla Brandalise que recuperou as origens do conceito na Itália e na França e mostrou as polêmicas entre franceses e italianos que, no século XIX disputaram a primazia do conceito e às observações de Maria Helena Capelato sobre as identidades hispânicas

---

correspondente espanhol durante a I Guerra Mundial. Através do conceito de latinidade buscava-se unir a Itália, a França e a Espanha através de uma origem cultural comum, frente ao germanismo crescente. Como sabemos, alguns intelectuais espanhóis publicamente se declararam germanófilos e esse não foi o caso de Valle-Inclán. Para essa distinção entre hispanismo e latinidade nos valem das explanação teórica de Carla Brandalise. BRANDALISE, Carla. **O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia**. IN. Cuad. Del CILHA, Vol. 14, nº1. Mendoza: Cuad. Del CILHA, 2013.

<sup>22</sup> IN: VALLE-INCLAN, Ramon del. **Entrevistas, conferencia y cartas** (Edición de Joaquín y Javier del Valle-Inclán). Valência: Pré-textos, 1994, pg. 227-228.

construídas na América Espanhola elaboradas por ensaístas adeptos das ideias do filósofo espanhol José Ortega y Gasset que circularam amplamente entre os países da América Latina entre as décadas de 1930-1950.

No que se refere à análise do romance *Tirano Banderas*, procuramos levar em conta o fato de que se trata de uma obra de ficção baseada na história, ou melhor dizendo, numa conjuntura histórica específica. Valle Inclán se refere a fatos ocorridos nessa conjuntura sem mencioná-los explicitamente.

Na abordagem dessa obra literária como fonte histórica, que registra, através de uma linguagem/narrativa literária, transformações políticas e sociais ocorridas na Europa e na América Hispânica, nos valem das perspectivas abertas pelo historiador Nicolau Sevcenko quando define a linguagem como o centro de toda atividade humana sendo, ao mesmo tempo, modeladora das relações humanas e modelada por elas. A partir dessa via de mão dupla podemos perceber que as transformações sociais, políticas ou culturais estão representadas na literatura, tanto no conteúdo quanto na forma. Neste sentido, cabe num estudo desta natureza o recurso à crítica literária e também às metodologias históricas que permitem orientar o caminho a ser seguido na abordagem de um tema que relaciona “história e literatura”.<sup>23</sup>

O romance *Tirano Banderas* é, não só um objeto de estudo instigante, mas também uma fonte histórica fecunda, pois aborda, de forma ficcional (e sem fazer alusões diretas a nenhum personagem histórico) um problema comum a grande parte dos países hispano-americanos. O autor recorreu às diferenças linguísticas<sup>24</sup> para

---

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>24</sup> Utilizo aqui, a idéia do *plurilinguismo social* expressa por Mikhail Bakhtin, quando afirma que o romance, enquanto elaboração literária é repleto de vozes sociais e históricas que lhe atribuem significações concretas. Elas se organizam a partir de um sistema estilístico harmonioso, expressando

caracterizar diferenças nacionais e, a partir da coleta de ampla documentação referente a vários países, em suas viagens pela América Hispânica, elaborou um painel social, cultural e político com ênfase na crítica às relações de poder estabelecidas, a partir de uma base comum: hispânica.

Procuramos compreender de que forma o recurso às “linguagens” típicas de diferentes países atuaram como agentes da estrutura do romance permitindo criar representações dos costumes vigentes e, por vezes, funcionando como um mecanismo de desvendamento de aspectos sociais ou políticos alvo de suas críticas.<sup>25</sup> Cabe esclarecer que estaremos atentos, não apenas na descrição das paisagens e no que autor ressalta através do discurso de seus personagens, mas também nos silêncios que, por vezes, “gritam” em sua narrativa.<sup>26</sup>

Cabe ressaltar que o cruzamento das estratégias discursivas operadas por Valle-Inclán no interior do romance com a análise das cartas remetidas a diversas

---

a posição ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos de sua época. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

<sup>25</sup> Parto das premissas abertas por Antonio Candido quando discute a inserção da conjuntura social no interior do texto. Segundo o autor, três características são decisivas para a configuração da obra: a primeira, que a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição; segundo, deve se considerar o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável; terceiro, as técnicas de comunicação que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. CANDIDO, Antonio. *Crítica e Sociologia*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

<sup>26</sup> Sobre o tema do silêncio narrativo, nos valemos das reflexões de Michel Pollak. Segundo o autor, os silêncios podem ser mais facilmente compreendidos nos momentos de convulsões sociais e políticas porque permitem perceber a tensão entre o que podia ser dito no passado e o não-dito. Afirmo que, como as “memórias silenciadas” rondam o tempo presente, que reinterpreta o passado de acordo com as mudanças de conjuntura, essas memórias podem vir à tona. Procuramos, nesta análise, ficar atentos a este aspecto. POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. In *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

intelectuais de diferentes nacionalidades e também a análise de algumas entrevistas concedidas aos jornais hispano-americanos, nos ajudaram a montar um quebra-cabeça complexo, de citações propositalmente descontextualizadas, que pretendiam fugir da censura, para não serem taxada com o rótulo de “revolucionárias”. Procuramos mostrar que, a obra no seu conjunto, revelava uma preocupação existencial de maior amplitude, ou seja seu desencantamento em relação à “civilização ocidental” marcada pela trágica experiência da I Guerra Mundial.<sup>27</sup>

Em seu processo de produção, Valle-Inclán se valeu de contatos intelectuais e de uma vasta documentação destinada à construção de seus personagens e cenários. Suas viagens para a América, e principalmente sua estadia no México tiveram importância fundamental neste aspecto. Em sua última viagem foi gerado o romance *Tirano Banderas*.

As correspondências aparecem também como objeto e fonte desta pesquisa. Elas permitiram elucidar aspectos muito importantes da gestação do romance. Entendemos que as correspondências constituíam um instrumento particular de aproximação dos intelectuais contribuindo para a criação de uma rede de sociabilidade entre eles por três razões: primeiro porque se trata de um tipo de escrita que expressa relações sociais através do discurso escrito; em segundo lugar, porque se trata de uma narrativa pessoal, próximo da autobiografia ou da escrita íntima e sugere autenticidade, o que não ocorre nos textos destinados à publicação; finalmente, porque elas se situam num lugar de sociabilidade que se realiza na esfera privada, ou

---

<sup>27</sup> Conforme nos referimos anteriormente, esta matriz conceitual foi introduzida por Oswald Spengler. SPENGLER, Oswald. **La decadencia de Occidente**. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

seja, de forma distinta da que ocorre em lugares públicos, como revistas, conferências, etc...<sup>28</sup>

Vincent Kaufmann afirma que a “correspondência intelectual” aparece como um "espaço paradoxal", uma "zona enigmática" entre a vida e o texto, elo perdido entre o homem e o trabalho real, no qual o escritor tem o cuidado de distanciar seu interlocutor, chamar outros para melhor remover, dando ao mesmo tempo um "valor de iniciação" para a escrita real.<sup>29</sup>

Apesar da importância das correspondências para nossa pesquisa, não podemos deixar de levar em conta as dificuldades que essa fonte representa para a análise histórica. Como adverte Roger Chartier, as correspondências, apesar da sua importância para o historiador, constitui um problema na medida em que as cartas representam um ato de sociabilidade que vem de uma prática social mais ampla, portanto, está longe de tratar somente de assuntos privados; ao contrário, nelas se interpenetram a esfera privada e a esfera pública.

Mesmo estando ciente da dificuldade de tratamento desse tipo de documentação, consideramos que as cartas trocadas entre Valle Inclán e outros intelectuais ou figuras políticas são muito reveladoras das preocupações e interesses do grupo ao qual nosso autor pertencia.

---

<sup>28</sup> Ver TREBITSCH, Michel. “*Correspondances d’intellectuels. Le cãs de lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman*. In : *Cahiers de l’Institut du Temps Présent*, nº 20. Paris, maio 1992. Disponível no site: [http://www.ihtp.cnrs.fr/Trebitch/cahiers\\_20.html](http://www.ihtp.cnrs.fr/Trebitch/cahiers_20.html)

<sup>29</sup> Os estudos de Kauffmann procuram mostrar que as correspondências mostram que os métodos tradicionais de crítica externa do documento não são inúteis quando nos deparamos com a análise desse tipo de fonte. Neste sentido, adverte que os detalhes de data e local não são apenas instrumentos de classificação utilizados para definir o tema, mas também definem o ritmo e o espaço de uma correspondência específica. KAUFMANN, Vincent. **L’Equivoque epistolaire**. Paris, Minit, 1990.

# CAPÍTULO 1

## O SURGIMENTO DO INTELLECTUAL:

### A trajetória de Valle-Inclán entre a Galícia, Madri e a America Hispânica.

*Entre os revolucionários há intelectuais que podem com suas luzes obrar em proveito da Pátria (...) a esses intelectuais, guardo balas de prata (...) o lugar deles é na diplomacia, nos congressos científicos, nas comissões que criam no estrangeiro. Aos intelectuais é preciso dar-lhes cargo fora do país, onde seu talento não seja prejudicial à República.*

Ramón del Valle-Inclán, *Tirano Banderas*, 1927.

*O objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.*

Edward W. Said, *Representações do Intelectual. As conferências Reith de 1993.*



## 1.1. A Galícia: vestígios da paisagem da infância

Para melhor compreendermos a relação de Valle-Inclán com a Galícia, se faz necessário recuperar a sua trajetória na infância e suas ligações familiares. É sabido que sua família materna (Montenegro) e paterna (Valle) apresentavam em suas distantes origens ligações com a fidalguia galega. Do lado materno, os Montenegro eram especialmente conhecidos por suas convicções carlistas, ou seja, tradicionalistas.<sup>30</sup>

Consideramos importante mencionar a influência herdada de seu pai na sua formação: homem de muito talento, com fama de erudito e de poeta, Don Ramón del Valle Bermúdez, nasceu em 1823, no seio de uma família de tradição liberal que gozava de boa posição econômica e se destacou como um grande investidor na construção de ferrovias em Portugal.

De caráter inquieto, empreendedor e progressista, Valle-Inclán casou-se por duas vezes: a primeira em 1849, com Ramona Montenegro Saco, mulher oito anos mais velha que ele; a segunda vez, com Dolores Peña y Montenegro, sobrinha da finada, quinze anos mais nova que ele. No primeiro enlace teve dois filhos e no segundo seis, sendo Valle-Inclán o segundo deste último casamento. Após uma investida empresarial fracassada, dedicou-se à política, chegando a ocupar o posto de governador da província de Pontevedra em 1889<sup>31</sup>. Foi porta-voz do Comitê

---

<sup>30</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p.33-35.

<sup>31</sup> Até 1833, o Reino da Galiza era dividido em 7 províncias: Mondoñedo, Lugo, Ourense, Tui, Santiago, corunha e Betanzos. Desde essa época, foram reduzidas a apenas 4 províncias: Corunha,

Republicano de Villanueva, no início da I República em 1873 e ficou profundamente frustrado com o triunfo da “restauración borbónica”. Deixou a atividade política e retomou as atividades literárias voltando a frequentar os círculos culturais dos quais se afastara para participar da política.<sup>32</sup>

Valle Bermúdez, de redator e jornalista passou a proprietário, fundador e diretor do semanário *La voz de Arosa*. Publicou em revistas madrilenhas e seu poema *A la ría de Arosa* foi premiado em Santiago em 1875; em 1884, foi nomeado correspondente da “Real Academia de la Historia”. Faleceu em 1890. Valle-Inclán foi educado num ambiente que propiciava e prestigiava a escrita; o exemplo de seu pai foi tão marcante a ponto de ter plagiado alguns de seus poemas quando se iniciou como colunista.<sup>33</sup> O estímulo paterno também contagiou seu irmão mais velho – Carlos Valle-Inclán - que publicou, em 1984, o livro *Escenas Gallegas*.

Villanueva, cidade marítima de menos de mil habitantes, também conhecida como Villanueva de Arosa, nasceu Ramón Maria del Valle-Inclán. A cidade fica localizada na região na Galícia, numa área chamada “foz de Arosa” cercada por “suaves colinas banhadas por águas tranquilas”, como descreveu o autor. Foi nesse local, onde “o mar se harmoniza com a montanha”, que ele passou a sua infância. Em sua cidade natal, a maioria dos habitantes sobrevivia da pesca e a população

---

Lugo, Ourense e Pontevedra. O primeiro cargo político ocupado pelo pai de Valle-Inclán foi o de vereador; depois, atuando nas assembléias revolucionárias, foi eleito prefeito de Villanueva de Arosa, em 1868, sendo substituído pelo próprio sogro, seu inimigo ferrenho. ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. Op. cit., p. 36.

<sup>32</sup> Ibid., p. 36-39.

<sup>33</sup> O plágio ocorreu por ocasião de sua primeira viagem ao México em 1892. Valle-Inclán, durante sua permanência no país, conseguiu alguns trabalhos esporádicos junto a jornais mexicanos. Nessa ocasião, segundo o crítico Manuel Alberca, plagiou um dos poemas de seu pai. ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. Op. cit., p. 39-40.

constantemente fora ignorada pelas classes abastadas da Espanha e pelos poderes públicos da 2ª. metade do século XIX.

Em sua fase madura, Valle-Inclán refletiu sobre a situação de sua terra natal em uma carta enviada ao crítico Eduardo Gómez Baquero. Cabe mencionar um trecho dessa carta no qual se refere a “esta Galicia medrosa y atontada” e tece comentários sobre o passado e o presente da região.

“[...]Desaparecido el mundo de los hidalgos, su única representación es el cortejo hampón<sup>34</sup> que va por las carreteras. Tiene, como usted ha visto, una típica picaresca. Acaso restos de una remota invasión de gitanos, en algún oscuro siglo de la Edad Media. Hay una casta perfectamente definida, con su caló, y un régimen de viejos soberanos, o monarcas familiares. Estos hampones reciben aquí el nombre de moinantes<sup>35</sup> y su casta, la Móina.<sup>36</sup>

A Galícia sempre foi marcada pela forte presença eclesiástica que manteve uma inegável influência, não só religiosa, mas também política, sobre os habitantes da região. A cidade dispunha de precários sistemas de saneamento, carência de iluminação e água nas cidades, ausência de programas públicos voltados para a

---

<sup>34</sup> *Hampón*, é um termo *galego* que segundo o dicionário se aplica a pessoa que vive de forma marginal cometendo delitos de maneira habitual.

<sup>35</sup> Segundo Paulino Francisco Novo Folgueira, em sua tese de doutoramento sobre os “Insultos en Galego, Estudos Linguísticos” de 2013, a palavra *moinante* é sinônimo de *tunante*, que em português significa algo similar a *patife*. O texto se refere a uma categoria que domina a política na Galícia definida como uma ma casta de patifes. FOLGUEIRA, Paulino Francisco Novo. **Insultos en Galego – Estudos Linguísticos**. Tese de doutoramento. Faculdade de Filoloxía, Santiago de Compostela, 2013.

<sup>36</sup> Trecho extraído da carta enviada a seu amigo Eduardo Gómez de Baquero em 18-03-1924, HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009.

educação e saúde. A política era dominada por uma minoria de famílias fidalgas, da qual pertenciam as famílias dos pais de Valle-Inclán.<sup>37</sup>

## 1.2. México: a primeira viagem em 1892

. Entre 1886 e 1889, Vallé-Inclán viveu e estudou em companhia de seu irmão mais velho Carlos, em Santiago de Compostela. Influenciado pelo pai, iniciou os estudos de Direito na Universidade de Santiago de Compostela, mas nesse período, a cidade o seduzia mais do que os livros e os passeios no campo mais do que as aulas. Valle Bermúdez, seu pai, era então Secretário do governo em Pontevedra e seu prestígio político abria as portas da sociedade local para os filhos que passaram a frequentar as tertúlias literárias e assim participar da vida intelectual da cidade. Na ocasião predominava um sentimento de “regionalismo” na sociedade expresso, inclusive, pelo uso do dialeto galego.<sup>38</sup> Mas Valle-Inclán não foi influenciado pelo “regionalismo galego”: era um centralista, defensor da unidade nacional e da língua castelhana. Nesse sentido afirmou: “[...]hay que unificarlo todo, empezando por el idioma e imponiendo el castellano, que es el español [...]”.

---

<sup>37</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p. 41-43.

<sup>38</sup> Fenômeno social e político caracterizado por duas correntes bem diferenciadas: uma de caráter mais liberal e progressista, representada por Manuel Murguía; e outra mais conservadora e tradicionalista, defendida pelo professor de Direito de Santiago, Alfredo Brañas, com quem Valle-Inclán provavelmente cursou alguma disciplina. Brañas defendia um projeto regionalista descentralizador que pretendia recuperar a essência do galego; ou seja, propunha o regresso a uma espécie de sociedade medieval tradicional, na qual se valorizava principalmente, tudo aquilo que impedia e atrasava econômica e socialmente a Galícia. Cf. ALBERCA, Manuel. & GONZÁLEZ, Cristóbal. Op.cit., p.51-52.

Em 1888, Valle-Inclán debutou na literatura ao publicar seu primeiro poema intitulado *Babel*, na revista *Café com Gotas*, de Santiago de Compostela. Em 1889, publicou o conto *A media noche*, no periódico *La ilustración ibérica* de Barcelona. Nesses anos se interessou pelo esoterismo e fez amizade com o doutor Manuel Otero Acevedo, com quem colaborou em alguns experimentos parapsicológicos. Após a morte de seu pai em janeiro de 1890, mudou-se para Madri, onde sobreviveu às duras penas. No *Heraldo de Madrid* publicou o seu conto *El mendigo* (edição de 7 de junho de 1891) e no *El Globo* aparecem seis artigos seus, entre agosto deste ano e fevereiro de 1892. Nesse mesmo ano, retornou a Pontevedra.<sup>39</sup>

A partir dessa volta à sua região, Valle-Inclán decidiu abandonar os estudos e realizar uma viagem para o México: embarcou no navio *Havre* em 12 de março de 1892, chegou no dia 8 de abril no porto de Veracruz e, poucos dias depois, já estava na capital.

Essa permanência no México, país “exótico”, deixou marcas profundas no jovem espanhol: quando retornou à Espanha e se fixou em Madri, andava pelas ruas e cafés vestido com um poncho e um grande chapéu mexicano.

A escolha da viagem ao México se explica pelo fato que o país recebera uma grande leva de emigrantes galegos. Desde a segunda metade do século XIX a Galícia conhecia uma grave crise no setor industrial doméstico, o ramo dos tecidos de linho feitos manualmente - que era um dos grandes produtos da região – já não podia concorrer com os tecidos de algodão e de linho produzidos industrialmente. Muitas famílias encontravam-se em situações difíceis porque não tinham outros setores de atividades para compensar a mão de obra deste setor. Ao lado da crise nesse setor, apresentou-se a crise do setor agrícola entre os anos de 1850 a 1860 que

---

<sup>39</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. Op. cit., p. 250.

desestabilizou a economia rural galega. Também o serviço militar, fez com que as famílias à época das optassem pela imigração.

No final do século XIX, os espanhóis naturalizados mexicanos durante o porfiriato buscavam a possibilidade de introduzir-se na vida cultural e política da República Mexicana tanto ao trabalhar na redação de periódicos ou diários como também na pedagogia, junto às Universidades, na pintura, no teatro, nos espetáculos, juntando-se principalmente à classe mais privilegiada do porfiriato.<sup>40</sup>

Entre 1821 a 1877, ocorreu o primeiro grande fluxo migratório de galegos para a Cidade do México. Nessa época, houve um aumento da população na Galícia, que ainda não havia se industrializado e estava isolada, pois encontrava-se distante das redes ferroviárias espanholas. O segundo grande fluxo ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, e se produziu entre 1920 e 1970. Nessa época, como veremos mais a frente, a Espanha já desenvolvia uma política oficial de maior aproximação com as suas ex-colônias, através de criação de centros Ibero-americanos, e no caso dos galegos, o Centro Gallego de México, no qual se difundia as especificidades da cultura galega aos interessados.<sup>41</sup>

Assim, Valle-Inclán buscou no México um lugar propício para se fazer fortuna na América, ou de iniciar a sua carreira como literato. Como podia contar com a hospitalidade de parentes que viviam no país, sua estadia se tornava mais fácil.

Recém chegado à cidade do México, logo se deixou contagiar pelo gosto dos mexicanos de se envolver em polêmicas e logo deu provas de sua habilidade nesse

---

<sup>40</sup> GONZÁLEZ, A. V. **La emigración gallega. Migrantes, transporte y remesas.** In SÁNCHEZ ALBORNOZ, N. (Org.). *Espanoles hacia América.* La emigración en masa, 1880-1930. Madri: Alianza Editorial, 1988, p. 80-104.

<sup>41</sup> SÁNCHEZ-ALBORNOZ, N. (Org.). **Espanoles hacia América.** La emigración en masa, 1880-1930. Madri: Alianza Editorial, 1988, p.35-38.

sentido. A oportunidade surgiu quando o diário *El tiempo* publicou, no dia 12 de maio de 1892, uma carta assinada com o pseudônimo “Óscar”, por meio da qual esse autor anônimo atacava os *gachupines*.<sup>42</sup> Valle-Inclán não perdeu a oportunidade de se promover e se dirigiu ao diretor do jornal, exigindo um duelo com aquele que se escondia por trás do nome de “Óscar”. O diretor se negou a revelar quem de todos aqueles que estavam na redação era “Óscar”. Valle-Inclán se impacientou e lançou a seguinte ameaça: “Señor mío, se acabaron ya los tiempos de tirar la piedra y esconder la mano. En asuntos de honor, ya no se admiten esas camandulerías. Espere usted la visita de dos caballeros. Quede usted con Dios”<sup>43</sup>. “Óscar” era o próprio Valle-Inclán.

Além desse episódio, meteu-se em muitas outras confusões que resultaram em “surras” prisões e multas”.<sup>44</sup>

Instalado, com apoio de parentes, na capital, Valle-Inclán começou a colaborar no periódico *El correo español*, porta-voz da colônia espanhola na cidade e, ao mesmo tempo, no *El Universal*, jornal no qual ingressou graças a uma carta de apresentação de algum parente ou amigo da família. Na redação desse importante periódico, entrou em contato com boa parte da intelectualidade mexicana.

---

<sup>42</sup> A palavra *gachupín* se popularizou na América hispânica entre os séculos XVI e XVII para designar o espanhol que havia enriquecido nas Américas em contraposição ao termo *criollo* que dava conta apenas do espanhol estabelecido na América. A palavra teve uma grande difusão no México e na América central justamente com esta acepção de “espanhol enriquecido” e foi usada como bandeira dos independentistas do século XIX através de dizeres como “Mueran los gachupines”. Valle-Inclán se valeu desse termo para se referir aos *hacendados criollos* que perderam terras na Revolução Mexicana, e também, posteriormente, em seu romance *Tirano Banderas* como mostra Antonio Alatorre em seu estudo sobre o significado dessa palavra. ALATORRE, Antonio, **Historia de la palabra gachupín**. In E. Luna Traill (coord.), *Scripta Philologica in honorem J. M. Lope Blanch*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 1992, vol. II., p. 275-303.

<sup>43</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p. 39.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 58-60.

Em novembro de 1892, voltou para Veracruz, convidado para co-dirigir um diário da colônia espanhola que vivia na cidade e nela “fizera fortuna”, chamado *La crónica mercantil*. As colaborações na imprensa garantiram o sustento durante os doze meses em que viveu no país. Segundo grande parte dos historiadores literários estudiosos de sua obra, foi a partir dessa aventura que o autor vislumbrou o seu caminho como intelectual. Segundo Alfonso Reyes, “as marcas profundas deixadas por essa primeira viagem de Valle-Inclán ao México teve a virtude de acender para sempre a lâmpada de sua vocação literária”.<sup>45</sup>

Em 25 de março de 1893, Valle-Inclán embarcou de volta da Espanha, fez uma breve parada em Cuba, chegando à sua pátria natal um mês depois. A partir de então, viveu em Pontevedra com sua família e passou a frequentar os círculos literários da cidade – principalmente, os que ocorriam na *Casa del Arco* - centro da vida literária local. Nessa casa, o jovem escritor assistiu a muitas reuniões literárias e muito se valeu da biblioteca que costumava estar em dia com as vanguardas da época.

A partir dessa experiência, Valle-Inclán passou a reescrever relatos escritos anteriormente que formariam o seu primeiro livro: *Femeninas. Seis historias amorosas*, publicado em 1895. Essa obra foi notadamente influenciada por Eça de Queirós (1845-1900) e D’Annunzio (1867-1916).<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> REYES, Alfonso. “**Presentación**” a **Ramón del Valle-Inclán**. *Publicaciones periodística anteriores a 1895* (edición, prólogo y notas de W.L. FICHTER). México: El colégio de México, 1952, p.7.

<sup>46</sup> SOLER, Manuel Aznar. **Ramón del Valle-Inclán**. In. MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.263.



### **1.3. Madrid: a presença de Valle-Inclán nas tertúlias literárias madrilenhas**

Segundo o *Diario de Pontevedra*, Valle-Inclán chegou em Madrid no dia 16 de Abril de 1895. Conseguiu um modesto cargo no “Ministerio del Fomento”, arranjado por um amigo da época estudantil em Santiago de Compostela - Augusto Gonzáles Besada – que se tornara político destacado do partido conservador. Vivendo com baixa renda, passou por dificuldades financeiras que não o impediram de frequentar *Cafés* e outros espaços nos quais ocorriam as *tertúlias madrilenhas* que lhe permitiram se aproximar de escritores e artistas. Mesmo vivendo em condições precárias, escreveu o segundo livro *Epitalamio*, financiado por ele mesmo e publicado em 1987; também escreveu rascunhos que formariam, posteriormente, *Sonatas*, sua obra mais bem acabada no que se refere à estética modernista do final do século.<sup>47</sup>

Nessa época, Valle-Inclán tomou uma decisão que direcionou sua trajetória literária, ou seja, dedicar-se exclusivamente à literatura. Naquela época, a maioria dos escritores colaborava na imprensa jornalística e seus ganhos dependiam desse tipo de trabalho. No entanto, o autor considerava que trabalhar no jornalismo implicava em perda da independência de criação e impunha limites à possibilidade de aprimoramento do seu estilo.

---

<sup>47</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p. 68-71.

Na verdade, ao longo de toda sua trajetória, Valle-Inclán só publicará na imprensa algumas críticas literárias, algumas cartas sobre a situação política e social e fragmentos de suas próprias produções literárias.<sup>48</sup>

Madrid havia se consolidado como sede intelectualidade espanhola e ali proliferavam novas correntes de cultura crítica.<sup>49</sup> Além de abrigar as principais instituições culturais como *Universidad Central*, as *Reales Academias*, o *Ateneo de Madrid* também acolhia espaços informais, como as “tertúlias literárias” que, geralmente, aconteciam nos cafés, representavam uma autêntica ante-sala introdutória dos círculos intelectuais madrilenhos; através delas, era possível entrar em contato com as mais diversas correntes de pensamento intelectual e artístico, como nos mostra o autor Martínez Martín.<sup>50</sup>

Valle-Inclán se notabilizou por suas críticas às instituições culturais mas nunca criticou o *Ateneo de Madrid*. A “*docta casa*”, como ficou conhecida, foi para o autor um espaço no qual se sentiu acolhido e onde pode se dedicar à discussão de todo tipo de temas. Como mostra García Martí, o *Ateneo*, no princípio do século XX não era um clube social ou político; tampouco era uma Academia ou uma Escola de altos

---

<sup>48</sup> RODRÍGUEZ, Juan (Coord.) **Ramón María del Valle-Inclán: taller de investigaciones valle-inclanianas**. Madrid: Eneida, 2000, p. 16.

Entre 1896 e 1905, Madrid e Barcelona concentravam cerca de 50% da atividade da imprensa, razão pela qual ai se concentraram os intelectuais. Sobretudo em Madrid, uma vez que grande parte dos rendimentos desses intelectuais advinha de suas colaborações em grandes veículos da imprensa localizados na capital. BOTREL, Jean François. **Las condiciones de la producción cultural**. In. MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.40-49.

<sup>50</sup> As mudanças de condições econômicas pelas quais passaram Madrid no início do século XX contribuíram para o desenvolvimento da grande imprensa de circulação diária; o mercado editorial e a difusão dos livros também aumentaram, permitindo que o os ecos dos debates ocorridos nas tertúlias literárias fossem amplificados. MARTÍNEZ MARTÍN, J.A. **Vivir de la pluma – la profesionalización del escritor (1836-1936)**. Madrid: Editorial Marcial Pons, 2009, p. 171-172.

estudos, também não era uma Biblioteca ou Sala de Conferências, “era um pouco de tudo isso: uma instituição mista que reunia todos esses aspectos”.<sup>51</sup> O *Ateneo* representava, ainda, um ponto de encontro de intelectuais e artistas que conseguiam difundir, nesse espaço, os seus trabalhos e comentar as novidades da crítica, mas também colocar-se em contato com um público qualificado. Os jovens de província que chegavam à capital, com pretensões literárias, não hesitavam em procurar o *Ateneo*. Segundo Garcia Marti:

“Aquella juventud encontraba, por duros al mes, en primer término, todo lo que le negaban las sórdidas casas de huéspedes de Madrid: calefacción, salones medianamente confortables y una magnífica biblioteca. En segundo lugar, un reglamento abierto a todas las posibilidades de la rebeldía y la indisciplina juveniles, con ejercicios oratorios a diario en las múltiples discusiones, según las aptitudes de cada cual: científicas, literarias, artísticas o simplemente de intriga y habilidad en las Juntas generales, abundantes y acaso cotidianas.”<sup>52</sup>

As tertúlias literárias do *Ateneo de Madrid* aconteciam, sobretudo, na sala denominada “*la cacharrería*”. Em torno de Valle-Inclán, se sentavam, habitualmente, Luis Araquistáin, Ramón Pérez de Ayala, Enrique Mesa, Luiz de Zulueta, Enrique Díez Canedo e Ángel Vegue y Goldoni. Os outros participantes da tertúlia, atraídos pelo tom maledicente das conversas valleinclanescas, eram estudantes e jovens ateneístas, que lentamente engrossavam o coro dessa tertúlia até chegar a sua plenitude nas últimas horas da noite.<sup>53</sup>

Em Madrid, nesse momento, Valle-Inclán começava a conquistar uma certa notoriedade pública. Grande parte dessa notoriedade não aconteceu devido a seus

---

<sup>51</sup> GARCÍA MARTÍ, V. *El Ateneo de Madrid (1835-1935)*. Madrid: Dossat, 1948, p. 236.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p.205-206.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p.219-220.

escritos, mas sobretudo pela sua figura pública de polemista e pelas características *romanescas* que o autor passou a adotar.

Nesse momento, Valle-Inclán rompeu com o paradigma do intelectual consagrado no início do século XX que pressupunha atuação política engajada. Mas a partir desse rompimento não assumiu a postura do intelectual formal da academia.

Segundo Amparo de Juan Bolufer, que procurou definir Valle-Inclán como intelectual,

[...] o intelectual não é o homem que pensa, mas sim o que comunica seu pensamento pelo meio que puder, e Valle-Inclán utiliza muitas outras fórmulas estabelecidas de compromisso do intelectual, tais como os artigos de opinião, os manifestos políticos, as entrevistas, conferências, convocatória de atos políticos, homenagens, banquetes, etc. Suas palavras recolhidas pela imprensa configuram assim a sua voz e sua personalidade.<sup>54</sup>

Segundo o historiador espanhol Carlos Serrano, o termo intelectual apareceu como substantivo no vocabulário político e social espanhol entre 1895 e 1900, com um sentido de contestação próprio dos ares de renovação que caracterizaram o campo das idéias após os episódios de 1898.<sup>55</sup>

Valle-Inclán, nesse período, assumiu uma postura provocadora ao se apresentar como figura esquelética, de óculos, barba e cabelos longos, consumindo haxixe: o intuito da nova aparência era explicitar seu gosto pelo ocultismo, misticismo e pelo haxixe e, assim manifestar contestação à cultura convencional: dessa forma conseguia chamar atenção, causando certo furor, nos círculos intelectuais. *A persona*

---

<sup>54</sup> BOLUFER, Amparo J. **A Voz pública de Valle-Inclán: Documentos**. Madrid: Editorial Axac, 2013, p. 14.

<sup>55</sup> SERRANO, Carlos. **Pautas de la actuación Intelectual**. In: MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.51.

de Valle-Inclán começou a se converter em moldura para sua obra e, desse modo, angariou prestígio; no entanto, sua atitude demonstra que seu desejo de conquistar notoriedade, no início do século XX, era mais importante do que o desejo de conseguir a impressão de seus livros, como mostra Amparo de Juan Bolufer.<sup>56</sup>

Nesse sentido, podemos concluir que os *cafés* foram, naquele período, mais importantes como difusores das opiniões do que os periódicos. Eles constituíam um espaço privilegiado de estímulo para o diálogo intelectual, para o estabelecimento de relações sociais e políticas, para os contatos com editores, críticos de arte e periodistas, através dos quais conseguiam trabalho em redações, fonte importante de sobrevivência econômica dos escritores no período.<sup>57</sup> Era o espaço de circulação de ideias, mensagens que ali ganhavam ressonância para que os frequentadores pudessem se fazer ouvir e ganhar legitimidade na condição de intelectual. Foi nos *cafés* madrilenhos que Valle-Inclán conheceu seus melhores amigos daqueles tempos: o novelista e pintor anarquista, Ricardo Baroja, irmão do escritor Pío Baroja, Ruiz Contreras, que se tornou seu protetor, e Jacinto Benavente, responsável por introduzi-lo nos circuitos teatrais.<sup>58</sup>

Em 1899, Rubén Darío que já vivera antes em Madri, mas estava residindo na Argentina, voltou à capital da Espanha como correspondente do importante jornal argentino *La Nación*: Valle-Inclán conheceu o intelectual nicaraguense considerado

---

<sup>56</sup> Segundo a pesquisadora espanhola, Valle-Inclán teve “[...] uma forte presença pública na Espanha da virada do século[...]”. Mas afirmou que o escritor galego “assumiu muitas das funções de um intelectual através do que podemos chamar de uma voz pública”, ou seja, o que se caracteriza mais pelo discurso do que por artigos opinativos publicados em periódicos. BOLUFER, Amparo J. **A Voz pública de Valle-Inclán: Documentos**. Madrid: Editorial Axac, 2013, p. 12.

<sup>57</sup> Ibid., p.14.

<sup>58</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p. 68-71

introdutor da corrente literária *modernista* na América Latina, nas tertúlias madrilenhas. A partir desse momento, o poeta nicaragüense e o escritor galego estabeleceram uma amizade sólida e muito produtiva. Neste mesmo ano, aconteceu um dos episódios mais trágicos da vida de Valle-Inclán e que posteriormente seria tratado de forma romanesca: em uma tertúlia no *Café de la Montaña*, no dia 24 de julho, o escritor se envolveu numa briga com um de seus amigos, o jornalista Manuel Bueno, que revidou a agressão do amigo com sua bengala; a bengalada produziu uma lesão junto no cotovelo do escritor que acabou resultando na amputação do braço.<sup>59</sup>

No início de 1900, Valle-Inclán enfrentava grandes dificuldades financeiras: para se manter, traduziu a obra *La condesa romani* de Alexandre Dumas (1802-1870), e fez uma adaptação novelesca da obra teatral *La cara de Dios*, do dramaturgo Carlos Arniches (1866-1943), que foi publicada em formato de fascículos. Por indicação de seu amigo Ruiz Contreras, mudou-se para o mesmo edifício em que vivia o socialista e catedrático de psicologia, o doutor José Verdes Montenegro; este por sua vez, apresentou-lhe a José Ortega Munilla, pai de Ortega y Gasset, diretor de *Los lunes*, suplemento do jornal *El Imparcial*. O diretor do suplemento convidou Valle-Inclán para publicar artigos semanais.

---

<sup>59</sup> Segundo relatos, na tertúlia do “Café de la Montaña” daquele dia, estavam discutindo sobre um duelo pendente entre dois conhecidos do grupo. O jornalista Manuel Bueno e alguns outros escutavam o discurso de Valle-Inclán, porque estavam na mesa ao lado. De repente, num momento da discussão, Manuel Bueno interveio para contradizê-lo e a conversa esquentou; sentindo-se ofendido, Valle-Inclán o ameaçou com uma garrafa e Bueno se defendeu dando-lhe bengaladas. O que era uma simples rixa, teve graves consequências: além de uma ferida na cabeça que sangrava, os golpes no antebraço esquerdo fragmentaram o osso em pedaços muito pequenos, provocando numerosas feridas internas. Em 12 de agosto de 1899, na casa de saúde de Santa Tereza, o doutor Manuel Barragán amputou o braço gangrenado. Apesar do acidente, o escritor se reconciliou com Manuel Bueno que colaborou com Valle-Inclán na adaptação de obras teatrais e participou da homenagem feita ao autor pela revista *La Pluma* em janeiro de 1923. In. ALBERCA, Manuel. & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p.11-12.

Tornar-se colaborador do *El Imparcial* representou um ponto de inflexão na trajetória literária de Valle-Inclán: abandonou a decisão radical de prescindir do jornalismo para se dedicar integralmente à literatura e passou a colaborar, com regularidade em *Los lunes* publicando crônicas, contos, poesias ou fragmentos de diálogos dramáticos.

A partir de 1902, Valle-Inclán passou a frequentar tertúlias no “Nuevo Café Levante”, que aglutinava as figuras mais relevantes do momento cultural madrilenho e intelectuais estrangeiros que passavam pela capital. Figuravam entre os participantes dessa tertúlia, Rubén Darío, Santos Chocano, Jacques Chaumié, Schimitz, Ricardo Baroja; os pintores Miguel Nieto, Zuloaga, Romero de Torres, Penagos, Rusiñol e estrangeiros como Matisse e Diego Rivera.

Como se pode notar, as tertúlias literárias marcaram a trajetória de muitos intelectuais, inclusive a de Valle-Inclán. Grande parte desses intelectuais que participavam das Tertúlias, após o famoso episódio de 1898, definido como o “Desastre” porque simbolizou a decadência e o fim do Império Espanhol, esses autores ficaram conhecidos posteriormente como “Geração de 98”. Cabe lembrar que o conceito tem sido alvo de muitas discussões ao longo dos últimos anos na historiografia, que não cabe aqui explicitar. Mas consideramos necessário apresentar, brevemente, um esclarecimento sobre essa discussão para que se possa compreender a reaproximação da América Hispânica com a Espanha e a posição assumida por alguns intelectuais nesse debate, especificamente Valle-Inclán.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Cabe mencionar a origem do conceito “Geração de 98”. Em 1899, começou a circular nos periódicos espanhóis uma idéia de geração de intelectuais e escritores nascida a partir da crise do fim do século que surgiu como protesto contra a crítica vivida na Espanha após a derrota na Guerra e o fim do Império. Quase dez anos depois, em 1908 – ocorreu um embate entre dois intelectuais espanhóis muito importantes Maeztu e José Ortega y Gasset: a partir dessa contenda foi cunhado o termo “Generación

#### 1.4. A “Geração de 98” – o “Desastre” e a reaproximação com a América Hispânica.

O nome de Valle-Inclán está intimamente ligado à chamada “Geração de 98”. Grande parte da historiografia atual sobre o tema, tem colocado o ano de 1898 como o símbolo do final do Império colonial espanhol na América, decorrente das Guerras que foram travadas em Cuba entre 1895-1898 e resultaram na independência da Ilha a partir da intervenção militar norte-americana. Este episódio representou a ascensão dos Estados Unidos como grande potência imperialista na América e marcou o fim do decadente imperialismo espanhol.<sup>61</sup>

Os historiadores também se referem à data de 1898 como catalisadora do que definem como “crise do fim do século” situada entre 1895 e 1902. Segundo essa historiografia, a crise significou o fecho dos processos de Independência das colônias espanholas que ocorreram, sobretudo, entre 1810-1824, mas só se completaram no final do século XIX. Referem-se às tentativas de “emancipação mental” após a emancipação política das ex-colônias. Inúmeros intelectuais e políticos hispano-americanos, defenderam a necessidade de “imitar” o modelo de emancipação norte-americana que permitira a construção de um país desenvolvido do ponto de vista,

---

del 98”. O filósofo Ortega y Gasset procurava, nessa contenda, demarcar um território de distanciamento das ideias de autores consagrados como Ramiro de Maeztu, mas sobretudo Miguel de Unamuno. Também nesse ano (1908), Gabriel Maura, político e historiador espanhol, membro do Partido Liberal-Conservador, utilizou o termo “Generación del Desastre”, para se referir aos mesmos intelectuais. INMAN FOX, Edward. **La generación del 98: crítica de un concepto**. In: MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.16-30.

<sup>61</sup> Tomo com referência, neste aspecto, as considerações de Maria Helena Capelato em seu artigo de 2003. CAPELATO, Maria Helena R. **A data símbolo de 1898, O impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica**. *História*. São Paulo, v.22, n.2, 2003, p.36.



econômico, político e cultural. No entanto, 1898 representou um momento de inflexão nessa tendência imitativa em relação aos Estados Unidos, pois mesmo os hispano-americanos defensores dessa tese se sentiram ameaçados pela possibilidade intervenção norte-americana em seu país.<sup>62</sup>

A derrota espanhola de 1898 também possibilitou o fortalecimento dos laços entre a “decadente metrópole peninsular” e suas antigas colônias americanas. Vozes dos dois lados do Atlântico passaram a clamar pela unidade dos países irmãos, que partilhavam uma origem e cultura comum, para fazer frente ao poderoso e ameaçador vizinho do norte.<sup>63</sup> O “Desastre de 98” aproximou Espanha e América Hispânica e tal aproximação tornou possível superar antigas suscetibilidades das ex-colônias em relação à Metrópole e, assim estabelecer novas formas de contatos que permitiram superar antigas hostilidades e a construção de novos nexos de identidade.

Essa reaproximação entre Espanha e a América Hispânica se deu, em grande parte, no plano ideológico e cultural. Neste sentido, a data de 1898, que envolveu hispânicos dos dois lados do Atlântico, contribuiu, de alguma forma, para a aproximação de intelectuais espanhóis e hispano-americanos que possibilitaram a troca de ideias a partir perspectivas comuns.<sup>64</sup>

Também nesse sentido de reaproximação entre Espanha e América Hispânica, a partir da experiência do “Desastre” de 1898, a autora Lourdes Royano afirma que a independência de Cuba não foi apenas uma derrota militar que trouxe consigo a perda

---

<sup>62</sup> O autor José Luis Abellán aborda esse fenômeno de inversão de expectativas ocorrida após o fim da guerra de independência de Cuba em 1898. ABELLÁN, José Luis. **La inversión histórico-cultural de España en relación con América Latina (1898)**. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.9-10.

<sup>63</sup> TORRECILLA, Jesús. **Modernidad y periferia: el exotismo de la Sonata de Estío**. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.231.

<sup>64</sup> CAPELATO. Op. cit. p.37.

das últimas colônias de ultramar. Tampouco significou a independência definitiva de um continente em relação à sua antiga metrópole. Mais do que isso, 1898 representou um momento conjuntural dentro do mundo hispânico que deu lugar a um diálogo enriquecedor entre escritores de uma e outra margem do Atlântico. Em sua grande maioria, os intelectuais do final do século XIX questionaram os valores de uma cultura expansiva — a anglo-saxã — cuja impetuosa modernidade se impôs sobre a tradição humanista da cultura latina que esteve na base da cultura ibérica. A discussão que se travou em torno da cultura saxã versus cultura latina serviu para unir espanhóis e hispano-americanos.<sup>65</sup>

Os autores da chamada “Geração de 98” insistiam, de alguma maneira, na necessidade da Espanha se renovar, abrindo-se em direção ao exterior: alguns defendiam a abertura para a Europa, atendendo aos chamados de europeização, outros em direção à América atendendo ao chamado americano de *hispanidad*.<sup>66</sup>

Os autores que mais lançaram seus olhares para a América Hispânica foram Miguel de Unamuno, Ramiro de Maeztu e Ramon del Valle-Inclán. Na América Hispânica, a defesa da aproximação em nome da *hispanidad* partiu de autores como Rubén Darío, José Enrique Rodó, Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes e José Vasconcelos.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Cf. observações feitas por Lourdes Royano a respeito dos intelectuais hispanoamericanos frente os problemas dispostos por 1898. ROYANO, L. (Ed.). **Fuera del Olvido: los escritores hispanoamericanos frente a 1898**. Santander: Universidad de Cantabria, 2000, p. 8.

<sup>66</sup> *Hispanismo* ou *hispanidad* é um princípio que se baseia na existência de uma “grande família” ou “comunidade” ou mesmo uma “raça” transatlântica que distingue todos os povos que em algum momento da sua história pertenceram à Coroa Espanhola. MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: FCE, 1992, p.15. Esse conceito será melhor esmiuçado no terceiro capítulo da presente dissertação.

<sup>67</sup> Esta classificação corresponde a que José Luis Abellán adota para dividir a geração de 1898 em dois grupos. ABELLÁN, José Luis. **La inversión histórico-cultural de España en relación con América**

Os intelectuais espanhóis mencionados, representantes da “Geração de 98” acabaram se aproximando da chamada Geração do Ateneo (mexicana).<sup>68</sup>

A “Geração do Ateneo”, segundo Carlos Monsiváis, pode ser caracterizada como aquela que se voltou contra a cultura imposta pelo porfiriato, recusando, tanto os valores do positivismo, como a política que justificava o regime ditatorial de Porfirio Diaz, que foi derrubado pela Revolução de 1910.

Defendiam a sobrevivência de uma cultura ocidental e universal (clássica, na sua origem), mas, na prática, não conseguiram romper inteiramente com a doutrina positivista que justificava a existência de um poder forte, capaz de controlar a ordem social e implantar a modernização capitalista. Como mostra Carlos Monsiváis, eles acabavam fazendo referências elogiosas a essa doutrina. Cabe mencionar sua observação:

[...] Los ateneístas no son nunca una ruptura declarada frente al positivismo. Disienten de la doctrina pero, de un modo básico, se consideran herederos de lo mejor de quienes la han sustentado. [...] Vasconcelos reconoce que las enseñanzas positivistas no sólo capacitaron a la civilización mexicana para las conquistas prácticas del orden económico

---

**Latina (1898).** In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.13. Contudo, muitos autores se referem às disparidades temáticas, políticas, ideológicas e estéticas entre os autores da chamada “Geração de 98”, o que torna, em alguns momentos, difícil defini-la como geração. Por esse motivo, confessamos nossa dificuldade em catalogar Valle-Inclán como expressão típica dessa “geração”, até porque, o autor estabeleceu muitos contatos com intelectuais classificados como pertencente a outras “gerações”. No fundo, o problema consiste no significado do termo “geração”, muito discutido, mas que não cabe entrarmos no mérito desse debate devido à natureza da pesquisa que estamos apresentando.

<sup>68</sup> O *Ateneo da Juventud* foi fundado em 28 de Outubro de 1909, embora seus principais participantes já tivessem o hábito de reunir-se bem antes disso. Jose Vasconcelos, um dos principais líderes do movimento, fez uma lista de participantes no evento, da qual constam: Pedro Henrique Ureña, Enrique Gonzalez Martínez, Martin Luiz Guzmán, Diego Rivera, Manuel Ponce, Alfonso Reyes, entre outros.

e industrial... sino que también en el orden mental nos legaron una disciplina insustituible.<sup>69</sup>

No México, a Geração do Ateneo iniciou uma busca do “ser nacional”, busca essa que orientou os primeiros ensaios publicados pelos autores dessa “geração”. A valorização das raízes significava, por um lado, recuperar as origens indígenas e, por outro, as origens hispânicas clássicas e modernas que representavam o encontro do nacional com o universal.<sup>70</sup> Tanto quanto a Geração de 98 espanhola – que, como já dissemos, redescobriu na América a esperança de futuro promissor após a queda do Império ultramarino – os intelectuais mexicanos do *Ateneo da Juventud* valorizavam, ao mesmo tempo, a tradição hispânica e a tradição indígena, que deram origem ao processo de formação do México. Os escritores da “geração de 98” e os do “Ateneo” haviam se dado conta de que, tanto o pensamento positivista como o metafísico representavam concepções superadas. Além disso, coincidiam na valorizavam das obras de escritores como Nietzsche, Schopenhauer, Kierkegaard, Bergson, entre outros tantos autores.

De certa forma, os dois grupos propunham uma renovação cultural, ou seja, uma mudança de atitude frente às circunstâncias históricas de seus países e procuravam estimular uma nova forma de sensibilidade literária e artística.

---

<sup>69</sup> MONSIVAÍS, Carlos. **Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX**. IN. História General de México. México: El colégio de México, 1970, p.328.

<sup>70</sup> Nessa questão específica, vamos de encontro às concepções de Arturo Solto Alabace, que aproxima as duas gerações de intelectuais. O autor considera que, embora cada uma delas estivesse debruçada sobre seus dramas “locais”, não perderam de vista uma concepção cosmopolita que orientava a busca do universal e valorizava o compromisso do intelectual com as questões do seu tempo. ALABACE, Arturo Solto. **La generación del 98 y la del Ateneo**. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.183-188.

No campo da literatura, grande parte dos escritores da Geração de 98 recusavam os cânones da geração anterior, ou seja, os do realismo literário. Os contatos ocorridos no final do século XIX e início do século XX, entre escritores da América Hispânica e da Espanha permitiram que eles compartilhassem as tendências estéticas modernistas. Graças a esses vasos comunicantes, Valle-Inclán se valeu do contato, sobretudo com Rubén Darío, para compreender que tipo de literatura estava sendo produzida pelas vanguardas da América Hispânica.

Grande parte dos autores que analisaram as tendências literárias da época, classificaram Valle-Inclán como pertencente aos dois grupos porque nas duas correntes havia uma preocupação com a regeneração da Espanha a partir da união da tradição espanhola com o universalismo cosmopolita.<sup>71</sup> Posteriormente, Pedro Henrique Ureña definiu esses escritores modernistas como “aqueles que buscavam essencialmente a renovação da expressão literária, rompendo com os velhos moldes de escrita e, ao mesmo tempo, defendendo a individualidade do escritor para que desenvolvesse livremente suas ideias.”<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Aqui vou de encontro as considerações de Maria Helena Capelato, ao recuperar Luis Lhera, quando refere-se o *modernismo* como uma forma hispânica de manifestação da crise universal das letras e do espírito, ocorrida a partir de 1885, com manifestações na arte, ciência, religião, política, tendo como fundamento mudanças históricas. O autor também considera que ambos os movimentos, o da “Geração de 98” e dos modernistas produziram um movimento político e literário de caráter nacionalista no sentido de interpretação da realidade nacional, mas aceitaram também as reformas estéticas, literárias, de caráter cosmopolita. CAPELATO, Maria Helena R. **A data símbolo de 1898, O impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica.** História. São Paulo, v.22, n.2, 2003, p.42.

<sup>72</sup> HENRIQUE UREÑA, Pedro. **Breve historia del modernismo.** México: Fondo de Cultura Económica, 1954, apud: GUERRERO, Obdulia, *Valle-Inclán y el novecientos.* Madrid: Editorial Magisterio Español, 1977, p.25.

É curioso notar que, embora tenha ocorrido na Espanha uma ruptura estética similar a que se produzira na América Hispânica, os espanhóis tendiam a recusar o modernismo como movimento aglutinador das duas culturas.<sup>73</sup>

No entanto, mais tarde os espanhóis compreenderam que recuperar o modernismo dos dois lados do Atlântico significara recuperar a unidade entre duas culturas que tinham origem comum. Essa compreensão mais profunda se deu em decorrência da acolhida dos espanhóis exilados pela Guerra Civil, que encontraram no continente americano hospitalidade e solidariedade.

Valle-Inclán, como representante tanto da “Geração de 98” como da “Geração modernista” hispanoamericana no que dizia respeito às concepções estéticas, buscava encontrar uma imagem da Espanha distinta da que era conhecida e, com esse objetivo, procurou encontrar, através da história, elementos que permitiriam recuperar o homem genuinamente espanhol, ou seja, o homem ibérico. Nessa procura das origens culturais, ou autor deixava de lado os traços do classicismo e do barroco ibérico, indo em busca dos romanos considerados expressão primeira da “alma espanhola”. Essa inversão das origens feita com o objetivo de definir a identidade hispânica autêntica, produziu mudanças no vocabulário e na sintaxe que acabaram influenciando as perspectivas estéticas.<sup>74</sup>

Pouco a pouco, a valorização da tradição latina ganhou corpo tanto na América Hispânica, quanto na Espanha e junto com ela ocorreu a construção de uma imagem negativa dos Estados Unidos. Foi nesse contexto que surgiu a imagem negativa dos EUA: o autor francês, Ernest Renan, criou o símbolo de Calibán para

---

<sup>73</sup> ABELLÁN, José Luis. **La inversión histórico-cultural de España en relación con América Latina (1898)**. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p.15.

<sup>74</sup> GUERRERO, Obdualia. **Valle-Inclán y el novecientos**. Madrid: Editorial Magisterio Español, 1977, p. 31-32.

caracterizar os norte-americanos. O termo se difundiu e o poeta Rubén Darío, em visita a Nova York, em 1893, declarou que Calibán reinava na ilha de Manhattan, em São Francisco, em Boston, em Washington, em todo o país.<sup>75</sup> Darío foi um dos porta-vozes mais veementes desse anti-norteamericanismo: em 1898, escreveu um breve texto intitulado “El triunfo de Calibán”, no qual caracterizou os norte-americanos como “bárbaros, comedores de carne crua, ciclopes, bestiais, grosseiros que vão por suas ruas empurrando-se e roçando-se de forma animalesca, à caça do dólar”.

Do encontro entre as concepções de Rubén Darío com as dos intelectuais espanhóis Miguel de Unamuno, Maeztu, Baroja e Valle-Inclán, resultou o interesse desses autores em conhecer o mundo ibero-americano. O parentesco entre Espanha e América Hispânica contribuiu para a formulação de uma aproximação espiritual entre os povos de língua castelhana. Rafael Altamira, que também se destacou pela preocupação com a América, propôs políticas culturais visando maior contato entre esses dois mundos. Enfatizou a necessidade de fazer crescer o prestígio espanhol entre os povos americanos de origem hispânica e convencê-los da importância de conviverem através de laços espirituais.<sup>76</sup>

Naquele momento, a Espanha, filha de Roma e irmã da França, passou a ser vista como parte de uma verdadeira tradição ibero-americana: a tradição latina. Outros autores assumiram a defesa da latinidade. Vargas Vila escreveu que as possibilidades de sobrevivência dos países latino-americanos estavam relacionadas com sua capacidade de conseguir a união com a “Mãe Pátria” e a aproximação com a “Itália e a França, as filhas mais velhas da raça. Neste caso, a palavra raça não tinha uma

---

<sup>75</sup> CAPELATO, Maria Helena R. **A data símbolo de 1898, O impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica**. História. São Paulo, v.22, n.2, 2003, p.47.

<sup>76</sup> Ibid., p.47-48.

conotação étnica pois estava relacionada à civilização e ideais compartilhados. Foi nessa atmosfera cultural que se gestou *Ariel*, obra publicada em 1900 pelo uruguaio José Antonio Rodó, que levou mais longe a contraposição entre anglo-saxões e latinos.<sup>77</sup>

A idéia de unidade programática da chamada “Geração de 98” entre perspectivas políticas e estéticas é questionável, sobretudo quando nos detemos nos escritos epistolares e nas tertúlias literárias. Neles encontramos os debates sobre o lugar da “civilização e da barbárie”; sobre as tensões entre uma busca pelas raízes latinas e cristãs para regenerar a Espanha e outra que enxergava na “europeização” a solução para os males que afligiram o país no início do século XX. Observamos, nesses debates, ideias que nem sempre são uníssonas quanto a um tema específico, como é o caso das filiações aos aliados ou ao eixo na época da Primeira Guerra Mundial, ou em relação ao apoio ou rechaço à Revolução Mexicana, só para citar alguns pontos através dos quais as ideologias políticas se confrontavam chegando a se tornar diametralmente opostas.

Essas tensões internas entre os intelectuais da Geração de 98 dificultaram a formação de um projeto nacional, aspiração de grande parte deles. Muitos desses intelectuais buscaram desempenhar o papel de intermediários ou de árbitros da questão social. Nesse sentido, o projeto nacional concebido pelos intelectuais demonstrava falta de coerência ideológica e política.<sup>78</sup> É importante ressaltar que além

---

<sup>77</sup> *Ibid.*, p.48.

<sup>78</sup> Na abordagem desse aspecto, vamos de encontro às propostas de Carlos Serrano, quando o autor afirma sobre a dificuldade de se conceber um projeto nacional comum entre os diversos intelectuais da geração de 98. Carlos Serrano também aponta para as mudanças de posição política e ideológica em um curto espaço de tempo, o que dificulta ainda a adoção da idéia de um projeto nacional comum a esses autores. SERRANO, Carlos. **Pautas de la actuación Intelectual**. In: MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.55-58. Nos valem, também, das reflexões de Adolfo Sanchez Vázquez a respeito da ausência de consciência



de intervirem no plano das idéias com suas atitudes e obras, esses intelectuais de 98 também tiveram uma ação direta na política, como é o caso de Valle-Inclán que se filiou a *Acción Republicana*<sup>79</sup> e tentou se eleger deputado pelo distrito de La Coruña, nas eleições de 1931, mas que não obteve sucesso.

## 1.5. Lentes esperpênticas: a experiência na Primeira Guerra

### Mundial

No verão de 1912, Valle-Inclán isolou-se na Galícia, com a intenção de concluir o drama *El embrujado* que não recebera autorização para estrear no “Teatro Español” de Madri, pelo seu diretor Benito Pérez Galdós. Nesse ano, também foi publicada *Voces de gesta*<sup>80</sup> e, além disso, Valle-Inclán assinou um contrato com a

---

de grupo com relação às questões políticas entre os membros da “Geração de 98”. VÁZQUEZ, Adolfo. S. **Los de 98 y la política. In 98: Derrota Pírrica.** México: Fondo de Cultura económica, 2000, p.31-41.

<sup>79</sup> *Acción Republicana* foi um grupo político progressista e republicano fundado por Manuel Azaña em 1925. Integrada por intelectuais, alguns deles procedentes do Partido Reformista, como Ramón Pérez de Ayala, José Giral, Luis Jiménez de Asúa, Luis Araquistain, etc. Entre as bandeiras do partido, se destacavam: a idéia de um Estado e de uma educação laica, o compromisso da reforma agrária e da reforma do Exército. Em 1934, se fundiu com outros partidos afins para criar a Izquierda Republicana. Como organização, integrou a Alianza Republicana, participando do Pacto de San Sebastián para derrotar a Monarquia de Alfonso XIII, que implicaria na construção e consolidação da Segunda República. BARRIO ALONSO, Ángeles. **La modernización de España (1917-1939). Política y sociedad.** Madrid: Síntesis, 2004.

<sup>80</sup> Conforme definição do dicionário da Real Academia Espanhola, a palavra *gesta* significa um fato ou um conjunto de fatos memoráveis. *Voces de gesta* narra a história do Rei Carlino que governa com sabedoria as comunidades de pastores Vasco-Navarros, enfrentando as invasões e roubos dos exércitos do rei pagão e anti-carlino. O Rei pagão tortura até à cegueira a pastora Ginebra - emblema da vila - que também é estuprada, chegando a engravidar de um dos capitães invasores. O capitão, depois de dez anos, retorna para matar seu próprio filho, Garin, que estava tentando defender sua mãe. Ginebra em

casa editorial de Madrid chamada *Pelado, Paéz y Cía.*, que se comprometeu a publicar suas obras completas com o título de *Opera omnia*.<sup>81</sup> Como se pode notar, esse foi um ano alvissareiro para o escritor.

Durante o período em que Valle-Inclán se estabeleceu na Galícia (entre 1912 e 1925), ele e sua família residiram em diferentes lugares da região. No entanto, continuou mantendo contato com os intelectuais de Madri porque sua carreira dependia da Capital: viajou várias vezes para a capital e chegou a passar longas temporadas longe de sua família.

Em 1913, teve início a publicação de suas obras completas, *Opera omnia*. Mas foi nesse mesmo ano que apareceram os primeiros sintomas de uma doença grave na bexiga que o molestou até o final de seus dias. Desde então, o autor enfrentou problemas familiares que muito o abalaram: em, 1914, nasceu o segundo filho do casal, em Madri, que faleceu três meses depois em decorrência de um acidente. Valle-Inclán ficou arrasado, pois o acidente fatal ocorrera quando ele estava fora de casa, cuidando de seus interesses editoriais e literários e, por esta razão, desenvolveu um enorme sentimento de culpa que transparece na carta que escreveu para Ortega y Gasset, logo após o acontecimento. Cabe mencionar algumas passagens:

No le escribí antes, porque no han faltado dolores desazones. Hace dos días enterré a mi hijito. Dios Nuestro Señor me lo llevó para sí. Ha sido el mayor dolor de mi vida. [...] Estoy acabado. Esto es horrible. ¡Que no sepa

---

vingança decapita o capitão e oferece sua cabeça ao rei Carlino, como um símbolo de que a derrota dos invasores já está próxima.

<sup>81</sup> ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p.149-150.

usted nunca de este dolor! La casa se me viene encima, y tampoco quiero, por ahora, volver a Madrid, donde nació mi niño hermoso que se murió.<sup>82</sup>

Nesse ano, em agosto, teve início a I Grande Guerra: Alemanha declarou guerra à França, avançando sobre este país e ocupando algumas regiões fronteiriças. A sociedade espanhola, incluindo os intelectuais e escritores, se dividiram no apoio aos “germanófilos” e “aliadófilos”.

Durante o conflito, Valle-Inclán tomou partido dos chamados “aliadófilos”, rompendo com os “germanófilos”; também assumiram essa posição outras personalidades do mundo cultural espanhol como Unamuno, Azaña, Pérez de Ayala, Galdós, Machado, Maeztu, Azorín, mas outros (a maior parte de sua geração, com exceção de Baroja e Benavente) se declararam “germanófilos”. Valle-Inclán, com apoio de seus companheiros, tomou a iniciativa de publicar um manifesto cujo título era “Manifiesto de adhesión a las naciones aliadas (Palabras de algunos españoles), O texto, assinado por vários intelectuais, ratificava o apoio de seu grupo aos Aliados. Foi publicado, em 5 de julho de 1915, no jornal *El liberal*.<sup>83</sup>

Após esse episódio, seu amigo e tradutor francês Jacques Chaumié convidou-o para ir visitar o front de combate em Paris. O escritor, na condição de espectador privilegiado do “teatro da guerra”, visitou, durante maio e junho de 1916, todos os cenários bélicos: Alsacia, Vosges, Champagne, Reims, Flandres, Verdun e passou pelas trincheiras dos soldados franceses. No final de junho voltou à Galícia e se dedicou à escrita de suas memórias através das quais expressava suas impressões sobre o conflito; elas foram publicadas, primeiramente, no diário madrilenho *El*

---

<sup>82</sup> HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p.121

<sup>83</sup> ALBERCA, Manuel. & GONZÁLEZ, Cristóbal. **Valle-Inclán – La fiebre del estilo**. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p. 165-166.

*Imparcial* e surgiu como livro no ano seguinte com o título *La media noche. Visión estelar de un momento de guerra* (1917). Esse breve volume foi muito importante porque significou uma tentativa de aplicar suas teorias estéticas.

Em fevereiro 1916, Valle-Inclán publicara *La lámpara maravillosa*, obra à qual o autor sempre atribuiu grande importância: ele a transformou no primeiro volume de sua *Opera Omnia*, ainda que a coleção de suas obras completas já tivesse começado a ser publicada anos antes. Trata-se de um ensaio estético, escrito como obra autobiográfica acrescida de reflexões sobre o evento artístico em geral e a literatura em particular. É, portanto, um trabalho central no corpus valleinclaniano porque foi a partir dela que o autor desenvolveu, de forma mais completa, sua proposta estética e perspectiva ética, presentes em suas obras literárias posteriores.

Valle-Inclán já era, nesse momento, um escritor de reconhecido prestígio considerado também uma autoridade como crítico estético de obras de artes em geral e se tornara uma figura pública na sociedade espanhola.

Em Julho de 1916, o Ministério da Instrução Pública e Belas Artes criou, na *Real Academia de San Fernando*, uma cadeira de Estética, nomeando Valle-Inclán como titular. A nomeação significou um reconhecimento público do escritor e um certo alívio para sua difícil situação econômica. No entanto, Valle-Inclán permaneceu pouco tempo na função devido à incompatibilidade do escritor com a vida acadêmica e com a burocracia. As poucas aulas que ele ministrou tiveram como cenário o Museo del Prado e as ruas de Madrid.<sup>84</sup>

1917 e 1918 foram anos muito conturbados: os conflitos na Europa se intensificaram e o fim da Guerra não significou o fim dos problemas na região.

---

<sup>84</sup> Ibid., p. 167-173.

O mapa da Europa se transformou significativamente e as condições materiais da região estavam muito deterioradas. Além disso, com o triunfo da Revolução Russa, a idéia de revolução se expandiu no Continente, mas foi rechaçada por grande parte dos intelectuais espanhóis da geração de 98. Nesse contexto, Valle-Inclán assumiu uma posição particular: embora, nesse momento, não tenha se manifestado a favor da revolução, tampouco se manifestou, publicamente, para rechaçá-la. Alguns anos depois, referiu-se à grandeza da “revolução”, mas sempre tentando não se comprometer claramente com a “causa” comunista.

Nesse período, Valle-Inclán já era uma figura central nas tertúlias literárias e também já era reconhecido por algumas polêmicas em relação ao teatro e por suas opções estéticas. Mas, acima de tudo, era um intelectual respeitado pela opinião pública espanhola e hispano-americana. Suas ideias políticas, manifestadas através de jornais e em suas conferências, eram bem acolhidas.

No entanto, não entraremos no mérito de suas posições políticas, nem pretendemos discutir suas perspectivas de natureza estética porque o interesse da nossa pesquisa é mostrar, como foi anunciado na Introdução, o significado das viagens que realizou pela América Hispânica, mais precisamente, para o México, que foram muito importantes para sua carreira intelectual. No próximo capítulo, analisaremos sua viagem ao México, em 1921, a convite do governo mexicano representado pelo Presidente Álvaro Obregón.

### **1.6 . 1920, o ano *mirabilis* de Valle-Inclán na Espanha**

Após o agitado período do final da Primeira Guerra Mundial, Valle-Inclán passou o ano de 1919 se dedicando exclusivamente à poesia – publicada

esporadicamente em jornais e revistas – e meditações que deram origem as suas obras posteriores, que tiveram grande impacto na década seguinte.

A Espanha vivia uma situação tensa em relação a questões sociais e políticos. Em Barcelona, se reuniram no dia 19 de Julho os deputados em Assembléia para discutir reformas urgentes e os operários anunciavam uma greve geral. Nesse contexto, houve um endurecimento do governo espanhol conservador de Alfonso XIII em relação ao crescimento dos movimentos sindicais e anarquistas, principalmente em relação às alas mais radicais. Nessa conjuntura, apareceu a notícia da prisão de seu amigo Corpus Barga<sup>85</sup> e do tradutor de suas obras para o francês, o embaixador Jacques Chaumié. A *Revista de España* noticiou a prisão do embaixador nos seguintes termos:

Se trata de la prisión de una personalidad extranjera provista de pasaporte diplomático. A pesar de sus protestas y de la repetida exhibición de sus credenciales fue conducida al Alfonso XIII en donde estuvo encerrada varios días. Un diputado de la misma nacionalidad, que acudió en su auxilio, también sufrió una detención de varias horas.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> A família de Corpus Barga foi íntima colaboradora da política de Juan Prim y Prats, militar e político espanhol que durante a revolução de 1868 se converteu em um dos homens mais influentes da Espanha, patrocinando a entronização da Casa de Saboya na pessoa de Amadeu I. A incursão de Corpus Barga na literatura se deu como periodista, narrador e poeta. Foi um dos participantes assíduos nas tertúlias literárias do *Café Levante* onde travou amizade principalmente com Valle-Inclán, Pio Baroja, e Azorin, mas também outros componentes daquele grupo de autores pertencentes à geração de 98. Em 1915, o periódico *La correspondência de España* o nomeou como correspondente em Paris; em 1916, acompanhou Valle-Inclán em sua viagem a Paris. Corpus Barga era, também, amigo de Jacques Chaumié, embaixador da França na Espanha, tradutor da obra de Valle-Inclán para a língua francesa e também seu amigo. Há indícios de que Corpus Barga e Jacques Chaumié foram presos juntos. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p.229-234.

<sup>86</sup> Esse texto circulou em forma de notícia na *Revista de España* de 25 de Outubro de 1919 com o título de “*Graves detenciones*”, e mesmo sem mencionar os nomes dá a entender claramente que se tratam de

O ano de 1920 representou a consagração definitiva de Valle-Inclán como escritor. Além de suas poesias, publicou quatro obras caracterizadas por uma intensa dramaticidade e considerada de qualidade excepcional.<sup>87</sup> Também foi nesse ano que Valle-Inclán passa a colaborar com Cipriano Rivas Cherif no *Teatro de la Escuela Nueva*.

Cipriano de Rivas Cherif foi um dos profissionais de teatro mais importantes, tanto no terreno da investigação, quanto da encenação, na Espanha antes de 1936. Foi crítico, professor de teatro e diretor cênico. Era cunhado de Manuel Azaña e pertencia ao grupo que se identificava com a Esquerda Republicana.

Assumiu a direção do *Teatro de la Escuela Nueva* cujos integrantes não se identificavam, nem com o *populismo* do teatro social, nem com o *esteticismo* de certos grupos elitistas e seletivos. Os representantes desse grupo teatral definiam a *Escuela Nova* nos seguintes termos:

La Escuela Nueva no es un partido político, ni menos una añagaza encubridora de proselitismos inconfesables. Sus fines, eminentemente sociales, sí tienden a borrar esa diferencia absurda que separa a labor del obrero manual de la intelectual, sin exigir a uno y otro ninguna abdicación de la personalidad... El Teatro de la Escuela Nueva, por ende, goza de absoluta autonomía artística y administrativa dentro de la agrupación, y si hemos querido decorar con nombre tal nuestro propósito es porque, aparte de la debida conmemoración del éxito a que debe su nacimiento y la simpática trascendencia que de tales títulos se deduce, por lo que significan de aprendizaje y de juventud, nuestra creencia de que el teatro es, ante

---

Corpus Barga e Jacques Chaumié, como depois Juan Antônio Hormigón nos faz crer. HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p.234.

<sup>87</sup> *Farsa de la enamorada del rey*, *Divinas palabras* – que já havia aparecido durante o verão de 1919 – e as primeiras versões de *Luces de Bohemia* e de *Farsa y licencia de la reina*.

todo, una acción social y por ello, la suma expresión artística, nos mueve a preferir beneficiarnos de su influjo a injertar en ella nuestra actividad.<sup>88</sup>

Intelectuais provenientes de campos ideológicos díspares, participaram de cursos e debates promovidos por essa instituição. Os objetivos do criador *do Teatro de la Escuela Nueva* – Manuel Núñez de Arenas – era construir uma alternativa cultural ampla, aberta, polêmica e criativa. Na conferência de abertura proferida por Manuel Nuñez de Arenas, esses objetivos foram resumidos da seguinte forma:

La transformación social no se engendra directamente por la cultura. Se engendra por la aplicación de la cultura. Y la aplicación de la cultura es acción inteligente...<sup>89</sup>

No dia 28 de agosto de 1920, Rivas Cherif publicou, no semanário *España*, um artigo com o título “Los Amigos de Valle-Inclán. Segunda carta abierta sobre un teatro nuevo”, em defesa de Valle-Inclán, referindo-se a ele como um dramaturgo que se preocupava com a plasticidade dos seus espetáculos teatrais e acrescentou:

[...] Pero la representación dramática es esencialmente plástica. Don Ramón del Valle-Inclán es tal vez el único escritor español que encuadra sus obras literarias en un ambiente pictórico. Ha de ser necesariamente un gran director de escena.<sup>90</sup>

A amizade de Rivas Cherif com Valle-Inclán decorria das afinidades relacionadas às questões que envolviam o teatro. Na única carta que Valle-Inclán

---

<sup>88</sup> Texto extraído de um longo artigo publicado pela revista *La Pluma* em 11 de Abril de 1921, e que expunha as intenções do Teatro de Escuela Nueva. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p.275.

<sup>89</sup> Ibid., p.276

<sup>90</sup> Ibid., p.276.



enviou a Rivas Cherif que encontramos - apesar de ser citado em outras tantas - Valle-Inclán refletiu sobre o tema do teatro, que parece central na sua trajetória como intelectual, tanto pelo número de peças escritas, quanto também dirigidas pelo escritor. A atividade teatral também foi importante do ponto de vista financeiro porque recebia soldos ao dirigir peças e, nesse ano de 1920, por conta de sua participação intensa junto à *Escuela Nueva de Teatro* obteve um aumento considerável em seus rendimentos.

Em 1920, a Espanha ainda enfrentava dificuldades financeiras decorrentes de problemas causados pela Primeira Guerra, e o “fantasma da escassez” de algumas matérias primas, ainda rondava o país. A escassez de papel afetou muito, não só a imprensa (jornais e revistas que tiveram grande aumento de preço), mas também o mercado editorial. Para Valle-Inclán, que já vinha editando os seus próprios livros, foi um golpe profundo.<sup>91</sup>

A escassez de papel gerou um debate entre escritores espanhóis e cabe destaque a posição pública defendida por Ortega y Gasset e Valle-Inclán. O filósofo espanhol Ortega y Gasset, defendeu publicamente em 29 de Julho de 1920, no periódico liberal *El Sol*<sup>92</sup> que o jornal “no puede aceptar la intromisión del Estado en la vida de la prensa, no habiendo como hay escasez de papel<sup>93</sup>”.

---

<sup>91</sup> Conforme nos indica Ángel Villaverde em seu livro sobre a história dos periódicos espanhóis. VILLAVERDE, Ángel Luis López e SÁNCHEZ, Isidro. **Historia y evolución de la prensa conquense (1811-1939)**. Cuenca: Ediciones de la Universidade de Castilla – La Mancha, 1998, p.143-144.

<sup>92</sup> *El Sol* foi um periódico madrilenho, liberal e regeneracionista, fundado em 1 de dezembro de 1917 por Nicolás María de Urgoiti, diretor da *La Papelera Española*, e que desapareceu com a Guerra Civil. Diante de um duplo interesse, um comercial e outro de caráter cultural e político, o seu fundador acabou encontrando em Ortega y Gasset um grande entusiasta e colaborador, que naquele momento

O problema central é a livre importação de papel, que Ortega y Gasset defende e que Valle-Inclán é contra, pois entende que ela poderia arruinar a indústria espanhola e seus escritores. Valle-Inclán entende que a crise do papel é em escala mundial, e sua atitude se justifica para proteger o mercado interno de papel na Espanha.

Em resposta a essa carta de Ortega y Gasset, Valle-Inclán publicou em 1 de Agosto de 1920, no diário *ABC*<sup>94</sup> de Madrid, uma longa carta expondo a sua posição, como podemos ver a diante:

[...] Ya ve usted mi querido amigo, que por esta vez ha sido injusto y cruel con nuestro angelical presidente del Consejo: Salvo que usted juzgue más conveniente la libre importación del papel que una prudente limitación del abuso. Yo, por mi parte, creo todo lo contrario. La escasez del papel el general en el mundo. La libre importación no resolvería el conflicto de los editores, y dañaría, en cambio, los intereses de la industria que, si hoy no tiene su primera materia en España, trabaja por tenerla.

Estamos en un momento crítico para el libro español, y cuantos vivimos de él y advertimos la escasez de papel no podemos menos de sentir despecho, dolor o cólera – yo siento las tres cosas – al hojear esas 16 páginas de *El Sol*, rellenas de noticias sin interés, artículos vacuos y provechosos anuncios, mientras el pensamiento español, que tiene en el libro su única y sazónada expresión, está condenada a mudez[...].

---

abandonou o *El Imparcial* para converter-se em seu principal colaborador. Cf. CRUZ SEOANE, María. **Historia del periodismo en España**. 3. El siglo XX: 1896-1936. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

<sup>93</sup> HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p. 212.

<sup>94</sup> O diário *ABC*, fundado em 1 de janeiro de 1903, por Torcuato Luca de Tena e Álvarez Ossorio, tinha em suas origens uma linha conservadora, monárquica e católica. Na época da Primeira Guerra Mundial, defendeu posições germanófilas e anos mais tarde durante a ditadura de Primo de Rivera se encontrava no grupo de publicações que apoiavam o regime. Cf. GÓMEZ MOMPART, Josep Lluís. «**Prensa de opinión / prensa de información**». En Paul Aubert, Jean-Michel Desvois. *Presse et pouvoir en Espagne, 1868-1975: colloque international de Talence, 26-27 novembre, 1993*. Casa de Velázquez. pp. 83–98.

Na leitura do epistolário de Valle-Inclán, muitas vezes se nota a forma direta de comunicar aos amigos as suas discordâncias em relação a determinadas posições assumidas por seus pares. Nessa carta, com o intuito de defender a posição de alguns escritores, Valle-Inclán se valeu desse recurso. Reprendendo Ortega y Gasset por ignorar a situação dos escritores na Espanha, afirmou:

Muy retirado debe vivir usted del mundo cuando hasta usted no han llegado las quejas de los escritores y editores de España.<sup>95</sup>

A preocupação de Valle-Inclán com a escassez do papel na Espanha, que ameaçava arruinar o mercado editorial e colocar a vida de escritores - como ele – em grandes dificuldades porque dependiam da comercialização de seus livros, era justificável. Nessa mesma carta, o autor mencionou uma notícia veiculada na imprensa, sem precisar quais os veículos, para dar embasamento a sua argumentação:

Pidiendo la libre importación de papel. Una representación de la Federación española de productores, comerciantes y amigos del libro, presidida por Don Mariano Núñez Samper, se ha presentado al ministro de Hacienda, solicitando la libre introducción por las Aduanas españolas de papel para toda clase de publicaciones. Esta solicitud se funda en la escasez de papel que se viene advirtiendo en el mercado y que está a pique de arruinar las industrias del libro en España.<sup>96</sup>

Em seguida, Valle-Inclán fez uma reclamação referente à conjuntura do mercado editorial que, naquele momento criava grandes dificuldades aos escritores que viviam de suas letras e, a propósito da situação, comentou:

---

<sup>95</sup> Ibid., p. 213.

<sup>96</sup> Ibid., p. 213.

Si usted fuese un hombre callejero, mi querido Ortega, se admiraría viendo cómo llevamos los tacones torcidos los pobrecitos escritores que antes podíamos vivir de nuestros libros.<sup>97</sup>

No entanto, esse ano - 1920 – também foi especialmente rico em termos de contatos de Valle-Inclán com outros intelectuais, muito por conta de sua produção literária e teatral. O acesso que tivemos a comentários feitos por intelectuais de prestígio, alguns deles estabelecidos em Madri, sobre a sua recente produção, mostram que ela foi muito bem recebida. Uma dessas figuras que faziam parte dessa rede de contatos era o escritor Juan Ramón Jiménez que tinha muitos amigos em comum com Valle-Inclán.

Valle-Inclán e Ramón Jiménez se conheceram em 1900 na capital. Em seu *Castillo de Quema* (1936), este autor narrou peripécias, daquele período, nas quais estava em companhia de Valle-Inclán e Ruben Darío. Nota-se que havia um respeito literário mútuo que ambos explicitavam, tanto no ambiente privado quanto público; Seus comentários sobre a amizade entre eles também permite perceber que ambos tinham hábitos bem distintos: enquanto Valle-Inclán frequentava os cafés e as tertúlias, Ramón Jiménez levava uma vida metódica e retraída, longe do tumulto mundano.

No dia 29 de julho de 1920, o amigo enviou uma carta a Valle-Inclán agradecendo o exemplar de *Divinas Palavras* que o autor lhe enviara e nela comentou que, dentre suas obras, foi a que mais havia gostado. Por esse motivo, fez longa reverência ao autor:

---

<sup>97</sup> Ibid., p. 213.

[...]Estoy volviendo a leer la maravillosa trajicomedia (sic), una de las obras de usted que más me gustan, desde luego, por su revuelta fuerza de invención, por su multiforme pasión interna, por sus colores, por su lenguaje y estilo, sintéticos de la jerga española (de todas las Españas).<sup>98</sup>

Nessa mesma carta, Ramón Jiménez mencionou Alfonso Reyes<sup>99</sup> como um amigo comum a eles e comentou que, em conversa recente com o diplomata e escritor mexicano, ambos comentaram que havia semelhanças entre as últimas obras teatrais de Valle-Inclán e o que vinha sendo feito pelos “*Irish Players*”, importante movimento modernista do teatro irlandês, que incorporava elementos do folclore e dos dialetos irlandeses na construção dos diálogos e das cenas.<sup>100</sup>

Também foi nesse emblemático ano de 1920 que o tema da Revolução Russa apareceu pela primeira vez vinculado ao nome de Valle-Inclán. Seu amigo Luis

---

<sup>98</sup> Trecho extraído da carta de Juan Ramón Jiménez enviada a Valle-Inclán em 29 de julho de 1919. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009., p. 252.

<sup>99</sup> No final de junho de 1919, apareceu no periódico *El Sol*, uma reportagem que levava o título “París-Madrid. Un viaje en el año 19”. Em 27 de julho de 1919, Juan Ramón Jiménez escreveu a Corpus Barga propondo a edição de um livro com as crônicas dessa viagem, comentando que vários amigos comuns custeariam essa edição. Entre esse amigo, citou Alfonso Reyes, Pedro Henrique Ureña, Enrique Díez Canedo, Justo Gómez Ocerín, e informou que a contribuição de cada um tinha sido de 39 pesetas. Contudo, pelos relatos de uma carta de 12 de Novembro de 1920, há referências de que Valle-Inclán estava passando por algumas dificuldades financeiras e não podia contribuir com o projeto, apesar de ser de seu interesse e do grupo ao qual estava bastante próximo na ocasião. HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p. 243.

<sup>100</sup> Trata-se de um movimento iniciado por três autores que deram início ao teatro irlandês moderno. Yeats se constituiu no mentor espiritual do movimento e seu impulsor. Os princípios básicos consistiam em um apaixonado nacionalismo e a incorporação de elementos folclóricos e do dialeto irlandês na construção dos diálogos e das cenas. Lady Gregory foi a sua tutora financeira que tornou possível a continuidade de suas apresentações e, como escritora, cultivou a farsa popular de intensa comicidade. O terceiro foi John Millington Synge, o primeiro grande autor descoberto pelo Abbey Theatre. Incorporou de maneira profunda a língua irlandesa, segundo Juan Hormigón. In. HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p. 253.

Araquistáin<sup>101</sup>, um socialista republicano, que tinha sido um dos idealizadores do Manifesto, assinado por vários intelectuais, em favor dos aliados em 1915, escreveu em *La Lectura* um artigo intitulado “*Valle-Inclán en la corte*”, no qual apontou alguns aspectos das posições políticas do autor.

Como Azorín, Valle-Inclán es un ardiente panegirista de la revolución rusa. Es curioso, en este orden, el paralelismo de estos dos escritores, que por reacción contra un ambiente chabacano, muerto, sin ideas ni hechos, como era el de la España de su formación, [...] buscan en la extrema derecha una posibilidad o un recuerdo de grandes actos [...]. Pero sobreviene un gran hecho como la revolución rusa, y el ciervista y el carlista se encienden de curiosidad y exaltados fervores al enfrentarse con una poderosa realidad histórica que colma los anhelos heroicos de su espíritu. Contradicción? Por debajo de los esquemas logísticos corre la profunda unidad psicológica. En último término, lo de Rusia, como todo, es una cuestión de imaginación.<sup>102</sup>

Embora seja a interpretação de um socialista sobre o pensamento político de Valle-Inclán a respeito da revolução, não deixa de ser relevante o fato do amigo ter chamado a atenção para um traço característico de Valle-Inclán, ou seja, as contradições manifestadas através de suas posições políticas: ora parecendo um fervoroso defensor da Revolução Russa ou da Revolução Mexicana, e em outros momentos como um fervoroso defensor do cultura latina baseada no catolicismo,

---

<sup>101</sup> Ao final da primeira guerra Mundial, foi formada uma tertúlia da qual participaram Luis Araquistáin, Manuel Azaña, Álvarez del Vayo, o periodista Rollin e, quando estava em Madrid, se juntava a eles Valle-Inclán. O grupo passou a se reunir em junho de 1919 no *Café Regina* a tertúlia se tornou uma das mais famosas do início dos anos de 1920. HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p. 269.

<sup>102</sup> Esse texto aparece publicado na revista *la Lectura* (II) conforme nos indica Juan Hormigón. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p. 269.

concebido como elemento representativo da grandiosidade cultural que a Espanha ostentou em sua época colonial.

## CAPÍTULO 2

### VALLE-INCLÁN ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO:

#### Repercussões de sua presença nas comemorações do *Centenário de Independência do México*

*El cambio que yo noto en México, y del cual me congratulo, es en el orden del espíritu. Por lo poco que he visto y lo que sé a través de libros y periódicos, noto que este gran país tiene una poderosa individualidad. El pueblo mexicano puede decirse que ha despertado completamente y que posee una de las conciencias colectivas más desarrolladas entre los países del mundo entero. Y esto lo ha demostrado con hechos y también con ideas, supuesto que esta gran república ha producido no solamente hombres de acción sino también hombres de pensamiento.*

Ramón del Valle-Inclán, em entrevista ao periódico *Repertório Americano*, San José de Costa Rica, 28 de novembro de 1921.

A viagem de Valle-Inclán a convite do governo mexicano para participar das comemorações do Centenário da Independência foi um marco para a trajetória intelectual do autor, não só para as obras que ele produzirá a partir de 1921, mas também pela repercussão dessa viagem nos periódicos não só do México, mas também de Cuba, Costa Rica e da Espanha. Nesse capítulo, buscaremos mostrar como



foi essa viagem, tanto do ponto de vista de sua repercussão quanto das ideias que o autor defendeu. Mas antes de entrarmos nos detalhes dessa viagem, nos deteremos um pouco sobre o contexto do positivismo do Porfiriato até desembocarmos nos movimentos revolucionário iniciados em 1910.

## **2.1. Positivismo e Autoritarismo do Porfiriato.**

Os longos governos de Porfirio Díaz (1876-1910) foram marcados pelo positivismo como principal corrente de ideias circulante no México, defendida por um grupo de homens chamados de “científicos”. Não se tratava apenas de uma ideia difundida em âmbitos acadêmicos, mas sim de uma corrente ideológica que legitimava o governo de Porfirio Díaz, e que, ao mesmo tempo, articulada às ideias de Spencer, relegava aos indígenas e populares um lugar marginal na sociedade mexicana.

O positivismo adotado no México, como defende Leopoldo Zea, não foi uma simples adoção das ideias veiculadas na Europa no cenário mexicano. Antes disso, foi adequado para a realidade mexicana, de acordo com os interesses da elite dominante.<sup>103</sup> Era preciso justificar a permanência de Porfirio Díaz no poder, que chegou ao posto da presidência com o lema de “Sufrágio universal e não-reeleição” – o mesmo lema que seria usado por Francisco Madero ao iniciar a Revolução Mexicana décadas depois.<sup>104</sup> O governo de Porfirio Díaz, dito liberal, seguiu a fundo

---

<sup>103</sup> Cf. ZEA, Leopoldo. **El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1968.

<sup>104</sup> Segundo José Vasconcelos, em sua autobiografia, Ulises criollo, foi ele quem atribuiu este lema à campanha de Madero, quando membro do Comitê Anti-reeleccionista: “El lema que tantos años fue

o liberalismo econômico, ao passo que no campo político se tornava cada vez mais autoritário.

O positivismo funcionou bem como justificativa ideológica para a manutenção de Díaz e os “Científicos” – como os positivistas eram chamados – no poder, pois, deixando de lado o positivismo comtiano – que ainda dava muita margem para a subordinação do indivíduo à sociedade – se apropriou do positivismo de Spencer e Mill, justificando a manutenção da ordem para a paz mexicana, e como condição para uma futura liberdade política, sendo que a liberdade econômica sequer seria tocada. Para os positivistas mexicanos era preciso pacificar o país, que havia sofrido pelas diversas revoltas em sua história. Tal paz só poderia ser alcançada através da ordem. Assim, a liberdade social era sempre maléfica, pois deixava os homens livres às suas vontades. Já a liberdade política era benéfica desde que o homem estivesse pronto para ela. O momento atual, diziam os positivistas aliados de Porfírio, era o de consolidação da paz, e quando o povo estivesse pronto para tomar suas decisões, a liberdade política seria estabelecida. Além disso, as idéias oriundas de Spencer e Mill foram apropriadas na construção de uma ideologia que vincularia o progresso ao trabalho, garantindo a liberdade econômica, e justificando a ascensão econômica através daqueles considerados mais “aptos” a sobreviver em um mercado livre.

Um documento assinado pelos intelectuais considerados científicos para justificar a terceira reeleição consecutiva do presidente Porfírio Díaz nos ajuda a entender um pouco do ambiente político que estava instaurado no México no final do século XIX. Eles apresentaram um plano para o país cuja meta era alcançar o “ideal

---

oficial: Sufrágio Efectivo y No Reelección, lo redacté yo, en oposición al antiguo Sufrágio Libre y para indicar que debía consumarse la función ciudadana del voto”. VASCONCELOS, José. **Ulises criollo**, ALLCA XX, 2000, p.364.

supremo de la libertad en la permanente conjugación del progreso y del orden”.<sup>105</sup> Identificavam-se ali os problemas da história nacional a partir de uma visão que caracterizava o passado mexicano como o local da guerra civil permanente e da paz accidental. O objetivo proposto pelos signatários do manifesto era inverter essa lógica. Apenas com a pacificação nacional, o país poderia lograr, segundo eles, seu desenvolvimento comercial, a ampliação das linhas férreas e dos meios de comunicação. Nesse sentido, para a realização efetiva dessas propostas, seria necessário não apenas a manutenção de Diaz na presidência, como também o fortalecimento de seu poder político. O pressuposto do qual partia esse grupo, que por conta desse documento seria apelidado de “científico” por seus rivais políticos, como nos mostra Claudio Lomnitz.<sup>106</sup>

Esse grupo apelidado de “científico” teve na figura de Justo Sierra Méndez (1848-1912) um de seus maiores líderes. Justo Sierra via “[...]o decurso histórico como um tratado de política: o povo abdicara de uma série de direitos, delegando seus poderes a um homem forte, capaz de reordenar o mundo passado”.<sup>107</sup>

Uma visão bastante crítica em relação ao longo governo de Porfirio Díaz, tem um marco na principal obra de Francisco Madero, *La sucesión presidencial en 1910*:

---

<sup>105</sup> “MANIFIESTO de la Convención Nacional Liberal a favor de la Relección (23 de abril de 1892)”. In: IGLESIAS GONZÁLEZ, Román (org.). **Planes políticos, proclamas, manifiestos y otros documentos: De la Independencia al México moderno (1812-1940)**. México: UNAM, 1998. Disponível em: <http://www.bibliojuridica.org/libros/1/121/21.pdf>.

<sup>106</sup> LOMNITZ, Claudio. **Los intelectuales y el poder político: la representación de los científicos en México del Porfiriato a la Revolución**. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (org.). *História de los intelectuales en América Latina: I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz, 2008.

<sup>107</sup> BARBOSA, Fernanda Bastos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. ***Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX***. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 7, nov.-dez. 2011, p. 90-112

*El Partido Nacional Democrático*, escrita em 1908 e publicada em 1909, que contribuiu para a criação de um modelo interpretativo sobre este período histórico, uma vez que se referiu ao governo de Don Porfirio como uma ditadura.

A obra de Francisco Madero evidencia uma mudança de matriz interpretativa sobre o Porfiriato; este autor passou a criticar fortemente o governo de Díaz, embora muitas vezes fazendo uma crítica velada. Para o autor, não era o povo, como foi para Justo Sierra, que respaldava o governo, mas sim as armas que sustentavam o porfirismo, além da “ideia fixa” do presidente em continuar ocupando o governo do México.

## **2.2. A Revolução Mexicana**

Quando o movimento revolucionário estalou, em 1910, o México havia vivido um período de modernização capitalista que significou desenvolvimento econômico sem precedentes: as minas, as estradas de ferro e a agricultura de exportação representavam a base da prosperidade que resultou em riqueza para alguns e miséria para a maioria da população.

Este processo de modernização autoritária e conservadora do Porfiriato teve como grande custo social a expropriação das terras dos camponeses e uma forte concentração da propriedade rural.

Assim, o ponto derradeiro que representou a unificação da insatisfação das várias classes sociais explodiu sob uma bandeira eminentemente política: a campanha contra a reeleição. As classes médias e os setores burgueses asfixiados buscavam uma maior participação política e, por isto, apoiaram Madero em sua jornada contra o governo de Porfirio Díaz.

Madero era um fazendeiro do norte do País cuja ambição política representava a desagregação do bloco conservador. Foi candidato a presidente em 1910 e no seu programa, de cunho classicamente democrático, defendia a normalidade constitucional, e, assim, previa reformas eleitorais (proibição da reeleição), liberdade de imprensa e de ensino, serviço militar obrigatório, e melhorias das condições de vida para trabalhadores e indígenas.

Após várias batalhas, em 25 de maio de 1911, Porfirio Díaz renunciou e embarcou para a Europa. Em seu lugar, interinamente, assumiu Francisco de la Barra, chanceler de Díaz até a realização de eleições em outubro do mesmo ano, vencidas por Madero que tomou posse da presidência em novembro.

Com a ascensão de Madero ao poder, iniciou-se a primeira das três fases da Revolução. Esta “fase política” consistiu num período em que as elites se dividiram e lutaram entre si com o apoio das camadas populares. Desta forma, a heterogeneidade da base de apoio de Madero não permitiu que ele tivesse controle efetivo sobre os vários grupos que se uniram à sua causa, conforme nos indica Ricardo Streich em sua dissertação de mestrado.<sup>108</sup>

O maior exemplo foi o exército camponês liderado por Emiliano Zapata, que logo após (cerca de 20 dias depois) a posse de Madero proclamou o Plan de Ayala que desconhecia a autoridade de Madero (considerado traidor) e exigia a recuperação imediata das terras comunais usurpadas.

Contra Madero, os zapatistas lutaram ao lado de Orozco em seu levante de 10 mil homens contra o governo recém-instituído. O general Victoriano Huerta foi o homem designado para enfrentar a rebelião. Vencedor das batalhas contra Orozco e

---

<sup>108</sup> STREICH, Ricardo Neves. **Interpretações da Revolução Mexicana: as leituras de José Carlos Mariátegui, Tristán Marof e Oscar Tenório.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2015, p.78-79.

Zapata, Huerta se aproveitou do prestígio e liderou um golpe de estado em conjunto com Félix Díaz (sobrinho de Porfirio Díaz). Três dias depois de assumir a presidência, em fevereiro de 1913, Huerta assassinou Madero. O homicídio do primeiro líder da Revolução Mexicana inaugurou um violento ciclo de deposições políticas seguidas de assassinatos que somente cessaria em meados da década seguinte.

A morte de Madero abriu a etapa do protagonismo camponês. Com suas armas o campesinato defendeu suas demandas, organizados sob os comandos de Zapata no sul e Villa no norte. Esta segunda fase, relativamente curta (de agosto de 1914 até outubro de 1915), foi a fase mais radical da Revolução. Aproveitando-se da fragmentação das classes dominantes, as classes camponesas enfrentaram o contrarrevolucionário Huerta e tomaram o poder via Convenção, para assim imporem suas reivindicações, em especial a Reforma Agrária.

A primeira grande luta desta segunda fase da Revolução foi contra a ditadura de Huerta. Os camponeses se aliaram aos Constitucionalistas, estes liderados por Venustiano Carranza, governador de Coahuila. Em março de 1913, Carranza lançou o Plan de Guadalupe, no qual se intitulava Primer Jefe de la Revolución e, sem mencionar reformas de cunho social, conclamava a população às armas para o retorno ao regime constitucional.

Contudo, já no início de 1915, Carranza começou a virar o jogo nos campos político e militar. Na esfera política, buscou retirar dos zapatistas o monopólio da bandeira da reforma agrária ao promulgar em janeiro de 1915 sua lei agrária. No mesmo mês, a Cidade do México foi tomada em definitivo pelo Exército Constitucionalista, liderado por Álvaro Obregón. Ocupado o Distrito Federal, Carranza se aproximou da COM (Casa del Obrero Mundial) a fim de ampliar sua base de sustentação política. Impedindo o surgimento de um sindicalismo independente e

revolucionário, o Primeiro Chefe da Revolução conseguiu travestir de popular um projeto burguês.<sup>144</sup> Em troca de leis sociais, os operários se comprometeram a apoiar militarmente o governo constitucionalista, chegando ao ponto que se formaram os chamados Batallones Rojos, que lutaram contra Villa e Zapata.

A última fase da Revolução caracterizou-se pela derrota dos projetos autônomos camponeses e do surgimento de uma coalisão entre os setores da burguesia, pequeno-burgueses, operários e camponeses. A preocupação agora estava em atingir a estabilidade política e promover o desenvolvimento e a recuperação da economia, para evitar a radicalização das camadas populares ou a volta do velho regime.

Desta maneira, a coalisão dos interesses dessas diversas classes foi consolidada na Constituição promulgada em fevereiro de 1917. Um dos pontos centrais da Carta reside no artigo 27, segundo o qual o solo (incluindo os minerais do subsolo) e a água seriam propriedade da Nação. Dessa forma, o governo poderia, ou não, transmiti-los a particulares, mediante a propriedade privada ou comunal (os ejidos, por exemplo). No mesmo artigo, também eram previstas a função social da propriedade, a proteção à pequena propriedade e a possibilidade de desapropriação de terras por utilidade pública, através de indenização. Note-se que essa disposição jurídica fez desaparecer, então, o princípio liberal da existência do indivíduo proprietário antes da sociedade.

Outro artigo da Constituição de Querétaro digno de nota é o de número 123 que dizia respeito aos direitos trabalhistas. Aos trabalhadores mexicanos foram garantidos direitos como jornada máxima, salário mínimo, participação nos lucros, direito de associação e greve.

Em abril de 1919, numa emboscada, Emiliano Zapata foi assassinado e as forças de Morelos estabeleceram uma trégua com os carrancistas. Já em abril do ano seguinte, em função das divergências da disputa pela sucessão presidencial, foi

lançado o Plan de Agua Prieta, marcando o início do levante comandado por Álvaro Obregón. Essa rebelião armada foi a última vitoriosa da história contemporânea do México e, por isso, pôs fim à fase armada da Revolução.

Carranza, deposto e assassinado em maio de 1920, foi sucedido por Adolfo de la Huerta. O Presidente interino eleito pela Câmara dos Deputados ocupou o cargo até a vitória eleitoral de Álvaro Obregón que assumiu a liderança institucional do país em dezembro do mesmo ano.

### **2.3. Os impasses diplomáticos entre México e Estados Unidos no contexto do centenário de Independência.**

A Revolução perturbou a “ordem” que sustentava o decantado desenvolvimento econômico. Durante o longo período conturbado das guerras, o país passou por muitas transformações, no entanto, mesmo durante a guerra civil, as grandes empresas petroleiras, mineras ou manufatureiras praticamente não foram afetadas e nem todas as fazendas saqueadas ou incendiadas<sup>109</sup>, como procuravam mostrar, através de imagens impactantes, os anti-revolucionários.

Se, por um lado a Revolução Mexicana resultou em grandes modificações na economia, na sociedade, na política, na cultura, por outro, também afetou muito as relações exteriores do México com outros países, sobretudo com os EUA, mas também com os países latino americanos.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> MEYER, Lorenzo e AGUILAR CAMÍN, Héctor. **À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: Edusp, 2000, p.117.

<sup>110</sup> Ibid., p.96.



Finda a guerra civil, assumiu o poder o General Carranza que em teve no ato da promulgação da Constituição de 1917, considerada a mais “ousada” do ponto de vista social, até aquele momento, um dos seus grandes feitos.<sup>111</sup> No entanto, a sucessão presidencial já indicava conflitos de poder que persistiriam nos anos subsequentes. O general Álvaro Obregón – sem dúvida o líder militar mais carismático e forte naquele momento – arrastou atrás de si, em sua luta contra o General Carranza, boa parte do exército federal e dos grupos rebeldes anti-carrancistas que ainda operavam no México. O triunfo de Obregón significava na realidade a vitória do chamado “Grupo de Sonora”. Como acontecia antes, mais uma vez prevaleceu o predomínio do Norte sobre o resto do país, contando com uma sólida base de sustentação no exército revolucionário.<sup>112</sup>

Quando Carranza foi eliminado pelo grupo de Sonora<sup>113</sup>, o México havia sido parcialmente invadido em duas ocasiões por forças norte-americanas e ameaçado e as

---

<sup>111</sup> Foi considerada como uma das mais modernas e liberais Cartas Magnas da América Latina. Interessa-nos particularmente os artigos 30, 27, 123 e 130 que no seu conjunto estabelecem: o ensino laico, ao encargo do estado preservando-se ainda um setor privado; a expropriação de terras não cultivadas em favor dos ranchos e dos *ejidos*; fixava as relações entre Capital e Trabalho, como por exemplo, a jornada de 8 horas, regulamentação do trabalho do menor e da mulher, salários iguais para tarefas iguais, direito de greve, organização sindical, justiça do trabalho para arbitrar os conflitos entre o Capital e o Trabalho restringiu o poder da Igreja. O casamento civil foi tornado obrigatório e o único válido; secularização do clero, transformando os padres em trabalhadores comuns. Esta constituição foi juridicamente uma obra de síntese entre a grande tradição liberal (separação da Igreja e do Estado, laicização do Estado) e a emergência do estado populista (o estado regulador dos conflitos ao mesmo tempo paternalista para com os assalariados).

<sup>112</sup> VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. **México frente a Estados Unidos – un ensayo histórico, 1776-2000**. México: FCE, 2011, p.148.

<sup>113</sup> Em Abril de 1920, o General Calles e o General De la Huerta se rebelaram contra Carranza com o Plan de Agua Prieta. Acordaram que o triunfo do movimento, o Congresso elegeisse um presidente provisório, que se encarregaria de convocar novas eleições. Álvaro Obregón se incorporou a esse levante que no passo de alguns dias tomou o país e isolando cada vez mais as forças de Carranza, resultando no seu assassinato em 20 de maio de 1920. Esse grupo citado acima ficou conhecido como o

ameaças de invasão ocorreram muitas vezes. Os contatos com os principais países europeus também foram prejudicados durante a guerra e apenas em 1920 começava a se normalizar. Cidadãos norte-americanos, ingleses, franceses e espanhóis reivindicavam receber, do governo mexicano quantias vultosas alegando os prejuízos causados durante os dez anos de luta civil e os governos estrangeiros exigiam o pagamento da dívida externa contraída durante o porfiriato e aumentada, consideravelmente, durante o período da guerra. A Constituição de 1917 – e em particular, o seu artigo 27 – ameaçava as propriedades agrícolas e petroleiras dos estrangeiros, pois abria a possibilidade de expropriações e nacionalizações.<sup>114</sup>

Em 1920, o panorama econômico era preocupante, as vias de comunicação se estavam destruídas, principalmente as estradas de ferro, a emissão desenfreada de papel moeda e a confiscação de parte das reservas de ouro e prata haviam causado enormes dificuldades ao sistema monetário resultavam no fechamento de muitos bancos, o que dificultava os financiamentos necessários à retomada da produção agrícola. Muitas minas pequenas foram fechadas pelo mesmo motivo e o crédito externo não existia nesse momento.<sup>115</sup>

Foi esse o cenário que o grupo de Sonora encontrou quando chegou ao poder e começou a tentar promover uma recuperação que seria lenta e difícil. Contudo, a vitória de Obregón trouxe uma certa pacificação do país que permitiu o início da reconstrução do país. No plano da cultura, o animo em relação às possibilidades de dar início a uma fase construtiva e promissora foi alimentado pelo projeto de José Vasconcelos em relação a educação pública, voltada para a disseminação da instrução

---

Grupo de Sonora. Cf. COLLADO, Maria del Carmen. **La burguesía mexicana: el emporio Braniff y su participación política**. Madrid: siglo vientiuno ediciones, 1987.

<sup>114</sup> MEYER, Lorenzo e AGUILAR CAMÍN, Héctor. Op.cit., p.96-97.

<sup>115</sup> Ibid., p.117.

e valorização dos fundamentos da nacionalidade. Nesse contexto, o antigo Departamento de Educação foi transformado em Secretaria de Estado em 1921.<sup>116</sup>

No campo internacional, o grande interesse do governo de Obregón era obter o reconhecimento do governo de Washington, pois uma vez conseguido esse reconhecimento, os outros países seguiriam na mesma direção e, novamente, o México poderia buscar empréstimos internacionais para reconstruir o país.<sup>117</sup>

A tensão entre o governo mexicano e o governo de Washington, nesse início da década de 1920, foi muito forte. Os Estados Unidos queriam que o Presidente mexicano assinasse um tratado formal que deixasse a salvo os direitos adquiridos no México pelos norte americanos, sobretudo aqueles referentes à indústria petroleira, que eram os maiores opositores da Constituição de 1917.<sup>118</sup>

Em maio de 1921, o governo norte americano propôs a Obregón um tratado de “*Amistad y Comercio*”. O projeto incluía garantias contra a nacionalização; a não aplicação retroativa das cláusulas da Constituição de 1917, especialmente no que se referia ao artigo 27; o reconhecimento dos direitos dos mineiros e petroleiros que estavam previstos nas leis de 1884, 1892 e 1909, rechaçando assim as conquistas de 1917, assim como a devolução de todas as propriedades norte americanas tomadas a partir de 1910.<sup>119</sup>

---

<sup>116</sup> Ibid., p.92.

<sup>117</sup> VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. Op.cit., p.149.

<sup>118</sup> Em 1920, o senador norte-americano do partido republicano, Albert Fall defendeu o interesse dos petroleiros e recomendou que se fizesse um tratado que eliminasse os efeitos nocivos da Constituição de 1917 em relação aos interesses estrangeiros. VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. Op.cit., p.149.

<sup>119</sup> MEYER, Lorenzo e AGUILAR CAMÍN, Héctor. Op.cit., p.98.

Esse Tratado proposto pelo governo norte americano era politicamente inaceitável para Obregón, pois colocaria em xeque a soberania nacional e a essência mesma da Revolução Mexicana.<sup>120</sup>

Em 30 de Agosto de 1921, a Suprema Corte de Justiça mexicana, deu uma decisão favorável em relação a uma demanda de amparo interposta anos antes pela Texas Oil Co., contra os decretos de Carranza editados em 1918.

Esse avanço dos Estados Unidos em relação à soberania mexicana através da pressão junto a Suprema Corte de Justiça fez com que o Presidente Álvaro Obregón mudasse a sua estratégia. Obregón passou a dialogar e cotejar comerciantes e banqueiros para tentar convertê-los em seus “advogados” frente a Washington.<sup>121</sup>

Em 1922, enviou aos Estados Unidos seu Secretário da Fazenda, Adolfo de la Huerta para continuar as negociações. Em 16 de junho de 1922, se firmou o acordo chamado “De la Huerta – Lamont” que reconhecia a dívida com o *International Committee of Bankers of Mexico* (ICBM) no valor de aproximadamente 509 milhões de dólares, dos quais 207 milhões se referiam aos danos sofridos na malha ferroviária. Mesmo com esse episódio, o Presidente Álvaro Obregón não conseguiu o reconhecimento do seu governo pelos Estados Unidos.<sup>122</sup>

Necessitando de apoio dos camponeses, Álvaro Obregón intensificou a expropriação e a repartição de terras de acordo com o artigo 27 da Constituição.

Em 31 de Agosto de 1923, o Presidente norte americano Warren G. Harding aceitou oficialmente a proposta que resultou no re-estabelecimento das relações

---

<sup>120</sup> Ibid., p.98.

<sup>121</sup> VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. Op.cit., p.151.

<sup>122</sup> Ibid., p.151,

diplomáticas entre os dois países. A Europa, com a notável exceção da Grã Bretanha, reconheceu o governo de Obregón, já que Washington havia dado o seu aval.<sup>123</sup>

#### **2.4. As relações entre México e Espanha em 1921.**

As relações entre México e Espanha passaram por grandes dificuldades ao longo da década de 1920. Embora no período presidencial de Álvaro Obregón essas relações não tenham chegado ao grau de tensão que alcançaram durante o regime de Plutarco Elías Calles, o tom geral foi sem dúvida de incompreensão das duas partes. Com exceção de algumas aproximações de caráter pessoal entre Valle-Inclán e Álvaro Obregón, que resultou no convite do Presidente ao escritor espanhol em outubro de 1921 para as comemorações do Centenário da Independência Mexicana.

A presença de Valle-Inclán inquietou os representantes da Monarquia espanhola no México porque, após a Revolução, teve início, no México, um movimento “anti espanha”. Nesse momento, havia uma tensão diplomática que se dava tanto as relações políticas, como econômicas e culturais. O principal ponto de tensão consistia na repartição das propriedades dos espanhóis que haviam imigrado para o México e aí enriqueceram, por iniciativa do governo de Obregón. Esses *criollos* enriquecidos eram chamados pela imprensa da época de *gachupín*, termo muito usado nos tempos das lutas pela Independência Mexicana, como já dito anteriormente. Em 1921, segundo um informe do embaixador Luis Martínez de Irujo y Caro, 95% das *fincas rústicas* que eram propriedades de estrangeiros, eram desses

---

<sup>123</sup> Ibid., p.154-156.

*gachupínes*.<sup>124</sup> Irujo y Caro tentou convencer o governo mexicano a frear essa política agrária de diversas formas: desde cartas corteses ao Secretário das Relações Exteriores até a pressão conjunta do corpo diplomático. Muitas vezes, o governo espanhol, não só interpelou o responsável pela política exterior do governo Obregón, mas também o Secretário de Agricultura, Antonio Villarreal, sem obter bons resultados.

A repartição de terras, observado sobre um ângulo global, não afetou tão duramente as propriedades desses *criollos terratenientes* já que, segundo o embaixador espanhol, de um valor de 2 bilhões de pesos que estavam avaliadas as propriedades espanholas no México em 1921, o prejuízo desses proprietários foi de apenas 14 milhões de pesos, segundo avaliação realizada ano de 1923.<sup>125</sup>

Sem dúvida, o problema da terra não foi o único que os representantes da Espanha no México tiveram que enfrentar no período obregonista. Um profundo *antiespanholismo*, gerado principalmente pelo ressurgimento do nacionalismo fruto do processo revolucionário, começou a se manifestar no México em diversos círculos, tanto políticos como populares.

A *hispanofobia* não era uma novidade, mas tornou-se muito forte no período pós-revolucionário, resultando em conflitos violentos. Desde os primeiros anos da Revolução e, principalmente a partir de 1913, os grupos revolucionários passaram a

---

<sup>124</sup> Essas informações estão presentes no *Despacho de la Legación en México*, de 25 de Outubro de 1921, apud: MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: FCE, 1992, p.32

<sup>125</sup> Informe de Saavedra y Magdalena, 27 de Febrero de 1923, apud: MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: FCE, 1992, p.32

ver os espanhóis como um dos múltiplos grupos inimigos que deveriam ser vencidos.<sup>126</sup>

A identificação desses *gachupines* a partir da imagem do rico proprietário representante do regime porfirista, foi um constante pretexto para ataques e ocupações de terra. Na medida em que a revolução avançava, cresceu essa xenofobia que se tornou bastante aguda em 1921, quando muitos dos revolucionários da década anterior ocuparam postos de importância no governo federal e nas chefaturas regionais, tanto nas instituições políticas quanto militares.

Em 1921 ocorreram diversas manifestações de suma agressividade contra os espanhóis. Em Acapulco, Puebla, Torreón, San Pedro de Colonias, Yucatán, Tabasco, entre outras. Em grande parte do país. o discurso político parecia seguir o exemplo do candidato a governador de Coahuila, Aurelio Mijares, que afirmou: “Nuestro propósito es matar a todos los gachupines apoderarnos de suas haciendas”.<sup>127</sup> As ameaças preocuparam muito os representantes da diplomacia espanhola no México, embora as propriedades territoriais de espanhóis não tenham sido afetadas durante a guerra civil.

## **2.5. Vasconcelos e o Nacionalismo Cultural**

Uma das consequências imediatas da Revolução mexicana foi a perda das fontes de sustentação cultural que a civilização europeia lhes garantia o que foi

---

<sup>126</sup> Aqui nos apoiamos nas considerações de David Branding sobre o crescimento de um certo tipo de nacionalismo mexicano com o avançar da revolução e que enxergou também nos espanhóis os seus inimigos. BRANDING, David. **Los orígenes del nacionalismo mexicano**. México, Septentas, 1972.

<sup>127</sup> Trata-se de um *memorandum* de 09 de maio de 1921, que foi encontrado no Archivo del Ministerio de Asuntos Exteriores de España, apud: MONTFORT, Ricardo Pérez. Op. cit., p.32).

sentido também pelas outras nações latino-americanas por conta da Primeira Guerra Mundial.

Como dito anteriormente, a desilusão com esse mundo europeu foi estimulado pela leitura de *A decadência do Ocidente* de Oswald Spengler. Por outro lado, as reações à crescente influência dos Estados Unidos também estava no horizonte da configuração desse novo nacionalismo que começou a se manifestar a partir do avanço da Revolução. No final de 1910, e, especialmente, a partir de 1911, uma nova fase na história mexicana se iniciava. Sobre ela, Basave Benítez escreveu:

O caráter introspectivo da Revolução Mexicana minou poderosamente a obsessão por buscar modelos estrangeiros e acabou sepultando a quimera do México *criollo*. Agora, só restavam em teoria duas opções: um México índio ou um México mestiço. [...] A falta de um inimigo externo frente ao qual cerrar fileiras e aparentar uma unidade nacional tão heterogênea quanto abstrata, a nova intelligentsia se preocupou por definir os fatores de coesão que, uma vez plasmados em uma ideologia da Revolução, haveria de unificar o país. O momento histórico exigia dar uma expressão concreta ao mexicano e, dadas a efervescência popular e a fixação de homogeneidade prevalecente, o fator de identidade étnica não podia ser outro que o da mestiçagem.<sup>128</sup>

Essa necessidade de unificação cultural, econômica e política no México foi se acentuando ao longo da década de 1910 e abalou as bases que legitimavam o porfiriato, como mostra Romilda Costa Motta:

Em contraste com o período porfiriano, que governou para e com uma minoria, o discurso político dos governos pós-revolucionários identificou o “povo” como protagonista essencial na Revolução. Um dos membros do

---

<sup>128</sup> BASAVE BENÍTEZ, Basava. **México Mestizo. Análises del nacionalismo mexicano en torno a la mestizofilia de Andrés Molina Enríquez**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p.121-124.



“povo mexicano”, que não poderia mais continuar ignorado, eram os indígenas. Entretanto isso trazia muitas inquietações. A complexidade que envolvia os povos indígenas, uma das “novidades” daquele momento, de certa forma representava um “incômodo” para os governantes, já que afetavam diretamente as administrações e interferiam na ordem interna mexicana, tendo em vista o estado de abandono e miséria em que se encontravam.<sup>129</sup>

Institucionalmente, esse novo nacionalismo que buscava construir a unidade cultural no México pode ser compreendido através do projeto educacional de José Vasconcelos posto em prática a partir de 1921. Vasconcelos elaborou um plano de salvação e regeneração do México por meio da Cultura, ou do termo que era apreciado à época: o “Espírito”. Visava, em primeiro lugar, a erradicação do analfabetismo a partir da criação das escolas rurais nos *pueblos de indios*. Ao ser nomeado como Secretário da Educação, por Álvaro Obregón, Vasconcelos declarou seu propósito: “Educar é estabelecer os vínculos nacionais, a arte é a única salvação do México”.

O Secretário realizou uma extensa campanha contra o analfabetismo adotando os princípios do educador John Dewey, no qual o intuito fundamental da Educação era fazer com que a aprendizagem de todo o conhecimento leve à prática, através de um método que levasse em conta a experiência de cada indivíduo, não como uma atitude isolada do sujeito no mundo, mas que este se integrasse com os outros.<sup>130</sup> Nesse sentido, de buscar essa integração e unidade nacional, José Vasconcelos buscou

---

<sup>129</sup> MOTTA, Romilda Costa. **José Vasconcelos: as Memórias de um "profeta rejeitado"**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2010, p.59.

<sup>130</sup> John Dewey foi o continuador do pragmatismo filosófico, doutrina que preconiza que todo aprendizado deve ter um fim prático. Esta doutrina foi iniciada por William James (1842-1910) e Charles Sanders Pierce (1839-1914), ambos também americanos. DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1959.

intensificar suas ações na zona rural, cujo analfabetismo era maior.. A instrução básica se complementa com fundamentos de história e geografia para auxiliar na formação de uma consciência nacional, ensinando também princípios da higiene e da medicina moderna. Nesse sentido, assinalou o próprio Vasconcelos: “La mejor manera de evitar represalias futuras era educar a las masas, convirtiéndolas a la comodidad de la vida civilizada”.<sup>131</sup>

Promoveu, também, a difusão e promoção das artes e, com esse objetivo criou o *Departamento de Bellas Artes* cuja missão era incentivar, com sentido pedagógico, o entusiasmo pela pintura, escultura, a música e o canto. As Conferências sobre arte faziam parte desse programa.

José Vasconcelos preocupou-se em estabelecer contato com representantes da cultura latino-americana e espanhola e, com esse propósito viajou para a América do Sul e, nesse percurso convidou para visitar o México personalidades de destaque no mundo da cultura, como foi o caso de uma das principais representantes da cultura chilena Gabriela Mistral.

Cabe salientar que José Vasconcelos concebia a Revolução como uma experiência universal no âmbito político, social e artístico. A partir do momento em que Vasconcelos assumiu a Secretaria de Educação e o intelectual Antonio Caso assumiu a Reitoria da Universidade Nacional (UNAM), cargo que já fora ocupado por Vasconcelos, ambos se uniram na proposta de reafirmação dos valores culturais hispano-americanos frente a “hegemonia hispânica” que se pregava na península. A

---

<sup>131</sup> Esse trecho é atribuído a José Vasconcelos e encontra-se transcrito no “História General del México”, contudo sem determinar em qual discurso foi proferido. Contudo, pelo que o autor nos remete, foi em 1921. MONSIVAÍS, Carlos. **Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX**. IN. História General de México. México: El Colégio de México, 1970, p.346.

respeito das questões raciais e desse hispano-americanismo representado por Vasconcelos, Romilda Costa Motta afirmou:

Seu conceito de “raça” teve uma interpretação ainda mais extensa do que normalmente ocorre, empregando-o para representar muitas coisas: cultura, civilização, povo, país e nacionalidade. Apesar de sermos levados prontamente a pensar que esse autor tenha ressaltado apenas a mescla de sangue, é preciso lembrar que, enquanto foi Ministro da Educação Pública, levou à frente um programa cultural que tinha o objetivo de colocar em prática uma “temática nacional” e isso representou, na época, priorizar a fusão de elementos culturais indígenas e hispânicos.<sup>132</sup>

No plano de Educação, José Vasconcelos incluiu os índios como componentes importantes em sua perspectiva de cultura nacional, muito embora, nunca tenha se reconhecido como identificado com o movimento indigenista. Reconhecia como elementos importantes das correntes formadoras da nacionalidade – a mística do catolicismo espanhol e o idealismo pragmático do conquistador – mantendo uma posição claramente hispano-americanista, nesse período do início dos anos de 1920.<sup>133</sup>

O nacionalismo apregoado por Vasconcelos se caracterizava pela contestação ao imperialismo norte-americano no campo político e econômico e se propunha a reunificar a nação, após anos de luta civil, a partir de um nacionalismo de cunho cultural, que acabou se tornando a base ideológica da propaganda que orientou a organização das comemorações do Centenário da Independência Mexicana em 1921.

---

<sup>132</sup> MOTTA, Romilda Costa. Op. Cit., p.59.

<sup>133</sup> A propósito da postura hispano-americanista de José Vasconcelos, Ricardo Perez Monfort afirma que o autor se orientava por essa perspectiva, embora, oficialmente, defendesse certos princípios *hispanoamericanistas*, embora, com certa demagogia, proclamasse grande reconhecimento à herança indígena. Neste aspecto, o autor sugeria sua identificação com os grupos conservadores mexicanos que afirmavam a primazia do hispânico e os seus vínculos de raça com a *madre patria*. Cf. MONTFORT, Ricardo Pérez. Op. cit., p.35-36.

Valle-Inclán procurou sintetizar a sua segunda passagem pelo México, que ocorreu durante os festejos do Centenário, a partir da ênfase em dois aspectos: no primeiro, enaltecendo a figura do Presidente Álvaro Obregón, sobretudo nas suas falas de cunho político, como veremos a seguir e, no segundo, salientando a importância de José Vasconcelos como mediador cultural, que abriu as portas da *Escuela Nueva Preparatória* para as conferências que abordavam questões de natureza artística, estética a partir de um viés *hispanoamericanista*.

## **2.6. Centenários de Independência Mexicana.**

Nos meses setembro de 1910 e 1921, foram celebrados os Centenários de início e de consumação da Independência do México, pelos governos de Porfírio Díaz e Álvaro Obregón.

Uma das finalidades de toda celebração cívica oficial é salientar a importância das identidades com o intuito de valorizar a imagem de nação, tanto internamente como para enaltecê-la perante outras nações. Como mostram vários autores que analisaram o significado dessas comemorações das datas emblemáticas, elas se prestam para legitimar o poder em exercício. Neste sentido, como mostra Bronislaw Baczko, historiador que analisa significados dos Imaginário Sociais, sobretudo relacionados às representações do poder, refere-se à importância das comemorações cívicas de caráter oficial como instrumento de controle da vida coletiva e do exercício do poder político.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas.** Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1991, p.15.

Em sua análise sobre o significado desses festejos cívicos, Tenorio Trillo afirma que, em 1910 as comemorações da Independência do México, ainda na vigência do governo de Porfirio Díaz, tiveram como objetivo mostrar ao mundo que o México era um país moderno e progressista e que se posicionava à altura das nações europeias mais avançadas; por outro lado, em 1921, o objetivo principal era outro: os organizadores do evento procuraram reforçar o “espírito nacional”, incorporando a essa nova construção de identidade, o passado indígena, mas sobretudo, pretendendo mostrar ao mundo que o país se encontrava em paz.<sup>135</sup>

Do ponto de vista das manifestações artísticas promovidas durante os centenários de 1910 e 1921, podemos notar profundas diferenças: enquanto o ex mandatário - Porfirio Díaz – apresentara, em 1910, uma visão triunfalista do México evidenciada a partir da construções de edifícios e monumentos como o *Ángel de la Independencia* ou o *Palacio de Bellas Artes*, Álvaro Obregón, buscara construir alianças para justificar o caráter popular dos festejos.<sup>136</sup>

Desde o início de seu período de governo, o general Álvaro Obregón assumiu a responsabilidade de dirigir e organizar os festejos do Centenário de consumação da Independência do México, tendo como um dos objetivos principais evidenciar “la integración de las clases populares a todos los eventos” e “no incurrir en el error del centenario de la proclamación de la Independencia, que se significó por su tono aristocrático y su diferencia a nuestras tradiciones, artes y costumbres”. A partir desse propósito, procurou organizar, oficialmente, uma “contra-celebração” dos festejos de

---

<sup>135</sup> Tenorio Trillo destacou particularmente as diferentes manifestações artísticas e culturais promovidas pelos governos de cada comemoração, no caso Porfirio Díaz e Álvaro Obregón. Ver TENORIO TRILLO, Mauricio. **Historia y celebración. México y sus centenarios**. Mexico: TusQuets, 2009.

<sup>136</sup> Essa é a perspectiva aberta pelos estudos de Virginia Guedea. Ver, GUEDEA, Virginia (comp), **Asedios a los centenarios (1910-1921)**, México: FCE, 2009.

1910 e, neste sentido pretendia recuperar o passado, de forma diversa da anterior, mas também apontar na direção do futuro, salientando a importância dos projetos em curso que permitiam vislumbrar “el porvenir” promissor.<sup>137</sup>

Foi nesse contexto que ocorreu chegada de Valle-Inclán para os festejos do Centenário da Independência. Sua presença foi acompanhada, quase diariamente, pelos jornais da Grande Imprensa local que noticiava suas atividades e declarações e as controvérsias que elas suscitavam.

### **2.6.1. As Conferências realizadas por Valle-Inclán**

Como já foi dito antes, Valle-Inclán chegou ao México, em setembro de 1921, a convite do Presidente da República, Álvaro Obregón, para as festas do Centenário da Independência mexicana. Segundo comentaristas, a acolhida dos intelectuais mexicanos foi “esplêndida”. Segundo o autor Luis Mario Schneider, não é difícil reconstituir a trajetória de Valle-Inclán nessa viagem ao México porque a imprensa local dedicou a ele, quase diariamente, uma série de artigos.<sup>138</sup> Em meados de Outubro se iniciou o ciclo de conferências, que já vinha sendo anunciado pelos principais diários da cidade e que foi presidido pelo reitor da Universidade Nacional, José Vasconcelos.

A primeira Conferência foi realizada em 10 de Outubro de 1921 no salão, de estilo colonial, da *Escuela Nacional Preparatoria* que se chamava “*el Generalito*”.

---

<sup>137</sup> Fragmentos do discurso “Centenario de la consumación de nuestra Independencia”, do informe presidencial de Álvaro Obregón lido ante o Congresso em 1 de setembro de 1921.

<sup>138</sup> SCHNEIDER, Luis Mario. **Todo Valle-Inclán en México**. México: Coordinación de Difusión Cultural, Dirección de Literatura, UNAM, 1992, p.193-204.

Nas três resenhas às quais tivemos acesso – publicadas em *Excélsior*, *El Universal* e *El Demócrata* – encontramos alguns dados contraditórios a respeito do público. O *Excélsior* afirma que poucos foram aqueles que se interessaram em ir escutar o autor, apesar de que “don Ramón tiene muy grandes y muy cultos admiradores entre nosotros”<sup>139</sup>; no *El Universal*, ao contrário o comentarista afirmou que “una distinguida concurrencia llenaba completamente el salón, aunque no había ningún español”<sup>140</sup>, e o mesma noticia em relação ao público se confirmou quando foi noticiado no *El Demócrata* que a sala estava “casi llena de un público escogido de escritores y literatos hispanoamericanos”<sup>141</sup>. O fato de não ter sido mencionada a presença de espanhóis é sintomática pois como tomamos conhecimento, nesta segunda viagem ao México, Valle-Inclán apoiou abertamente as reformas de Obregón e manifestou sua solidariedade para com os índios e, ao mesmo tempo, criticou duramente as atitudes do Estado espanhol. Por esse motivo, granjeou a animosidade da Colônia espanhola que vivia no México, mas as simpatias dos políticos e intelectuais mexicanos.

A primeira conferência, resenhada pelo periódico mexicano *Excélsior* mostra que a figura exótica de Valle-Inclán causou impacto: era tão “inconfundible, que parece desprenderse también de la penumbra de un pasado legendario y remoto”. Ao chamar atenção para sua aparência misteriosa, o autor da resenha sugeria uma relação entre sua imagem e a estética revolucionária de sua obra. O autor fez, um comentário

---

<sup>139</sup> “La primera conferencia de don Ramón del Valle-Inclán”: *Excélsior*, México, 11-X-1921, In: SÁNCHEZ-COLOMER, María F. **Las conferencias de Valle-Inclán en México (1921): algunas reseñas olvidadas.**

<sup>140</sup> “La conferencia que dictó don Ramón del Valle-Inclán”: *El Universal*, México 11-X-1921; *ibid.*

<sup>141</sup> “El preclaro literato don Ramón del Valle-Inclán, dio a noche una brillantísima conferencia”: *El Demócrata*, 11-X-1921; *ibid.*

crítico à ausência de homens de pensamento na conferência e comentou: parece que para os mexicanos “so hay publico para el cine y los toros”.

Após esse preâmbulo a resenha aborda os temas percorridos por Valle-Inclán, revelando uma certa crítica em relação à exposição do autor. Nessa Conferência, segundo o resenhista, Valle-Inclán mesclou temas históricos, políticos e literários e, devido à fala improvisada, nela abundaram as ironias, as saídas engenhosas e intermináveis digressões relacionadas: ao contexto literário em que se gestou a obra valleinclaniana, à questão agrária na Galícia, às origens da nação espanhola, à discutível formação da unidade nacional a partir da religião e ao papel que correspondia à Espanha após a perda de seu Império colonial. Em relação a este último aspecto Valle-Inclán afirmou em sua conferência publicada no *Excélsior*:

“[...]la regeneración de España no consiste ya en las conquistas. Nosotros hemos sido un pueblo dominador, hemos dominado medio mundo, hemos sido [?] y poderosos; ahora sólo nos queda un camino: ser honrados [sic]”.<sup>142</sup>

A recepção calorosa do público presente, ao aplaudir a explanação do autor, nos permite supor que, apesar das observações críticas contidas na resenha, para os intelectuais próximos ao governo de Álvaro Obregón, esse novo papel da Espanha frente às suas colônias - e especificamente com relação ao México - não encontrava tanta resistência. Outra questão possível de se colocar é de que o periódico *Excélsior* estivesse também de acordo com essa perspectiva de ação espanhola naquele momento, e portanto, dava destaque a esse tipo de abordagem.

---

<sup>142</sup> SÁNCHEZ-COLOMER, Maria F. **Las conferencias de Valle-Inclán en México (1921): algunas reseñas olvidadas.** Revistas de estudios sobre Ramón del Valle-Inclán <<http://www.elpasajero.com>>, núm. 12, Otoño 2002, p.4.



Segundo Ricardo Pérez Montfort, o periódico *Excélsior* tinha uma clara tendência *hispanista* que advinha da necessidade de combater as pressões e influências norte-americanas, vistas como elementos capazes de destruir a essência da identidade mexicana.<sup>143</sup> Cabe ressaltar que o *hispanismo* mencionado por Montfort - e que o *Excélsior* defendia - estava mais alinhado àquele defendido por José Vasconcelos à época, que ficou mais conhecido, pela historiografia, como *hispanoamericanismo*. Tal perspectiva partia da premissa de que povo mexicano era fruto da fusão de elementos indígenas e europeus (espanhóis) desde a sua origem.<sup>144</sup>

A resenha da primeira conferência que foi publicada em *El Demócrata*, confirmou que Valle-Inclán falou por cerca de uma hora e foi “estrepitosamente interrompido por las nerviosas exclamaciones de regocijo”.

Já o periódico *El Universal* fez uma cobertura distinta dessa primeira Conferência. Comentou a exposição do autor dividindo-a em 3 partes: “A Conferência” (analisando a retórica utilizada), “A literatura galaica” e o “Conceito de Arte e Estilo”. Buscou dar mais ênfase às questões retóricas, fazendo uma crítica da linguagem utilizada pelo autor e considerou que os aplausos foram “dados más al novelista que al orador, pues su conferencia fue de ideas pobres y lenguaje trivial” e concluiu o texto, afirmando que iria esperar a próxima Conferência para fazer um juízo mais cabal sobre a presença do escritor no México.

A resenha do *El Universal* também comentou que Valle-Inclán discorreu sobre temas que não estavam programados para a Conferência: falou sobre a Espanha do passado; sobre a Galícia do presente; refletiu sobre as diferentes línguas faladas na

---

<sup>143</sup> MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p.59.

<sup>144</sup> Ibid.,p.20.

Espanha e a dificuldade para construir a nação espanhola, que para ele se deveu a um problema geográfico. A cobrança do jornal em relação ao cumprimento da programação estipulada pode ser interpretada como crítica ao silêncio do autor em relação a um tema que lhes era muito caro, ou seja, a defesa dos interesses dos *gachupines* com os quais estavam mais identificados o *El Universal* que os representantes dos outros periódicos.

Pode-se dizer que a crítica explicitada no *El Universal* contrastava com os comentários do *Excélsior* revelando, nas entrelinhas, as diferenças políticas entre os dois periódicos.

A questão da participação do público na primeira Conferência proferida por Valle-Inclán, e a sua cobertura feita pelos três periódicos (dois deles de grande circulação), nos permite concluir que, apesar das críticas, a passagem pela cidade do México teve uma grande repercussão, graças também à cobertura dos três jornais, dois deles representantes da Grande Imprensa. Ou seja, o espaço reservado aos comentários das Conferências foram importantes porque atraíram ainda mais público para as seguintes, como indicou a resenha do *Excélsior*:

La noche de ayer, por ventura nuestra, “El Generalito” ofrecía un aspecto muy distinto, pues desde mucho antes que empezara la conferencia ya estaba completamente ocupado por una selecta concurrencia de intelectuales, artistas y estudiantes. Pero lo que más llamó nuestra atención, halagadoramente, fue el número de damas que asistieron a esta fiesta de cultura espiritual. [...] En Buenos Aires y en los principales países de nuestra América, el elemento femenino no deja jamás de asistir a las conferencias artísticas e intelectuales, cosa que no sucede frecuentemente entre nosotros.<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> “La segunda conferencia de don Ramón del Valle-Inclán”: *Excélsior*, México, 14-X-1921; In: SÁNCHEZ-COLOMER, María Fernanda. “Las conferencias de Valle-Inclán en México (1921): algunas reseñas olvidadas, art. Cit.

Nesta conferência, Valle-Inclán referiu-se ao desenvolvimento da língua castelhana entre os povos de mesma origem e de sua provável transformação. Este tema merece destaque, pois se trata de um recurso que o autor utilizou, posteriormente, em *Tirano Banderas*. Nesta obra, uma das mais relevantes de sua produção, o autor realizou com sucesso, uma fusão entre o espanhol falado em todos os países da América Hispânica.

A 3ª conferência foi resenhada somente pelo *Excélsior*, mas sem demonstrar grande entusiasmo. O tema principal foi o processo de criação de suas *Sonatas* e de seu protagonista, o Marquês de Bradomín. No entanto, o comentarista afirmou: “el público estuvo pendiente de los labios del conferencista, y al finalizar su disertación lo ovacionó cálida y prolongadamente”.<sup>146</sup>

A 4ª conferência retomou alguns temas já tratados anteriormente, sobretudo os temas histórico-políticos e os literários. Pela resenha publicada em 18 de outubro de 1921 no periódico *Excélsior* ela foi considerada a melhor de todas as que o autor proferiu. Valle-Inclán discorreu sobre suas *Flor de santidad* e *La Lámpara maravillosa* e também sobre as mudanças que a Primeira Guerra Mundial produziram na escrita de alguns escritores espanhóis. Mencionou as perseguições sofridas por Unamuno, Baroja e ele mesmo – que também contribuíram para uma mudança de ideias em relação às posições políticas e ideológicas defendidas anteriormente.

Tanto as resenhas do *Excélsior*, quanto do *El Universal* e do *El Heraldo do México*, destacaram o otimismo demonstrado por Valle-Inclán ao manifestar sua admiração pelas revoluções russa e mexicana. Cabe mencionar três fragmentos de textos publicados em cada um dos periódicos mencionados:

---

<sup>146</sup> “La tercera conferencia de don Ramón del Valle-Inclán”: *Excélsior*, México, 16-X-1921; *ibid.*

[...] Pero, afortunadamente, dice don Ramón, vamos entrando en el camino de la regeneración. Desde Rusia a México ya se inicia el gran movimiento que habrá de efectuar la emancipación espiritual de los pueblos [...]<sup>147</sup>

[...] Pero todo cambiará bajo la arcada de Paz y de Justicia que se tenderá entre Rusia y México y que abarca todo el continente.<sup>148</sup>

[...] Por fortuna – terminó Valle-Inclán – la conmoción social que se advierte en algunos pueblos adelantados conmovirá a todas las Naciones del Universo, y algún día, bajo las tres arcadas que se levantan desde Rusia hasta México, podremos encontrar nuestra dignificación.<sup>149</sup>

À luz dessas quatro conferências – e com a exceção talvez da terceira, da qual sabemos apenas que Valle-Inclán tratou de temas ligados às suas *Sonatas* – concordamos com as análises de Dru Dougherty quando afirma que Valle-Inclán assumiu duas posições durante em sua participação nas comemorações do Centenário de Independência mexicano: a primeiro, solidária com o povo mexicano e a segunda de crítica à representação oficial do governo espanhol.<sup>150</sup> Poucos meses depois, Valle-

---

<sup>147</sup> “La cuarta conferencia de don Ramón del Valle-Inclán”: *Excelsior*, México, 18-X-1921; *Ibid.* Reproduzida parcialmente em SCHNEIDER, Luis, M. , *op.cit.*, p. 19-20 e totalmente em SÁNCHEZ-COLOMER, Maria F. *art.cit.*

<sup>148</sup> “Anoche dio su tercera conferencia don Ramón del Valle-Inclán”: *El Universal*, México, 18-X-1921. Resenha reproduzida por SCHNEIDER, Luis M. *op.cit.* p.20, embora escrita como a terceira, mas conforme a temática e os erros de datação trata-se da quarta conferência.

<sup>149</sup> Sem título preciso: *Heraldo de México*, México, 18-X-1921, apud: DOUGHERTY, D. **El segundo viaje a México de Valle-Inclán: una embajada intelectual olvidada.** In: Cuadernos Americanos, XXXVIII, 2 (1979), p. 139.

<sup>150</sup> Aqui nos valem da contribuição de Dru Dougherty a respeito da segunda viagem de Valle-Inclán para o México em 1921. Veremos, na sequência deste capítulo, como as posições defendidas pelo autor repercutiram em outros países da América hispânica e até mesmo em Nova Iorque, acirrando ainda mais a oposição da embaixada oficial espanhola que estivera presente no México naquele mês de Outubro de 1921. Ver, DOUGHERTY, Dru. *Op.cit.*, p. 137-176.

Inclán declarou que a sua defesa da política agrária de Obregón preocupou enormemente a Colônia espanhola do México. Nesse sentido, mencionou, até mesmo, uma tentativa de “suborno” que alguns *gachupínes* haviam lhe oferecido para que tratasse de outros assuntos em suas conferências e deixasse de lado os temas agrários, e além disso solicitaram que defendesse os interesses desses *terratienente* como foi noticiado no periódico cubano *Diario de la Marina* em 08 de Dezembro de 1921:

[...] los prohombres de ésta le ofrecieron espléndidas posibilidades si renunciaba a sostener en sus conferencias determinados puntos de vista sobre el problema agrario, a lo que él se negó prefiriendo condenar la actitud de los terratenientes de Méjico, que rehúsan aceptar la emancipación del indio y hasta su aumento de jornal.<sup>151</sup>

Ainda no que se refere ao conjunto das Conferências, observamos que a improvisação foi uma nota dominante nessas palestras o que permite supor que Valle-Inclán não definira o conteúdo de seus discursos, preferindo se deixar levar pelo rumo dos acontecimentos e das reações dos seus ouvintes. Esta suposição foi sugerida por Maria Fernanda Sánchez-Colomer que procurou mostrar, a partir de um estudo aprofundado sobre Valle-Inclán na condição de orador, a sua capacidade de se moldar às reações do público ao qual se dirigia.<sup>152</sup> Nesta chave de interpretação, podemos compreender porque o tom pró-revolução mexicana e otimista com relação à

---

<sup>151</sup> “Continúan las intemperancias de Valle-Inclán”, *Diario de la Marina*, La Habana, 8-XII-1921. IN: VALLE-INCLÁN, Javier y VALLE-INCLÁN, Joaquín. **Entrevistas, Conferencias y Cartas**. Valencia: Pre-textos, 1994, p.215.

<sup>152</sup> Aqui nos referimos a tese de doutoramento de Maria Fernanda Sánchez-Colomer quando ela desenha a trajetória de Valle-Inclán como orador procurando se valer das estratégias discursivas que o autor emprega ao longo de toda sua vida, buscando mostrar como as idéias e as concepções político ideológicas do autor estavam ligadas as suas estratégias discursivas aplicadas nas conferências e tertúlias literárias madrilenhas. Ver. SÁNCHEZ-COLOMER, Maria Fernanda. **Valle-Inclán Orador**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.

Revolução Russa foi se revelando, pouco a pouco, nas suas conferências do México. A menção explícita a ela em sua 4ª conferência representou um dos raros momentos em que expressou com clareza, sua admiração pelo que acontecia na Rússia.

No entanto, acreditamos que outras hipóteses podem ser levantadas sobre essa questão: lembramos que, em passagem anterior nos referimos às contradições políticas de Valle-Inclán que, tanto se dizia admirador do comunismo como o hispanismo alicerçado do catolicismo do medievo.

Essa contradição também está presente na aproximação que apresenta entre a Revolução Mexicana e a Revolução Russa. Mas neste caso, a explicação é mais plausível pois, no caso da historiografia mexicana sobre a Revolução, muitos autores de tendência socialista, insistiram na tese de que a Revolução Mexicana (iniciada em 1910) fora a primeira revolução social que ocorreu no mundo, antecedendo a revolução russa que aconteceu em 1917, momento no qual o México já realizara a Constituição de 1917 considerada a mais avançada de todos os tempos no que se referia às mudanças sociais.

### **2.6.2. Repercussões da passagem de Valle-Inclán pelo México.**

A viagem de Valle-Inclán ao México repercutiu para além dos limites do território mexicano. Para mostrar o alcance da ressonância de suas palavras, mencionaremos quatro entrevistas concedidas pelo autor a periódicos de diferentes países hispano-americanos, nas quais se refere à sua presença no México: entrevista concedida ao *Diario de la Habana* em 12 de setembro de 1921 (em sua passagem por Cuba antes de sua chegada ao México), entrevista concedida ao periódico *Repertorio Americano*, de San Jose de Costa Rica em 28 de Novembro de 1921, entrevista

concedida ao periódico *Nueva España* de Havana em 30 de Novembro de 1921 e entrevista concedida ao periódico de Havana, *Diario de La Marina* em 8 de Dezembro de 1921.

O interesse pelo conteúdo dessas entrevistas reside no fato de que elas expressavam a opinião de Valle-Inclán sobre o México (incluindo suas posições sobre os *gachupínes* no país e a reforma agrária) e sobre a América Hispânica frente à Espanha.

Em sua primeira entrevista ao *Diario de la Marina*, Valle-Inclán foi enfático ao abordar os interesses da Espanha em relação à América Hispânica, sobretudo no que diz respeito às questões políticas e literárias. Denunciou a falta de interesse dos editores espanhóis em publicar livros de escritores hispano-americanos na Espanha, o que resultava, segundo ele, em prejuízo aos intelectuais espanhóis que desconheciam uma literatura tão importante. Valle-Inclán demonstrava especial admiração por Leopoldo Lugones e Ruben Darío.

Nas entrevistas, as referências ao “espírito novo” que reinava no México, naquele momento, merecem destaque. Numa das entrevistas, afirmou:

El cambio que yo noto en México, y de cual me congratulo, es en el orden del espíritu. Por lo poco que he visto y lo que sé a través de libros y periódicos, noto que este gran país tiene ya una poderosa individualidad. El pueblo mexicano puede decirse que ha despertado completamente y que posee una de las conciencias colectivas más desarrolladas entre los países del mundo entero. Y esto lo ha demostrado con hechos y también con ideas, supuesto que esta gran república ha producido no solamente hombres de acción, sino también hombres de pensamiento.<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> Trecho de entrevista concedida a Esperanza Velázquez Bringas, Manuel Horta e Roberto Barrios ao periódico *Repertório Americano* de San José de Costa Rica, no dia 28 de novembro de 1921. VALLE-INCLAN, Ramon del. **Entrevistas, conferencia y cartas** (Edición de Joaquín y Javier del Valle-Inclán). Valência: Pré-textos, 1994, p.206.

Nessa mesma entrevista, concedida ao periódico *Repertorio Americano*, de San José de Costa Rica, Valle-Inclán manifestou sua impressão a respeito do Presidente mexicano Álvaro Obregón, como mostra o trecho abaixo.

[...] un hombre con grandes cualidades para gobernar un pueblo. Sereno, discreto y con un criterio muy justo para aquilatar valores y compensarlos. Su política tiene muchas de las características de Briand: cordial, reservado, inteligente (...”).<sup>154</sup>

Em sua terceira entrevista concedida ao periódico *Nueva España* de Havana, Valle-Inclán foi mais enfático em relação à sua visão positiva sobre o presidente Álvaro Obregón, sobretudo no que se refere à sua política relacionada à questão agrária, como se pode notar no seguinte trecho:

El presidente Obregón sabe perfectamente cómo han sido adquiridas la mayor parte de esas grandes extensiones de terreno del que ustedes se creen legítimos propietarios.

Él sabe que la mayoría de ellas han sido adquiridas a río revuelto y en combinaciones nada limpias hechas con otros presidentes, y como lo sabe quiere hacer justicia, y para ello no inventa nada, ni siquiera hace una nueva ley, no hace más que echar mano de una ley española: la le de Indias.<sup>155</sup>

Quando menciona os grandes proprietários de terra, está se referindo, especialmente, aos *gachupines* no México. Seu posicionamento frente a essa questão

---

<sup>154</sup> Aristide Briand, ocupou o cargo de primeiro ministro da França por seis vezes e foi agraciado com o Nobel da Paz, em 1926, pelos tratados de Locarno. Foi excluído do Partido Socialista Francês em 1906 por unir-se ao então governo burguês. Ibid., p.203.

<sup>155</sup> Trecho de entrevista concedida a Mario López Bacelo ao periódico *España Nueva* de Havana, publicada no dia 30 de novembro de 1921. Ibid., p.209-210.



fica ainda mais claro quando relata a visita do Ministro de Espanha ao chegar ao México<sup>156</sup>:

A poco de mi llegada me visitó el ministro español acompañado de una comisión de *Grandes* de la colonia española a pedirme que intercediera en favor de ellos en el asunto del reparto de tierras a los nativos.

Me enteraré del caso; vuelvan mañana – les dije – y, efectivamente, al otro día les hablé la verdad, tal como yo lo sentía. No cuenten conmigo porque para mí es un caso de conciencia.<sup>157</sup>

Há um momento, nessa entrevista, que Valle-Inclán expressa claramente sua posição política sobre o papel da Espanha na América e mais especificamente no México, quando declara:

Yo sustento la opinión de que la verdadera política de atracción que debe seguir España en América, y también los españoles que habitan este continente, es apoyar resueltamente a los gobiernos constituidos y no, como en este caso, que por afinidad de intereses, se alían con los yanquis.<sup>158</sup>

Além dessa visão crítica em relação ao papel da Espanha na América, referiu-se, de forma direta à Revolução Russa e Lênin, quando foi indagado sobre sua posição a respeito do tema por Mario López Bacelo, do periódico *España Nueva* de Havana. O autor respondeu nos seguintes termos:

---

<sup>156</sup> Este episódio aparecerá em forma de anedota em seu romance *Tirano Banderas* (1926) no segundo livro, do primeiro capítulo intitulado “O Ministro da Espanha”.

<sup>157</sup> Trecho da longa entrevista concedida a Mario López Bacelo ao periódico *España Nueva* de Havana, e publicada no dia 30 de novembro de 1921. *Ibid.*, p.210.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p.210.

Opino de la revolución rusa, que es la revolución más grandiosa que ha dado la humanidad; y Lenin es el más grande estadista de estos tiempos. Todo cuanto se dice de calamidades del régimen soviético es una vil calumnia que se hace para desprestigiar a la gran revolución y para impedir que se propague entre la clase obrera del mundo.<sup>159</sup>

Para reafirmar o papel da Espanha na América, em sua última entrevista feita nessa viagem para América, Valle-Inclán sustentou sua posição favorável a Revolução Mexicana e a importância em defender interesses coletivos, frente aos interesses particulares de *hacendados* do México, como podemos acompanhar no trecho a seguir:

Añade que para España es más interesante conservar la amistad y el respecto de la América Española que defender los intereses particulares de varias docenas de hacendados de Méjico; afirma que la colonia española de Méjico, con sus grandes capitales, sus industrias y sus intrigas influye intensamente en la prensa mejicana, que depende de ella por los anuncios, atribuyendo a esto los artículos de *El Universal*.<sup>160</sup>

Nesse trecho, Valle-Inclán se remete a uma entrevista que teria sido publicada no periódico mexicano *El Universal*, logo após a sua partida do México e que ele nega tê-la concedido ao jornalista cubano Ruy Lugo de Viña. Contudo, como indica a Luis Mario Schneider, a entrevista existiu e provocou grande reação expressa nesse

---

<sup>159</sup> Esta entrevista ocorreu em Havana, no dia 30 de novembro de 1921, ao periódico *España Nueva*. É importante ressaltar que ela foi concedida cerca de quinze dias após a passagem de Valle-Inclán pelo México em 1921. *Ibid.*, p.212.

<sup>160</sup> Essa entrevista concedida ao *Diario de la Marina* de Havana, foi publicado em 8 de dezembro de 1921, quase um mês após a sua saída do México. VALLE-INCLAN, Ramon del. **Entrevistas, conferencia y cartas** (Edición de Joaquín y Javier del Valle-Inclán). Valência: Pré-textos, 1994, p. 215-216.

periódico. O autor se refere a ela em sua pesquisa hemerográfica, transcrevendo o texto do *El Universal*:

[...]El domingo 13 de noviembre, *El Universal* dio la noticia de que ese día partía Valle-Inclán camino de Nueva York, pasando por la Habana. [...]Al día siguiente todavía la prensa recoge más datos que ilustran su polémica figura. *El Universal* inserta un reportaje de Ruy de Lugo Viña "Las últimas palabras del Valle-Inclán en México", y el agresivo subtítulo de "El estrambótico literato español agasajado en este país por un pequeño grupo de nuestro literatos snobs, salió ayer de esta capital".

Impertinentes y violentos el reportero y el reportador. Preguntas y respuestas de juegos y arbitrariedades que trajo desatadas consecuencias. No era para menos. Valle-Inclán contestó que el rey de España era "un cobarde vergonzoso" y que la única salida de una España que vivía en la censura era una revolución comunista. De paso, que los habitantes argentinos - país que visitó Valle-Inclán en sus festejos de Centenario en 1910 - eran unos bárbaros que jamás pensaba regresar a ese país. La colonia española enfurece.<sup>161</sup>

Segundo relato do semanário *España*, a “embaixada intelectual” liderada por Valle-Inclán fez com que o governo espanhol desistisse da ideia de enviar, para o México, o diretor do *Diário ABC*, um ministro e um ex-ministro com o propósito de "fazer uma pressão amigável sobre o governo mexicano para que este ressarcisse a colônia espanhola o valor de cem milhões de pesos para cobrir os prejuízos sofridos pelo processo revolucionário do passado, quando, aparentemente, esse valor não ultrapassava seis milhões.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> SCHNEIDER, Luis Mario. **La segunda estancia de Valle-Inclán en México (1921)**. IN: Valle-Inclán (1898-1998): Escenarios. (Orgs) ZAS, Margarita Santos; FEIJOO, Luis Iglesias; ALONSO, Javier Serrano; BOLUFER, Amparo de Juan. Santiago de Compostela: Publicaciones Universidad de Santiago de Compostela, 1998, p.143-144.

<sup>162</sup> Conforme artigo publicado na Revista *España*. Nº 306, 4-II-1922, cujo título foi “Regreso de Valle-Inclán”.

Se o governo espanhol tinha a expectativa de que a “embaixada intelectual” iria defender seus interesses, as declarações de Valle-Inclán foram na direção oposta, pois o escritor deixou clara, em várias ocasiões, a sua simpatia em relação à Revolução Mexicana; além disso, em seus discursos atacou latifundiários e comerciantes espanhóis estabelecidos no México e se manifestou contra a política espanhola baseada em chantagem.

Esse discurso contra os latifundiários e contra a diplomacia oficial espanhola, no México, está presente em vários trechos do romance *Tirano Banderas*.

## CAPÍTULO 3

### *TIRANO BANDERAS*

#### *Entre a Civilização e a Barbárie*

*Cree usted que deban intervenir en política los intelectuales que cobran tres o cuatro sueldos del Estado, los intelectuales que tienen una posición cómoda y miedo de perderla? Entonces le responderé que no. Eso me explico muy bien que no quieren arriesgarse a los azares de la política. Pero los demás... los demás podemos y debemos intervenir resueltamente.*

Ramón del Valle-Inclán, entrevista ao periódico *Heraldo de Madrid*, Madrid, 30 de junho de 1925.

*Todo liberalismo, si tiene una visión de porvenir político del mundo, debe hacerse socialista.*

Ramón del Valle-Inclán, entrevista ao periódico *El Liberal*, Madrid, 22 de dezembro de 1927.

### 3.1. A Espanha de Miguel Primo de Rivera.

Antes de discorrermos sobre as especificidades da ditadura instaurada por Primo de Rivera em 1923, será necessário retrocedermos para compreendermos os antecedentes que permitiram a tomada do poder pelo general.

Nesse sentido, o período de Restauração (1875-1917) é um marco<sup>163</sup>. O sistema político que se estabeleceu foi bipartidarista entre o Partido Liberal-Conservador liderado por Antonio Cánovas del Castillo e o Partido Liberal-Fusionista que encabeçou Práxedes Mateo Sagasta, embora participasse na sua criação Cánovas del Castillo. Isto permitiu superar o sistema de partido único que levava a uma falta de legitimidade democrática a Isabel II e ao seu posterior derrocamento. O novo panorama permitiria uma maior estabilidade, mas a estreiteza do sistema, com uma alternância política fictícia, causará graves problemas que terminarão na corrupção política, cuja base estava no denominado caciquismo.

A Restauração implicou uma profunda centralização administrativa e legal. Os nacionalismos catalão, basco e galego não tardam em reagir, na Catalunha ligado à sua própria revolução burguesa e à identidade cultural; no País Basco, que perdera os foros após as guerras Carlistas, buscava definir o seu futuro. Apareceram o Partido Nacionalista Basco, a Liga da Catalunha e a União Catalanista, a Associação Regionalista Galega.

O movimento operário agrupou-se em torno ao PSOE que propugnava a luta pacífica e a participação eleitoral, a UGT (fundada em 1888) e o anarquismo na Federação de Trabalhadores da Região Espanhola.

---

<sup>163</sup> Ver, CARR, Raymond. **España, 1808-1975**. Barcelona, 1996.; Ver, MOLAS RIBALTA, Pedro. **Manual de Historia Moderna de España**. Madrid, 1988.

A monarquia questionaria estes movimentos com uma forte repressão, com especial virulência contra o anarquismo. Catalunha será território de muitos destes confrontos, onde em 1897 um anarquista assassinará Cánovas.

O episódio da perda de Cuba foi catastrófica, mas as lutas internas entre federalistas e conservadores também tiveram um importante impacto. Do ponto de vista econômico, a crise industrial, de capitalização e o aporte de capitais estrangeiro também teve grande impacto, somado há um grande avanço demográfico.

Em 1902 subiu ao trono Alfonso XIII, com Antonio Maura como Chefe do Governo procurando impulsionar uma política de abertura que evitasse a revolução operária: eliminação ou atenuação do caciquismo eleitoral e descentralização administrativa. Contudo, o exército, ainda agitado pela derrota e pelas fortes críticas da opinião pública após a guerra, enfrentava-se com o sistema e mantinha constantes ameaças ao processo modernizador.

O governo manteve ocupado o exército na África, em Marrocos, onde a Espanha compartilhava a colonização com a França. Em 1908 recrudesceram-se os confrontos com a população marroquina. A Semana Trágica de Barcelona será a contestação popular ao envio de tropas. Maura perdeu o poder e chegou o governo liberal de José Canalejas. Apenas se puderam adotar algumas medidas de descentralização, até o seu assassinato em 1912 por um anarquista. Sucedem-se os governos do Conde de Romanones e Eduardo Dato.

A Espanha decidiu permanecer neutra na Primeira Guerra Mundial, mas desaproveitou economicamente a oportunidade de colocar-se em posição de privilégio numa economia de guerra.

O ano de 1917 foi o das revoltas: o exército uniu-se em torno às Juntas Militares de Defesa nos seus confrontos internos; republicanos e socialistas aliaram-se para oferecer uma alternativa ao sistema político, assim como os nacionalistas catalães e bascos, e foram suspensas as garantias constitucionais; a greve revolucionária de Agosto-Setembro provocou graves confrontos entre sindicatos e forças da ordem.

A gravíssima crise de 1917, foi conjurada por meio de um governo de ampla concentração de partidos dinásticos, entre os que foram incluídos, pela primeira vez, os catalanistas. O governo foi presidido por Manuel García Prieto, que convocou eleições em Fevereiro de 1918. Os liberais foram os ganhadores.

Formou-se um Governo Nacional, presidido por Maura, e com presença de todos os chefes parlamentares dos partidos afins à monarquia; mas este esforço somente durou 7 meses, devido primariamente às diferenças entre estes chefes. Em Junho de 1919, o novo governo conservador de Maura teve de convocar novas eleições, com uma suspensão das garantias constitucionais. As minorias de esquerda declararam as novas Cortes "facciosas". As diferenças no seio das filas conservadoras levaram a que as novas Cortes fossem ainda mais ingovernáveis, pois embora os conservadores foram os ganhadores, estavam divididos em duas facções de similar envergadura.

Os sucessivos governos não conseguiram pacificar os ânimos. A Revolução russa influiu nos sindicatos, sobretudo a CNT, que até 1921 mantiveram revoltas em toda Espanha, da Andaluzia à Catalunha. Esse ano foi assassinado Eduardo Dato em outro atentado anarquista e até 1923 houve treze governos diferentes em seis anos. O Desastre em Marrocos levou o governo de Manuel García Prieto em 1922 a um última tentativa de regeneracionismo que fracassou com as petições à esquerda de



responsabilidades políticas. A 13 de Setembro de 1923, Miguel Primo de Rivera, capitão-general da Catalunha, deu um golpe de estado que triunfou imediatamente ao ser reconhecido por Afonso XIII, começando a ditadura de Primo de Rivera.

O regime de Primo de Rivera, que se estendeu de 1923 à 1929, estabeleceu-se no contexto de uma crise nacional e internacional de natureza econômica, social e política decorrentes do final da Primeira Guerra. As tentativas de estabilização das múltiplas atividades, no início dos anos 1920, exigiram grandes esforços das sociedades e dos governantes dos países atingidos pelo conflito. No caso da Espanha, a crise propiciou a ascensão de um governo ditatorial comandado por Miguel Primo de Rivera.

Autores como Gómez Ochoa, consideram a ditadura de Primo de Rivera como seqüela inevitável da crise da Restauração em sua vertente econômico-social e política.<sup>164</sup> No entanto, poucos estudos sobre os dois períodos ditatoriais na Espanha se preocuparam em estabelecer comparações entre as ditaduras de Primo de Rivera e a ditadura de Francisco Franco. Acreditamos que tal comparação poderia esclarecer, em que medida, essa experiência dos anos 1920 prepararam o terreno para a Guerra Civil seguida da longa ditadura franquista.

Segundo o professor Ben Ami, a ditadura de Primo de Rivera foi um ensaio de métodos políticos autoritários já empregados em outras partes da Europa, sustentados em três pilares: a crise europeia no âmbito político e econômico do modelo liberal, a crise do governo da Restauração na Espanha e o conflito político-social decorrente dessa crise espanhola que atingiu o mundo mediterrâneo durante a década de 1920.

---

<sup>164</sup> Ver, GÓMEZ OCHOA, F. **La crisis final de la Restauración 1917-1923 en la Historiografía española**. Cantabria: Ed. Rueda, Universidad de Cantabria, 1991.

Durante a década de 1920 foram formuladas algumas teorias políticas e sociais que propunham a “refundação” da Europa após os horrores da Primeira Guerra Mundial, com a intenção de estabilizar a vida política e econômica do velho continente.<sup>165</sup> Neste sentido, acreditamos que a ditadura de Primo de Rivera não foi um mero interlúdio entre a Restauração e a II República, mas um período no qual foram elaboradas e experimentadas uma série de teorias sobre a crise do pós-Guerra que influíram decisivamente nos destinos políticos da Espanha, tanto durante o período republicano, como de seus desdobramentos que resultaram na ditadura franquista.

Foi nesse contexto que, o Capitão geral da Catalunha - Miguel Primo de Rivera - tornou público, em Barcelona, um Manifesto que convocava os patriotas “a la salvación de la patria”, para “libertarla de los profesionales de la política” e que pretendia livrar o país dos males oriundos do “Desastre” de 1898. Afirmou: “en virtud de la confianza que en mí han depositado”, iria constituir “en Madrid un Directorio inspector militar con carácter provisional, encargado de mantener el orden público y asegurar el funcionamiento normal de los ministerios y organismos oficiales”, com o “apartamiento total” dos partidos políticos.<sup>166</sup>

A idéia inicial expressa no “Manifiesto al País” de 13 de setembro de 1923 era institucionalizar um regime nos moldes do que fora instituído na Itália. Primo de Rivera esclarece os fundamentos do modelo institucional proposto:

---

<sup>165</sup> Dar nova coesão social era o propósito dominante do pensamento da *acción conservadora* a partir de 1918. Mas, a proposta de coesão também foi defendida pelos progressistas; esta proposta comum nos ajuda a compreender a participação de alguns intelectuais de 1898 nos primeiros movimentos liderados por Primo de Rivera após o golpe de Estado em Setembro de 1923. Ver, CABRERA, Mercedes. **Europa en crisis 1919-1939**. Madrid: Ed. Pablo Iglesias, 1991.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p.382..

[...]fracasado el sistema parlamentario en su forma actual, nadie que no estuviese loco pensaría restablecerlo en España; el Gobierno y la Unión Patriótica tienen la concepción de un Estado de nueva estructura; célula principal de la Nación ha de ser el municipio y de él la familia, con sus rancias virtudes y su moderno concepto ciudadano. Núcleo la provincia y la vértebra principal que dirija todo el sistema, el Estado.<sup>167</sup>

Percebemos, no trecho acima, que a concepção organicista que fundamenta perspectivas de poder autoritário, que já era muito caro à direita conservadora espanhola, mas que ainda, em 1923, não reunia as condições suficientes para a transformação da Espanha num regime de natureza fascista, embora Primo de Rivera demonstrasse *fascinação* pelo regime fascista italiano.

No dia seguinte à publicação desse Manifesto, em 15 de setembro de 1923, o Rei Alfonso XIII convocou o General Primo de Rivera para uma audiência em Madrid e o nomeou Chefe do Governo: foram suprimidos os cargos de Presidente do Conselho de Ministros, composto pelos Ministros da Coroa e Subsecretarias, atribuindo ao General o título de Presidente do Directório, com faculdades de Ministro único e plenos poderes para desempenhar o Poder legislativo mediante decretos que teriam força de lei. Assim, estavam suspensas as garantias constitucionais e foi declarado “estado de guerra” no território nacional; os cargos dos governadores civis de todas as províncias foram destituídos e foram substituídos por governadores militares.<sup>168</sup>

Os republicanos, socialistas, comunistas e anarquistas, recorreram aos limitados meios de que dispunham, ou seja, manifestos publicados entre os dias 13 e 14 de setembro, através dos quais se declaravam contra a ditadura militar, mas

---

<sup>167</sup> PRIMO DE RIVERA, Miguel. **El pensamiento de Primo de Rivera**. Madrid, 1929, p.34-36.

<sup>168</sup> CUADRADO, Miguel Martínez. Op.cit., 382.

acabaram optando por um silêncio tático devido às perseguições às quais estavam sendo submetidos.

Segundo Martínez Cuadrado, a ditadura se desenvolveu em três etapas e uma fase final. A primeira correspondeu ao diretório militar vigente entre 15 de setembro e 3 de dezembro de 1925: nesse período, o ditador se valeu do Exército para realizar a repressão que, nesse momento, contou com certa benevolência por parte de setores políticos, uma vez que a repressão estava canalizada preferencialmente contra os grupos radicais da classe operária organizada, considerados responsáveis pelas lutas sociais que perturbavam a ordem no país.

A segunda etapa marcou o apogeu do poder pessoal do ditador Primo de Rivera: os êxitos de sua política externa no Marrocos que, com a colaboração hispano-francesa, derrotou os nacionalistas rifeños<sup>169</sup> e conseguiu a pacificação do país. Esta 2ª etapa durou até julho de 1927, data em que foram concluídas as operações militares no Marrocos.

A terceira etapa, iniciada em 10 de julho de 1927, foi caracterizada pela busca de um aparato político-institucional consoante com o poder pessoal do ditador. Os primeiros projetos surgiram ao final de 1926, quando Primo de Rivera prometeu a abertura de uma Assembléia Nacional na qual estariam representados, com a devida ponderação, todas as classes e os interesses. Contudo, a “Unión Patriótica” e as autoridades locais seriam os responsáveis por referendar a participação de tais grupos,

---

<sup>169</sup> Rifeños são uma etnia Berberisca que habitam a região de Rif ao norte de Marrocos. Sua língua materna era o idioma rifeño. Foi nessa região que os espanhóis encontraram maior resistência na guerra colonial em Marrocos. EGUREN, Joaquín. **De Marruecos a España: la comunidad transnacional rifeña**. Madrid: Revista Migración y Desarrollo, 2013.

o que na prática, significava uma democracia “demagógica”. Nesse momento, crescia a resistência à ditadura.<sup>170</sup>

Durante o período ditatorial, foram elaborados os argumentos doutrinários que originariam o poder autoritário durante os anos de 1930: a exaltação do mito do chefe, a estruturação hierárquica da União Patriótica – concebida como movimento político integrador em substituição aos partidos políticos. O desenvolvimento de teorias organicistas utilizadas para combater a teoria política liberal que sustentava o parlamentarismo e a defesa do intervencionismo do Estado na economia.<sup>171</sup>

A distorção do sistema parlamentar nos novos Estados, surgidos da guerra, a insuficiente modernização econômica e política, o rechaço dos princípios liberais, inclusive pela crescente população operária, são algumas das características dos países nos quais vicejaram as ideologias anti-liberais.

Os movimentos antiliberais que proliferaram no pós-guerra, reforçados pela vitória de Revolução Russa em 1917, se apresentavam como doutrinas modernizadoras dos sistemas políticos que haviam sido corrompidas pelos sistemas oligárquicos do passado e também propunham novas formas de controle social para fazer frente à proliferação do comunismo entre as classes trabalhadoras. A direita conservadora espanhola, nesse período, em seu afã de frear os conflitos sociais, apoiou o Estado forte, ou seja, a ditadura de Primo de Rivera que se apresentava como “harmonizadora” dos interesses sociais.

A ditadura de Primo de Rivera, que eliminou o sistema parlamentar, imprimiu fortes marcas autoritárias no poder espanhol que, não só dificultaram enormemente o

---

<sup>170</sup> CUADRADO, Miguel Martínez. Op.cit., p.384-386.

<sup>171</sup> Conforme nos indica Miguel Perfecto. PERFECTO, Miguel A. **Política social y regeneracionismo en la Dictadura de Primo de Rivera**. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 1994, p.226.

curto período da Segunda República, como prepararam o terreno para a longa ditadura franquista.<sup>172</sup>

### 3.1.1. Os intelectuais frente à ditadura

Durante o período em que Primo de Rivera esteve à frente do governo espanhol, o ano de 1925 representou um marco importante porque consolidou o sistema ditatorial e a permanência do General no poder. Ele assumiu o governo com a promessa de que o período de exceção não seria longo, pois seu propósito era promover a volta do regime liberal após a eliminação das corruptelas que comprometeram o regime anterior.

Com a legitimação de um poder que havia surgido com a promessa da transitoriedade, cresceram, a partir de 1925, as manifestações de oposição ao regime, não só no meio político, mas sobretudo a partir da ação dos intelectuais.

No momento em que se “legitimou” o regime ditatorial, o papel dos intelectuais passou a ser muito importante. Isto não quer dizer que todos os integrantes do mundo da cultura se opusessem ao novo regime: a decepção com o ambiente corrupto, que muitos atribuíam ao sistema liberal vigente no período anterior, explicam a aceitação de um governo autoritário.<sup>173</sup>

Esse embate sobre a natureza dos regimes ganhou espaço na imprensa espanhola, em meados de 1925, e acabou gerando uma forte divisão entre liberais e

---

<sup>172</sup> Ibid., p.230.

<sup>173</sup> LLANO, Genoveva García. **Los intelectuales la dictadura de Primo de Rivera**. Madrid: Alianza Editorial, 1987, p.178.

anti-liberais. As primeiras tomadas de posição nesse sentido foram dos setores que haviam evoluído para um rompimento com o liberalismo.

Em depoimento à imprensa argentina, José Augusto Martínez Ruiz, mais conhecido por seu pseudônimo Azorín atacou o sufrágio universal e, paradoxalmente, defendeu a ideia de que o regime ditatorial conquistasse uma cômoda maioria parlamentar. Também Wenceslao Fernández Floréz<sup>174</sup> se referiu, de forma depreciativa, em relação ao sufrágio universal. A posição de Ramiro de Maeztu talvez tenha sido a mais emblemática desse momento: atribuiu ao intelectual uma função de “profeta anunciador” do mundo novo que não se caracterizaria precisamente pelo liberalismo.

Todas essas atitudes provocaram a reação indignada dos escritores e intelectuais que assumiam posições liberais progressistas ou de esquerda, com diferentes matizes. Este foi o caso, por exemplo, de Marcelino Domingo e Luis Araquistáin.<sup>175</sup>

Nesse período de 1925, embora bastante doente, Valle-Inclán rechaça duramente a ditadura de Primo de Rivera, se aproximando bastante das posições da Esquerda Republicana defendidas por Luis Araquistáin, um de seus grandes amigos nessa época.

No começo de março de 1925, a intervenção de José Ortega y Gasset se deu através de uma série de artigos publicados em *El Sol*. Neles, o autor dizia que a divisa

---

<sup>174</sup> Wenceslao Fernández Floréz (1885-1964), escritor e periodista gallego nascido em La Coruña, era colaborador em diversos periódicos espanhóis. Era de ideologia conservadora, admirador de Antonio Maura.

<sup>175</sup> Marcelino Domingo Sanjuán (1884-1939), foi um maestro e político espanhol da época da Segunda República. Foi o principal propulsor da proposta de autonomia da Catalunha rechaçada pelas Cortes Monárquicas em 1918. Luis Araquistáin (1886-1959), foi escritor e político espanhol, membro do Partido Socialista Obrero Español (PSOE). LLANO, Genoveva García. Op.cit., p.179.

do momento deveria ser “la libertad con todo”, ou seja, não bastava desejar o retorno às liberdades constitucionais, mas que ela deveria vir acompanhada por ações concretas capazes de produzir substancial reforma da sociedade. Não teria sentido, portanto, um retorno puro ao regime anterior.

Essa intervenção de Ortega y Gasset produziu um imediato “rebolicho” na imprensa madrilenha. Nesta ocasião, o autor recebeu apoio da imprensa direitista, mas foi violentamente repudiado pelos esquerdistas e liberais, que o acusaram de manter, na prática, uma posição colaboracionista com o regime. Essa situação resultou na ruína de um projeto político que havia sido pensado nos fins de 1924, a partir da intervenção de Sainz Rodríguez no discurso de abertura da Universidad Central havia criado o germe de uma possível Liga de Intelectuais.<sup>176</sup> Esta Liga de Intelectuais teria como proposta ajudar a solucionar os problemas gravíssimos que a Espanha estava passando naquele momento através de um plano teórico que se orientava da seguinte maneira, conforme seu ideólogo Sainz Rodríguez escreveu:

[...] el culto a la tradición y la búsqueda de un elemento aglutinador que alimente una conciencia colectiva generadora del concepto de nación, en el que las ideas del francés Renan, tan estudiado por Ortega, le sirven de guía. La corona sería ese elemento aglutinador; aunque no sea ella la que genere el ideal comunitario, sino que este será generado por un catolicismo beligerante en estrecho y fiel maridaje con el trono.<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> A intervenção de Sainz Rodríguez no discurso de abertura da Universidad Central havia criado o germe de uma possível Liga de Intelectuais, mas a reação ante os artigos de Ortega y Gasset foram tão negativas que a possibilidade deste grupo existir desapareceu. LLANO, Genoveva García. Op.cit., p.180.

<sup>177</sup> BAUSELA, José Ramón López. **La contrarrevolución pedagógica en el franquismo de guerra. El proyecto político de Pedro Sainz Rodríguez.** Madrid, Biblioteca Nueva / Ediciones de la Universidad de Cantabria (PubliCan), 2011, p.276.



Suas pretensões, com essa tentativa de criação de uma liga de intelectuais comprometidos com a política nacional, eram mais uma expectativa em face dos rumos que poderiam tomar os acontecimentos na Espanha nos anos que se seguiriam, do que propriamente uma ação contra Primo de Rivera. Talvez por conta desse fato, não tenha surtido efeito naquele momento.

O papel do intelectual na política espanhola passou a ser, a partir desse episódio, objeto de discussão. Ortega y Gasset, estava no centro dessa polêmica, pois defendia a ideia de que os intelectuais “no se ocupasen de política sino que vacasen a sus menesteres literarios y científicos”.

Para Ortega y Gasset, a politização do intelectual estava servindo, naquele momento, para favorecer “apasionamientos pueriles”. Desta forma, se colocava do lado oposto dos intelectuais que se identificavam com o liberalismo ou com posições de esquerda.

Nesse debate, Valle-Inclán estava próximo do grupo de Luis Araquistáin, dos socialistas que a imprensa buscava identificá-lo com o ideário da esquerda republicana.

Embora Valle-Inclán tivesse certo apreço em relação às posições polêmicas e mais radicais, buscava em seus pronunciamentos públicos, relativizar ou moderar suas opiniões. No caso de Ortega y Gasset, apesar de não concordar com as suas opiniões políticas, nutria amizade e admiração por ele. Em uma entrevista ao periódico *Heraldo de Madrid* em 30 de julho de 1925, o jornalista perguntou se ele acreditava que os intelectuais deveriam intervir nas questões políticas, afirmou:

[...]Hombre! Es como si me preguntara usted que si creo que los zapateros o los rubios no deben mezclarse en política... ¿Por qué no van a intervenir?

¿Es que los intelectuales no son ciudadanos como los demás? ¿Acaso no pagan contribuciones? ¿No van a Marruecos? ¡Pues entonces!

[...] Mire: si usted me pregunta: “¿Cree usted que deban intervenir en política los intelectuales que cobran tres o cuatro sueldos del Estado, los intelectuales que tienen una posición cómoda y miedo de perderla?”, entonces le responderé que no. Esos me explico muy bien que no quieran arriesgarse a los azares de la política. Pero los demás..., los demás podemos y debemos intervenir resueltamente.<sup>178</sup>

Curiosamente, Valle-Inclán termina essa entrevista referindo-se à importância de se criar uma linguagem hispano-americana, ou seja, aceitando as vozes americanas e as incorporando ao idioma espanhol “más que esos bajos vocablos de garito y de burdel” que, segundo o autor, até o momento era o único que “temos tomado” da América.<sup>179</sup>

Valle-Inclán concluiu a entrevista, mencionando sua obra *Tirano Banderas* e a inovação linguística que resultara da incorporação de americanismos, oriundos da fala, na escrita de seu livro. Nessa época, fragmentos de *Tirano Banderas* começavam a sair em forma de folhetim no periódico de Salamanca *El Estudiante* o que nos leva a crer que a obra já se encontrava pronta.

É interessante notar que, ao ser chamado pela imprensa para se posicionar frente ao debate político feroz que os intelectuais estavam travando, naquele momento, acerca do rechaço completo ou parcial à ditadura de Primo de Rivera e também sobre o papel do intelectual na sociedade espanhola, incluindo a política, Valle-Inclán nos deixa entrever que a sua criação literária é uma resposta à pergunta sobre a pertinência da intervenção dos intelectuais na política. Resta-nos, assim, seguir os passos dessa possível resposta.

---

<sup>178</sup> Entrevista concedida ao *Heraldo de Madrid* em 30-VI-1925, apud: VALLE-INCLÁN, Joaquín e VALLE-INCLÁN, Javier. **Entrevistas, Conferencias y Cartas**. Madrid: Pre-Textos, 1994, p.281.

<sup>179</sup> *Ibid.*, p.181.

## 3.2. *TIRANO BANDERAS*

### 3.2.1. A Ficção

O romance se inicia com um prólogo apresentando um movimento de insurreição contra o Coronel-Presidente Santos Banderas, o *Tirano Banderas*. Deixa entrever, logo de início a ligação profunda entre os *gachupines*, espanhóis enriquecidos e radicados na fictícia terra de Santa Fé, protegidos pelo *Tirano* e os nativos, índios, negros.

Santa Fé de Tierra Firme é caracterizada como uma síntese de muitas paisagens latino-americanas: arenais, pantanais, cactos, ou seja, uma mistura de vegetações. Também são citados, nominalmente, alguns países, como o Peru, local onde o *Tirano* atua: “En el Perú había hecho la guerra a los españoles, y de aquellas campañas veniale la costumbre de rumiar la coca, por donde en las comisuras de los labios tenía siempre una salivilla de verde veneno”<sup>180</sup>. Neste trecho, chamamos a atenção para uma construção importante sobre esse personagem: ele fizera a guerra contra os espanhóis, para tornar-se independente, mas naquele contexto do final do século XIX e início do XX, conta com o apoio da colônia de espanhóis para governar. A forma de governo está acima das paixões políticas pois a manutenção da ordem é a mola mestra do funcionamento da sociedade.

A primeira aparição de *Tirano Banderas* no romance se dá no momento em que o autor se refere à recepção da colônia espanhola de *gachupines* na casa do Tirano após o fuzilamento de um insurreto, na celebração das festas de “Todos os Santos e de Finados”, festa típica mexicana, que reforça ainda mais o deslocamento

---

<sup>180</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. **Tirano Banderas, novela de tierra caliente**. Madrid: Espasa-Calpe, 1987, p

especial da narrativa, no sentido de compor uma representação que envolva várias regiões da América Hispânica. O autor chama atenção para posições relacionadas à política por parte dos membros da “Colônia espanhola” e do *Tirano*.

¡La Colonia Española, siempre noble y generosa, tiene una oración y una lágrima para las víctimas de una ilusión funesta, de un virus perturbador! Pero la Colonia Española no puede menos de reconocer que en el inflexible cumplimiento de las leyes está la única salvaguardia del orden el florecimiento de la República.<sup>181</sup>

El gobernante, muchas veces precisa ahogar los sentimientos de su corazón, porque el cumplimiento de la ley es la garantía de los ciudadanos trabajadores y honrados: El gobernante, llegado el trance de firmar una sentencia de pena capital, puede tener lágrimas en los ojos, pero a su mano no le está permitido temblar.<sup>182</sup>

No primeiro trecho, percebe-se que a Colônia Espanhola aceita as determinações do Tirano porque precisa de seu apoio para evitar a desapropriação das terras e a partilha delas, ou seja, trata-se de um clara alusão à reforma agrária mexicana à qual os *gachupines* se opuseram tenazmente. Na segunda, o *Tirano*, justifica o uso da força para proteger os “trabalhadores honrados” ou seja, os proprietários.

Já nas primeiras páginas de *Tirano Bandeiras*, aparece uma visão do hispânico habitando nessa *Tierra Caliente*, local da ação do livro, cuja descrição sugere negatividade quando se refere à visita do ditador à “endomingada” colônia espanhola

---

<sup>181</sup> A Colônia de Espanhóis busca apoio do *Tirano* para evitar a invasão e a partilha de terras. Esta parece uma clara alusão aos episódios ocorridos durante o processo revolucionário mexicano. VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit., p.42.

<sup>182</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit., p.42.

formada por “el abarrotero, el empeñista, el chulo del braguetazo, el patriota jactancioso, el doctor sin reválida, el periodista hampón, el rico mal afamado”. Já “El indio dueño de la tierra es una utopía de universitarios”, afirma um dos *gachupínes*, ao qual o *Tirano Banderas* responde, de forma irônica: “A los científicos hay que darles puestos fuera del país, donde su talento no sea prejudicial para la República”. A frase pode sugerir uma referencia do autor a Primo de Rivera que preferia o distanciamento dos “científicos” (intelectuais) que criticavam o poder ditatorial.

O trecho a seguir esclarece esta ideia:

En toda revolución hay siempre dos momentos críticos: El de las ejecuciones fulminantes, y el segundo momento, cuando convienen las balas de plata. Entre los revolucionarios, hay científicos que pueden con sus luces laborar en provecho de la Patria [...] Pues para esos científicos quiero yo las balas de plata: Hay entre ellos muy buenas cabezas que lucirían en cotejo con las eminencias del Extranjero. En Europa, esos hombres pueden hacer estudios que aquí nos orienten. Su puesto está en la Diplomacia... El los Congresos Científicos... El las Comisiones que se crean para el Extranjero. <sup>183</sup>

Essas passagens do romance nos permitem lembrar alguns episódios históricos vividos pelo autor antes da escrita do romance.

Lembramos que, em 1921, o presidente mexicano Alvaro Obregón, seu amigo pessoal, concedeu cargos de governo e na diplomacia a grandes intelectuais, como foi o caso de Alfonso Reyes e José Vasconcelos. Além disso, recebeu intelectuais de diversas nações na comemoração do centenário de independência. No caso do México, a presença dos intelectuais era bem vinda porque conferia legitimidade e prestígio a um governo recém saído de uma revolução. Também na Espanha, na

---

<sup>183</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit., p.45.

década de 1920, o ditador Primo de Rivera, costumava enviar intelectuais (*científicos* como eram denominados em *Tirano Bandera*) para embaixadas fora do país, neste caso, com o intuito de afastar os que não eram afeitos ao seu governo e, assim evitar aplicação de punições mais severas.

No romance, *Santa Fé de la Tierra* pode ser entendida como uma *representação* da situação dos intelectuais que se opunham aos seus governos, tanto na Espanha, quanto em países da Hispano-América.

Na sequência da escrita o autor narra o encontro entre um Ministro da Espanha, numa República (provavelmente do México) com um dos *gachupines* mais célebres, Dom Celes. Na descrição desse encontro ficam claros dois aspectos: por um lado, a diplomacia espanhola não queria se envolver nas querelas da revolução; por outro, a impossibilidade dos *gachupines* ficarem alheios à política do país em que viviam por conta de seus interesse econômicos. Valle-Inclán constrói o discurso dos *gachupines* nos seguintes termos:

El indio, dueño de la tierra, es una aberración demagógica, que no puede prevalecer en cerebros bien organizados. La Colonia profesa unánime este sentimiento: Yo quizá lo acoja con algunas reservas, pero hombre de realidades, entiendo que la actuación del capital español es antagónica con el espíritu revolucionario.<sup>184</sup>

Em meio a sentenças de morte e castigos destinados aos insurretos no pôr-do-sol, o *Tirano*, invariavelmente chamava seus *gachupines* mais próximos para jogar o Jogo da Rãzinha, que consistia em arremessar moedas na boca de um rã de louça. A brincadeira ocorria no jardim de seu quartel general, o antigo convento de San Martin de los Mostenses. Entre brincadeiras e comentários ácidos, Dom Celes (um dos mais

---

<sup>184</sup> Fala de Dom Celes ao Ministro. VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit., p.53.

notáveis *gachupines*) revela a existência de corrupção no corpo diplomático espanhol: “¡Mi generalito, el memorialista no moja la pluma sin tocar por delante su estipendio!”.<sup>185</sup>

Na segunda-parte do romance, intitulado “boluca e mitote”, o autor narra o discurso de revolucionários numa espécie de comício organizado pelo Dr. Sanchez Ocaña. Há referências a dois tipos de vozes, as favoráveis à revolução e as favoráveis ao *Tirano*. Essas vozes reaparecem, ao longo da narrativa, pronunciadas por personagens distintos, representantes de lugares sociais diversos. O capataz de poncho e facão, o mestiço de chapéu mexicano, o esfarrapado de saco de estopa e o índio serrano, representavam o público mais inflamado pelo espírito revolucionário. Enquanto a colônia de espanhóis estancieiros e *hacendados* representavam os sustentáculos do regime do general Santos Banderas, enquanto os *gachupines* gritavam “¡Viva el general Banderas! ¡Viva la raza latina!”, os que estavam fora dessa hierarquia social gritavam “¡Muera el Tío Sam! ¡Mueran los gachupines! ¡Muera el gringo chingado!”.<sup>186</sup>

A tensão entre essas duas posições sociais antagônicas dentro do romance *Tirano Banderas* ainda pode ser melhor percebida através do discurso de Dom Celes, personagem representante dos *gachupines* que se manifesta em defesa da lei: “Em la ley encontrarán los ciudadanos el camino seguro para ejercitar pacíficamente sus derechos”<sup>187</sup>. A frase se refere a uma ideologia reformista que se fundamenta na lei elaborada pelos detentores do poder econômico, político e simbólico. Neste trecho o

---

<sup>185</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit., p.58.

<sup>186</sup> Ibid., p..65-66.

<sup>187</sup> Ibid., p.66.

autor sugere a natureza classista das reformas ocorridas na época, inclusive no México.

Dom Celes, um *gachupin* dos mais notáveis, também volta os olhos para a Pátria Mãe quando fala: “Estas Repúblicas, para no desviarse de la ruta civilizadora, volverán los ojos a la Madre Patria. ¡Allí refulgen los históricos destinos de veinte naciones”<sup>188</sup>. Nesta passagem, a referência à rota civilizadora simbolizada pela *Mãe Patria* – Espanha, origem primeira dos estancieiros e *hacendados gachupines*, evoca o passado e sugere o interesse recolonizador da Espanha na América, não do ponto de vista político e econômico, mas cultural.

Esse fenômeno cultural ficou conhecido como *hispanismo*<sup>189</sup> e teve no franquismo da década de 1930 o seu auge. Contudo, já estava presente na década de 1920, não como política diplomática oficial espanhola, mas como um discurso comum entre intelectuais. É curioso perceber que os *criollos* enriquecidos, que à época eram chamados de *gachupines* no México, alimentavam o discurso de que a Revolução havia resultado em enormes prejuízos econômicos e por isso, procuravam se valer da diplomacia oficial espanhola para pressionar o governo de Álvaro Obregón, como foi mencionado em capítulo anterior.<sup>190</sup>

No romance, essa pressão aparece de forma muito contundente.

---

<sup>188</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. Op.cit.,, p.67.

<sup>189</sup>O *Hispanismo*, fundamentado em valores oriundos da religião e da cultura tradicionalista, como foi dito antes, contribuiu para fortalecer projetos políticos nacionalistas conservadores, tanto na Espanha como na América Hispânica.. Ver, CAPELATO, Maria Helena R. **A data símbolo de 1889: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica**. História, São Paulo, 22 (2), 2003, p.35-58.

<sup>190</sup> No segundo capítulo da presente dissertação, já discorremos sobre o assunto, com base na pesquisa de Ricardo Pérez Montfort. Ver, MONFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: FCE, 1992.



### 3.2.2. A gestação da obra

A segunda viagem de Valle-Inclán para o México, apresentada em capítulo anteriormente, foi decisiva para o desenvolvimento de novas idéias políticas e sugestões para as temáticas de sua obra *Tirano Banderas*. as manifestações e discursos realizados pelo escritor durante essa viagem revelam simpatias em relação à Revolução Mexicana e ao mesmo tempo posição crítica em relação aos latifundiários e comerciantes espanhóis estabelecidos no México anteriormente. Ele se posicionou contra a política espanhola que procurava defender os interesses desse grupo e, por esse motivo, granjeou a hostilidade deles. Essa experiência também inspirou sua obra e referências sobre o tema aparecem ao longo do romance *Tirano Banderas*.

A partir do seu regresso do México, suas manifestações públicas foram se radicalizando. Em uma conferência pronunciada em 18 de fevereiro de 1922, Valle-Inclán discorreu sobre o papel questionável desempenhado pelo governo espanhol em relação ao México, afirmando:

En México, como se sabe, desde que Madero derrocó la presidencia milenaria de Porfirio Díaz, se han sucedido las revoluciones. A Madero, que tenía alma de franciscano, alma como la de nuestros obispos y nuestros magistrados, amante de los indios, siguió el sanguinario general Huerta, y a éste el insigne Obregón, que ha devuelto la paz al país.

Ni los Estados Unidos, ni Inglaterra, ni Francia han reconocido el gobierno del general Obregón; tampoco España, que tenía el deber de hacerlo, porque nuestro Estado anhela, para servir mezquinos y particulares intereses de algunos españoles en México establecidos y de otros que

habitan en España y allí poseen latifundios, vendendo el reconocimiento por los treinta dineros de Judas.<sup>191</sup>

Em setembro desse mesmo ano, foi publicado, na revista *México Moderno* um poema gestado, segundo Vicente Lombardo Toledano, durante um almoço com estudantes e intelectuais mexicanos, um texto que se refere ainda mais claramente sobre a simpatia revolucionária e indigenista de Valle-Inclán:

### ¡NOS VEMOS!

#### I

¡Adiós te digo con tu gesto triste, indio mexicano!  
¡Adiós te digo, mano en la mano!

#### II

¡Indio mexicano que la Encomienda tornó mendigo!  
¡Indio mexicano!  
¡Rebélate y quema los trojes del trigo!  
¡Rebélate, hermano!

#### III

Rompe la cadena. Quebranta la peña  
y la adusta greña  
sacuda el bronce de tu sien.

[...]

#### IV

Indio mexicano,  
mano en la mano  
mi fe te digo.  
Lo primero

---

<sup>191</sup> Conferencia pronunciada por Valle-Inclán no Ateneo de Madrid sobre o tema "La obligación cristiana de España en América". Esta resenha apareceu no periódico *El Imparcial* em 19-II-1922; apud: DOUGHERTY, Dru. **Un Valle Inclán olvidado: entrevistas y conferencias**. Madrid: Fundamentos, 1983, p.174-175.

es colgar al Encomendero  
y después, segar el trigo.  
Indio mexicano,  
mano en la mano,  
Dios por testigo.<sup>192</sup>

Este poema deve ser entendido a partir das circunstâncias em que foi escrito e para quem estava direcionado. Valle-Inclán, segundo comentavam alguns de seus amigos, tinha uma inclinação para proferir discursos retumbantes e também costumava agir e se manifestar de acordo com o público para o qual destinava sua falta. Neste sentido, pode se supor que a ode à revolução mexicana foi inspirada pela presença de estudantes e alguns de seus pares simpáticos a ela. Transmutando essa estratégia do poema declamado, que permite causar furor entre os ouvintes, para escrita, a construção da imagem do “*mano la mano*”, que coloca o autor próximo do índio e seu interlocutor, indica uma pista para se entender a sua concepção do índio mexicano que inspirou sua construção da imagem dos revolucionários indígenas inseridos no romance *Tirano Banderas*.

A radicalização do discurso de Valle-Inclán após a sua segunda viagem ao México, ganha notoriedade em Madrid. Mas, a partir de 1923, suas falas se dirigem em duas direções distintas: numa delas, Valle-Inclán mostra o seu conhecimento e admiração por algumas das conquistas que a Revolução Mexicana alcançou, noutra, ao se referir, criticamente, às reivindicações dos *gachupines* representados no discurso oficial da diplomacia espanhola, procura revelar que os males causados por Primo de Rivera à Espanha são males consideravelmente semelhantes aos que o México padecia antes da Revolução. Ao aproximar Espanha e México através dos laços

---

<sup>192</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón del. **Artículos completos y otras páginas olvidadas** (Ediciones de Javier Serrano Alonso). Madrid: Istmo, 1987.

umbilicais da cultura, Valle-Inclán opera essa sensação de que para a Espanha, uma das soluções para os seus males - e que para Valle-Inclán está representado na figura e na política de Primo de Rivera - seria a revolução. Essa política vazia e truculenta pode ser percebida na carta que foi publicada em Outubro de 1923 na revista *España*<sup>193</sup>:

La Colonia Española esperaba como prenda de gratitud el pago de cuatrocientos millones de pesetas en concepto de indemnizaciones. Se esperaba una violación de las leyes del país en pro de la Colonia Española. [...] Los gobiernos de España, sus vacíos diplomáticos y sus ricachos coloniales, todavía no han alcanzado que por encima de los latifundios de abarroteros y prestamistas están los lazos históricos de cultura, de lengua y de sangre. La Colonia Española de México, olvidada de toda obligación espiritual, ha conspirado durante este tiempo, de acuerdo con los petroleros yanquis. Y aun cuando ahora, perdido el pleito, alguno se rasgue las vestiduras y se arañe la cara nadie podrá negar que ha sido imposición de aquellos trogloditas hambrientos, la política de España en México.<sup>194</sup>

Esse ano de 1923 foi especialmente agitado para Valle-Inclán. Ele registra o maior índice de troca de correspondências em um único ano. Nessas

---

<sup>193</sup> A Revista *España* foi um semanário da vida nacional cujo primeiro número apareceu em 1915. Foi um dos meios de expressão escrita mais importantes nos anos de 1920. Foram seus diretores Ortega y Gasset, o político e escritor socialista Luis Araquistáin e desde primeiro de janeiro de 1923, Manuel Azaña. Seu espectro ideológico era amplo, admitindo escritos de correntes liberal-republicanas e socialistas. Ver, HORMIGÓN, J. Op.cit., p.323.

<sup>194</sup> Para expressar algumas de suas ideias e preocupações de índole política ou estética, Valle-Inclán se valia da forma epistolar. Essa carta é em resposta as especulações da grande imprensa de que a diplomacia espanhola e seu governo deveriam exigir as indenizações aos latifundiários de origem espanhola. A argumentação que esses veículos da grande imprensa expressavam ocultavam os conflitos sociais que ocorriam no México. Valle-Inclán denuncia o “comércio que o governo espanhol e a sua diplomacia tentavam fazer”, que a Espanha estava disposta a reconhecer o governo revolucionário desde que houvesse as devidas indenizações aos latifundiários espanhóis“. Una carta de Valle-Inclán. *México, los Estados Unidos y España. España*, IX, 22, 20-X-1923. IN: VALLE-INCLÁN, Joaquín e VALLE-INCLÁN, Javier. **Entrevistas, Conferencias y Cartas**. Madrid: Pre-Textos, 1994, p.243-244.

correspondências, as temáticas são variadas. Discorrem sobre projetos acadêmicos literários, sobre seus próximos projetos literários, sobre questões políticas, querelas editoriais e questões de saúde, entre outros.

Paralelamente a essa radicalização ideológica, Valle-Inclán também radicalizou a tendência de transformar em literatura as experiências latino-americanas. Em sua primeira entrevista, ao desembarcar em Veracruz em 1921, o entrevistador revelou:

Valle-Inclán nos habla del proyecto suyo de escribir un libro, en el que figuren algunos motivos mexicanos. Él cree que hay muchas cosas que decir, que revelar respecto a nuestra alma nacional, y que un observador, si reúne además la condición de ser artista, es decir, de reflejar por medio del verbo humano lo que ha visto, lo que ha sentido, lo que ha amado, puede adquirir una personalidad más vigorosa por el solo hecho de haber escrito sobre tales cosas.<sup>195</sup>

Descartado um antigo projeto de escrever um romance sobre Hernán Cortés, revelou sua intenção de escrever um diário<sup>196</sup>; mas ao retornar a Espanha, após sua viagem ao México em 1921, a ideia de escrever um romance foi tomando corpo.

O primeiro texto referente à experiência hispanoamericana, foi a “*novela macabra*” – uma peça dramática que estreou em Barcelona em 20 de março de 1925; a seguir, veio à luz *La cabeza del Bautista*, junto com *La rosa de papel*, publicadas na coleção *La Novela Semana* (141, em 22 de março de 1924) que, a partir de 1927, foi

---

<sup>195</sup> Roberto Barrios, «Don Ramón María del Valle-Inclán en México. En charla cordial y amena con el Marqués de Bradomín». México: El Universal, 19 de septiembre de 1921. IN: DOUGHERTY, Dru. **Un Valle-Inclán olvidado: entrevistas y conferencias**. Madrid, Fundamentos, 1983, p.111.

<sup>196</sup> Em entrevista concedida a Esperanza Velázquez Bringas, jornalista do periódico *El Heraldo de México*, em 21 de Setembro de 1921, Valle-Inclán revelou que tinha a intenção de escrever algo sobre o México: “creo que será como narración de diario”, apud: DOUGHERTY, Dru. Op.cit., p.122.

incluída com o subtítulo “*Melodrama para marionetas*” no *Retablo de la Avaricia, la Lujuria y la Muerte*. Nesta obra aparece, pela primeira vez, a figura deformada de um “*gachupín*”.

Gestadas, aparentemente, no mesmo período que *Tirano Banderas*, Valle-Inclán fez menção à escrita dessa, em carta endereçada a seu amigo Alfonso Reyes.

Valle-Inclán, desde o início da década de 1910, enfrentava problemas de saúde que, em várias ocasiões o impediam de continuar seu trabalho como escritor e teatrólogo. No entanto, em carta datada de novembro de 1923, mencionou ao amigo Alfonso Reyes, que estava se recuperando e deseja refletir e escrever sobre assuntos referentes ao México. Expomos na íntegra essa carta, na qual se refere, pela primeira vez sobre o projeto de escrever uma obra que resultou no romance *Tirano Banderas*:

Puebla de Caramiñal

Noviembre 14 – 1923

Mi querido Alfonso Reyes:

Recibí su carta conmovida y buena, enfermo en la cama, de la cual todavía no me levanto, aun cuando estoy al parecer un poco mejorado. Mi mal es el que mató a nuestro pobre Nervo. Hace tiempo que sufro este achaque, pero nunca el ramalazo había sido tan fuerte. Pasa de un mes que estoy en la cama aburrido, triste y con dolores. Si me repongo, espero verle en Madrid. Hablaremos de nuestro México. – Estos tiempos tengo trabajado en una novela americana: “*Tirano Banderas*”. La novela de un tirano con rasgos del Doctor Francia, de Rosas, de Melgarejo, de López y de Don Porfirio. Una síntesis el héroe y el lenguaje una suma de modismos americanos de todos os países de lengua española, desde el modo lépero al modo gaucho. La República de Santa Trinidad de Tierra Firme es un país imaginario, como estas cortes europeas que pinta en algún libro Abel Hermant.

Para este libro mío, me faltan datos y usted podía darme algunos, querido Reyes. Frente al tirano presento y trazo la figura de un apóstol, con

más de Savonarola que de Don Francisco Madero, aun cuando algo tiene de este Santo Iluminado. Donde ver una vida de “ El bendito Pancho? Trazo un gran cataclismo como el terremoto de Valparaíso, y una revolución social de los indios. Para esto último necesitaba algunas noticias de Teresa Utrera (sic), la Santa del Ranchito de Cavora (sic). Mi memoria ya no me sirve y quisiera refrescarla. Hay algo escrito sobre la Santa? – Los libros que tiene para mí, puede mandármelos aquí, y si los acompaña una “Visión de Anahuac” (sic) serán doblemente agradecidos. Un abrazo de su invariable.<sup>197</sup>

Pelo que se pode notar, o plano do romance já estava estruturado. Um mês depois - em outra correspondência para Alfonso Reyes - Valle-Inclán referiu-se à impossibilidade de enviar o romance *Tirano Banderas* para publicação pois estava preso a um contrato com a *Editorial Renacimiento*. Esclareci que, segundo esse contrato, as suas obras só poderiam ser publicadas por essa casa editorial, mas como ele lhes devia dinheiro, não publicavam novas obras. Menciona que quatro livros seus, inéditos, não haviam sido publicados e 10 reimpressões também foram recusadas pela editora. Esclarecia que publicaram, apenas, sua obra “*Sonata de Estío*” que acabou se tornando um dos livros mais populares de Valle-Inclán e, portanto, rentoso para a Editora em termos comerciais. Num dos trechos da carta a Alfonso Reyes, lamentou a situação:

Querido amigo Reyes: Con mil amores le enviaría este “Tirano Banderas” de que le hablaba en mi carta anterior. Pero al cabo de los años, enfermo y viejo, he caído en las garras de “Renacimiento” que no las publica, y como yo les debo dinero, acabarán por quedarse con todo mi trabajo de treinta años. La voluntad de “Renacimiento” de no publicar mis obras y estrecharme por hambre, es manifiesta.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> Carta publicada no Epistolário recolhido por Juan Hormigón. HORMIGÓN, J.A. **Epistolário**. Madrid: Publicaciones de la Asociación de Directores de España, 2009, p.309-310.

<sup>198</sup> HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p.311.

No início de 1924, Valle-Inclán estava internado para tratar de suas hematurias, e enfrentava muitas dificuldades. Como vinha se arrastando o embate com o Editorial Renacimiento, por causa da dívida e do contrato que havia assinado, provavelmente passava por dificuldades financeiras. Como se referia a seus problemas em cartas a Alfonso Reyes, o amigo entrou em contato com o Presidente Álvaro Obregón para informá-lo sobre os padecimentos de Valle-Inclán. A partir dessa notificação, telegramas foram trocados:

Telegrama del Presidente Obregón a Reyes

México, D.F. Marzo 21 de 1924.

Infórmese condiciones económicas Sr. Valle-Inclán. Caso sean aflictivas discretamente vea se aceptaría alguna ayuda cuyo caso gustoso concedería el Gobierno. (sic)

Telegrama de Reyes a Obregón

Madrid, 22 de Marzo de 1924.

Sr. Presidente Obregón. Hoy hónrome transcribir su mensaje. Sr. Valle-Inclán quien encuéntrase sanatorio Villar Iglesias en Santiago de Compostela.

Respetuosamente. Reyes.

SANATORIO VILLAR IGLESIAS

Carrera del Conde, 17

Santiago de Galicia

Teléfono 206

31-marzo-1924

Muy querido amigo: Cómo decirle cuánto agradezco el generoso [sic] y delicado ofrecimiento del Presidente Obregón, y la amistosa intervención



de usted en este asunto. Acepto muy reconocido, si bien con la íntima pena de que mi amistad por México no haya podido mostrarse con todo el desinterés que yo hubiera deseado. Pero mi situación es bastante angustiosa, y la enfermedad larga y de cura difícil: Se trata de pequeños pólipos en la vejiga. Me han hecho dos cauterizaciones. En la segunda quincena de abril, me harán otras dos y dos en la de mayo. Pero yo temo no poder resistirlo. Estoy quebrantadísimo. Ayer tuve un gran ataque de Uremia, hoy estoy mejor, aún cuando muy débil.

Me apena que usted nos deje, pero si en ello va usted mejorando me alegro. Gracias mi querido amigo, gracias desde el fondo de mi alma. Un abrazo.

VALLE-INCLÁN

Telegrama de Reyes a la Presidencia de México

Madrid, 3 de Abril de 1924.

Valle-Inclán acepta auxilio ofrécele Gobierno mexicano dando expresivas gracias. Reyes.

Telegrama de Obregón a Reyes

México, 3 de Abril de 1924.

Suyo. Entregue cinco mil pesetas Valle-Inclán. Reitérole discreción.

(sic).<sup>199</sup>

Em seu livro *Tertulia de Madrid*, Alfonso Reyes mencionou uma carta que enviara, em 1921, a Valle-Inclán, na qual se referia à grande amizade que o autor devotava ao México:

“Usted, don Ramón, es a toda hora el mejor amigo de México. Lo ama usted en sus cualidades, y comprende (y quizá los ama también un poco) sus defectos. Lo ama usted por el lago y por el volcán”.<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> Alfonso Reyes permaneceu na Espanha até março de 1924 como “Encargado de Negocios de la Embajada de México, conforme nos indica Juan Hormigón. A sequência de correspondências entre os dois intelectuais foi recolhida e transcrita com o texto original. HORMIGÓN, J.A. Op.cit., 2009, p.313-315..

<sup>200</sup> REYES, Alfonso. **Tertulia de Madrid**. Buenos Aires: Espasa Calpe, Col. Austral, 1949, p. 66.

Ainda sobre o processo de criação de *Tirano Banderas*, encontramos, entre os registros do epistolário, uma carta enviada a Rivas Cherif e publicada na revista *España*. Ela se refere a notícias acerca da produção da “*novela americana de caudillaje y avaricia gachupinesca*” e, alguns meses depois, o próprio Rivas Cherif testemunhou o avanço do projeto e comentou:

Tomando pie de las palabras de D. Ramón sobre la influencia española en América, conseguimos al cabo que nos lea unos capítulos de su próxima novela *Tirano Banderas*, cuya acción transcurre en la República imaginaria [del natural] de Santa Fe de Tierra Firme.

Digámoslo sin ambages: *Tirano Banderas* es la mejor obra del autor de las *Sonatas* [...]. Pudo alguien creer a la vuelta del viaje de Valle-Inclán a México [...] que no respondía bastante a nuestra curiosidad atenta el inmediato resultado polémico de la excursión. Pero ahí está ya esperando la Prensa ese magnífico *Tirano Banderas* [...].<sup>201</sup>

Há indícios de que Rivas Cherif teve acesso a alguns capítulos da obra e foi o primeiro a mencionar a localidade à qual se referia o romance como *Santa Fe de Tierra Firme*.

Em 1924, Valle-Inclán trabalhava de forma simultânea em *Tirano Banderas* e *La Corte de Los Milagres*.

Antes da primeira edição completa de *Tirano Banderas*, Valle-Inclán entregou diversos fragmentos à diversos periódicos para que fossem publicados parcialmente, como uma forma de aguçar o interesse do público. Este foi um recurso muito utilizado pelo autor em sua trajetória intelectual. Também, diante das dificuldades que o contrato com o Editorial Renacimiento impunham a Valle-Inclán, não é de se

---

<sup>201</sup> Carta a Rivas Cherif, «Bradomín en la Corte. Política literaria y literatura política», publicada em *Heraldo de Madrid*, 2-VIII-1924. Apud: DOUGHERTY, Dru. Op.cit.,p.153-153.

estranhar que ele tenha procurado uma saída, tanto do ponto de vista literário, quanto econômico, para publicar *Tirano Banderas*.

Uma boa parte da obra veio à luz, pela primeira vez, no verão de 1925, na revista *El Estudiante* de Salamanca. O semanário, denominado *Revista de la juventud escolar española* começara a publicar a obra em 1º de maio de 1925, pouco depois da destituição do renomado intelectual Miguel de Unamuno da Cátedra que ocupava na Universidad de Salamanca.

Fundada e dirigida pelo catedrático de Direito Romano da *Universidad de Salamanca*, Wenceslao Roces y Suárez, membro do Partido Comunista Espanhol, apoiou a luta que estudantes e intelectuais travaram contra a ditadura do general Primo de Rivera. Após a publicação de 13 números, em julho de 1925 a revista desapareceu, possivelmente pela pressão da censura promovida pela ditadura. Reapareceu, em 6 de dezembro desse ano, em Madri, com o nome *El Estudiante – revista de la juventud española*. Passou a ser dirigida por Rafael Giménez Siles que contou com um grande número de colaboradores: Rafael Alberti, Luis Araquistáin, Manuel Azaña, Luis Bagaría, Pío Baroja, Julián Besteiro, Enrique Díez Canedo, Corpus Barga, Juan Negrín, José Ortega y Gasset, Esteban Salazar Chapela, Cipriano de Rivas Cherif, Miguel de Unamuno, entre outros. Em maio de 1926, desapareceu, definitivamente, em decorrência da censura, cada vez mais intransigente com relação ao movimento estudantil.

Fiel à orientação progressista, o número 8 da revista (junho de 1925), foi dedicado a José Vasconcelos, fundador da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e Secretário da Educação do governo Obregón, com quem Valle-Inclán tivera contato na sua segunda viagem ao México.

José Vasconcelos se encontrava nesse momento na Espanha. Durante sua permanência no país, José Vasconcelos foi homenageado como convidado de honra do *Congreso Nacional de Estudiantes*, e foi homenageado pela *Asociación Hispano-Americana*, no Hotel Ritz, em 19 de julho. Nesse último evento, Valle-Inclán esteve presente.

Estimulado pelas homenagens ao ilustre visitante – segundo indica a nota que precede o texto – o escritor galego iniciou a sua colaboração na revista *El Estudiante*, na qual publicou fragmentos de sua novela inédita *Tirano Banderas*.<sup>202</sup>

Outros fragmentos continuaram sendo publicados, ao longo de 1926, nessa mesma revista. Ainda antes da primeira edição, o *Prólogo* do livro, apareceu na revista *Verba* de Gijón, em Agosto de 1926.<sup>203</sup>

Finalmente, em 15 de dezembro de 1926, com o volume XVI de *Opera Omnia*, terminava a impressão da primeira edição completa de *Tirano Banderas - Novela de Tierra Caliente*.

Como a sua querela com a Editorial Renacimiento prosseguia, Valle-Inclán teve dificuldades de encontrar um outro editor para publicá-la. Por esse motivo, acabou optando por bancar os gastos da edição e da comercialização do livro através da livraria *Meléndez*.

Dru Dougherty, afirmou, recentemente, que *Tirano Banderas* pode ter vindo à luz graças a cinco mil pesetas pagas pelo diário *La Nación* de Buenos Aires a Valle-Inclán pela publicação, em suas páginas, de *La corte isabelina*, primeira versão do

---

<sup>202</sup> «Tirano Banderas. *El jueguito de la rana*. Novela inédita por D.Ramón del Valle-Inclán», **El Estudiante**, Salamanca, 8 de junho de 1925), p. 3. (Corresponde aos caps. I, II, III y IV do Libro Primero, «Icono del Tirano», da Primeira Parte, chamada «Sinfonía del trópico»).

<sup>203</sup> Conforme indica Dru Dougherty em seu estudo sobre *Tirano Banderas*. DOUGHERTY, Dru. **Guía para caminantes en Santa Fe de Tierra Firme: estudios sistémico de Tirano Banderas**. Valencia: Pre-Textos, 1999, p.39.

livro *La corte de los milagros*, que comporia a série *El ruedo ibérico*. Como foi dito antes, tal série estava sendo trabalhada paralelamente ao romance *Tirano Banderas*.<sup>204</sup>

Apesar de todas as dificuldades que o autor enfrentou para conseguir publicar *Tirano Bandera*, como veremos, a seguir, o livro suscitou muitos debates e comentários acalorados, não só por parte dos críticos, mas também do público.

### 3.2.3. A primeira recepção crítica

A crítica literária acerca de *Tirano Banderas* remonta aos dias de sua publicação; a aparição de uma novela que tinha como tema central a luta contra a tirania não podia passar despercebida na Espanha em 1926, pois há 3 anos o país estava sendo governado pelo Diretório Militar presidido pelo General Primo de Rivera e, durante esse tempo, Valle-Inclán se destacou com um dos intelectuais mais críticos em relação à ditadura, fato esse que o levou a prisão em abril de 1929.

Não é de se estranhar também porque, como afirmou Dru Dougherty, que a publicação da novela estava sendo esperada com expectativa muito positiva da crítica literária. Assim que o livro veio a público, foi classificado como a melhor obra do momento.<sup>205</sup>

A reação do público em geral foi de perplexidade ante um texto que desconcertava pela radical inovação estilística. Chamava atenção a linguagem

---

<sup>204</sup> Essa possibilidade foi apontada por Dru Dougherty. Ver, DOUGHERTY, Op.cit., p.40-44.

<sup>205</sup> Encontramos essas informações em dois textos do autor: DOUGHERTY, Dru. **La primera recepción de Tirano Banderas. Novela de Tierra Caliente**. In: SOLER, Manuel Aznar. *Valle-inclán y su obra*, 1995, p.337-346. O outro texto é mais recente e se encontra em” DOUGHERTY, Dru. **Iconos de la tiranía: la recepción crítica de Tirano Banderas**. Santiago de Compostela: Biblioteca de la Catedra Valle-Inclán, Serie Monografias, nº6, 2011.

utilizada pelo escritor que se caracterizava pela capacidade que tivera de se valer da língua falada em várias regiões da América Hispânica e unificá-las num só romance. As reações foram diversas: os mais puristas, como Cotarelo y Mori – Secretario da *Real Academia Española* – consideravam a novela como “*una pura extravagancia*” e acusavam o autor de ter “*destrozado*” o idioma<sup>206</sup>; críticos hispano-americanos renomados como Rufino Blanco Fombona e Martín Luis Guzmán, reconheceram a qualidade do romance, mas se referiram a uma mescla arbitrária com intento de um *colorismo costumbrista* que busca mostrar uma Hispano-América real ao invés de um Hispano-América oficial.

A obra recebeu críticas negativas, mas também houve críticas muito positivas, que saudaram as inovações como um fato relevante. Segundo Eduardo Gómez de Baquero, *Tirano Banderas* foi “uno de los más fuertes libros del ilustre novelista” e “una de las más osadas y valientes novelas de la época”.<sup>207</sup> Salientou ainda a sua “hábil yuxtaposición” de cenas. Também a respeito de sua peculiar estrutura, Pedro Sainz y Rodríguez fez o seguinte comentário:

La construcción de esa novela es todo lo contrario del sistema de las que pudiéramos llamar “folletinescas”, cortadas frecuentemente por largas tiradas de diálogo insignificante y casi monosilábico. *Tirano Banderas* es una acción dramática distribuida en siete grandes actos, subdivididos en cuadros y encerrados todos en el ámbito que marcan en prólogo y el epílogo, que nos sirven de puntos de referencia para recoger el hilo de la

---

<sup>206</sup> Conforme crítica publicada no periódico *El Sol*, Madrid, 24-XI-1934. Apud: DURANTE, Ignacio Soldevila, **Valle-Inclán: estado de la investigación contribución a su estudio**. Amsterdam: Diálogos Hispánicos, nº7, 1988, p.3-18.

<sup>207</sup> BAQUERO, Eduardo Gómez. **La novela de tierra caliente**. Madrid, *El Sol*, 20-I-1927, p.1.

acción, que se abre y se cierra con la misma visión cruel del indio castigado y enterrado hasta media cintura.<sup>208</sup>

É curioso notar que Pedro Sainz Rodríguez, destacado opositor do regime ditatorial espanhol, fez uma leitura do livro que não associa a crítica à ditadura nele contida, com extensiva ao regime espanhol, como se pode notar no seguinte comentário:

Valle-Inclán es acaso el único escritor contemporáneo del desastre que no ha escrito libros sobre el problema nacional y, sin embargo, ¡qué honda inquietud patriótica se observa en algunos aspectos de su obra y, sobre todo, en este admirable *Tirano Banderas*!<sup>209</sup>

Enrique Díez-Canedo sublinhou, com grande entusiasmo, a originalidade da narrativa criada pelo autor, que se diferenciava de muitas outras usadas em vários romances, no seguinte sentido:

El arte de contar llega ahora, en *Tirano Banderas*, a la evidencia misma. Sus personas, sus acontecimientos, sus lugares, se crean a las pocas palabras que el narrador les dedique. Nada de antecedentes, de análisis. De lleno se entra en la acción. [...]  
Cortada en cuadros breves enlazadas como historias de retablo, o para elegir imagen, en algo que el autor ha sabido evocar en otros momentos, como cartelón de feria [...], la narración de *Tirano Banderas* es viva, presente, esencial. [...]

---

<sup>208</sup> SAINZ Y RODRÍGUEZ, Pedro. **Tirano Banderas, una novela de Valle-Inclán**. Madrid: *El Liberal*, 20-II-1927, p.1.

<sup>209</sup> Texto publicado nos periódicos **Heraldo de Madrid**, 1-II-1927; **El Liberal**, 20-II-1927.

No le vamos a confundir, a estas horas, con un simple naturalista [...]. Su arranque está en la realidad misma, pero no acaba - como no acaba ningún gran escritor - en la superficie de las cosas.<sup>210</sup>

O romance teve rápida tradução em línguas: para o inglês, em 1929 e para o russo, em 1931. Em relação à edição norte-americana, Aurelio Pego se queixou da “escassa promoção, que apesar da resenha que se publicou em *The New York Times Book Review*, foi feita” da obra.<sup>211</sup>

No entanto, o periódico *El Sol*, comentou, em 1927, que a obra significava “un formidable éxito de librería”<sup>212</sup>. O próprio Valle-Inclán salientou, em uma entrevista posterior - que a novela tinha obtido grande êxito comercial e que “era uno de los libros míos que han tenido más aceptación”<sup>213</sup>. Durante o mês de junho desse mesmo ano, periódico *El Sol* mencionou a venda de dez mil exemplares em um prazo de três meses. Uma vez esgotada a primeira edição, veio a público a segunda, em 10 de dezembro, sendo a definitiva e a última que Valle-Inclán revisou.<sup>214</sup>

#### 3.2.4. Crítica à tirania

---

<sup>210</sup> DÍEZ-CANEDO, Enrique. **Tirano Banderas, por D. Ramón del Valle-Inclán**. Madrid: *El Sol*, 3-II-1927, p.2.

<sup>211</sup> Anônimo. **A Revealing Novel of Latin America**. Nova Iorque: The New York Times Book Review, 22-XII-1929, p.7.

<sup>212</sup> Artigo publicado no periódico *El Sol*. Madrid: 3-II-1927

<sup>213</sup> “Don Ramón del Valle-Inclán da a la América española las primicias de su obra *El Ruedo Ibérico*”. *Diario de la Marina, La Habana*, 19-IV-1927. In: VALLE-INCLÁN, Joaquín e VALLE-INCLÁN, Javier. **Entrevistas, Conferencias y Cartas**. Madrid: Pre-Textos, 1994, p.342.

<sup>214</sup> Nos valemos aqui das informações sobre o clássico estudo sobre o mercado editorial de novelas na Espanha entre 1898 e a República. CIFUENTES, Luis Fernández. **Teoría y mercado de la novela en España: del 98 a la República**, Madrid: Gredos, 1982.



Talvez um dos maiores logros de Valle-Inclán tenha sido o modo pelo qual, partindo de uma realidade concreta, construiu uma narrativa que permitia associar características da história, vivida, tanto em países da América Latina, como da Espanha naquela época. Sua crítica a todos os tipos de tirania, mesmo sem se referir a nenhuma específica, converteu *Tirano Banderas* em um *símbolo* do tirano e um *ícone* para a luta dos que se opunham a qualquer poder arbitrário.<sup>215</sup>

A representação do tirano criada por Valle-Inclán também foi apropriada, em sentido crítico, pelo autor Martín Luis Gúzman, em seu romance *La sombra del caudillo*, de 1929. Em resposta ao *Tirano Banderas*, o autor concebeu, nessa obra, uma ditadura que fazia parte da realidade histórica de seu país: o *caudillo* que circula num Cadillac pelas ruas da Capital, é representado como um tirano que também poderia ser identificado com o *Tirano Banderas* do romance de Valle-Inclán. No entanto, a obra de Gúzman pode ser entendida como uma resposta à obra do escritor espanhol, admirador e defensor do governo de Álvaro Obregón.

Segundo Martín Luis Gúzman, Valle-Inclán falsificara a realidade mexicana ao mostrar a *Revolução* como libertadora da tirania, quando na verdade, na opinião de Guzmán, ela abria caminho para a ditadura como a de Obregón ou Calles. O autor atribuiu a *Tirano Banderas* um sentido político que significava a defesa do mandato presidencial de Álvaro Obregón e a crítica à atuação da colônia espanhola nesse período. O autor também criticou, com relação ao romance, a ausência de menções às intervenções e interesses norte-americanos no Continente Latino-Americano, questão fundamental para se entender qualquer processo revolucionário na América Latina.

---

<sup>215</sup> A partir dos estudos de Josefa Bauló Domenech, podemos ter idéia da recepção do texto no âmbito dos movimentos neozapatistas. BAULÓ DOMENECH, Josefa. **De escritores, pintores guerrilleros. Valle-Inclán, Alberto Gironella y el subcomandante Marconsín.** IN: *El Pasajero. Revista de estudios sobre Ramón del Valle-Inclán.* Santiago de Compostela, 2001.

Na leitura das críticas literárias sobre a obra de Valle-Inclán, observamos que os autores não se referem a aspectos fundamentais da obra. Ou seja, não levam em conta o fato de que Valle-Inclán, em sua obra *Tirano Banderas*, buscou, acima de tudo, refletir sobre as forças que contribuíram para derrocada da ditadura de Porfirio Díaz. Não representa essas forças apenas como classes sociais, segundo procuram mostrar alguns críticos.

Como procuramos mostrar em capítulo anterior, Valle-Inclán demonstrava simpatia em relação à Revolução Russa, mas tal admiração longe estava de revelar uma concepção marxista do autor.

Como esclarece o próprio autor, em 1928, sua obra se sustentou a partir de três elementos chave que, segundo ele, compunham a sociedade latino-americana: *el criollo, el extranjero, y el indio*. Cada um deles foi representado por três personagens: os *criollos*, Dr. Sánchez Ocaña, Don Roque Cepeda e Filomeno Cuevas (que se opunham à tirania) e Coronelito Domiciano de la Gándara e Nachito Venguillas (que eram favoráveis à tirania e obtinham favores do Tirano Banderas). Domiciano de la Gándara era um personagem emblemático dos militares acomodados e “*salvapatrias*”, que tanto dano causavam aos países latino-americanos e à Espanha: Valle-Inclán já os satirizava em outros escritos.

Entre os estrangeiros, o autor menciona Don Celes Galindo, Don Quintín Pereda, o Ministro de España – e também a dona do prostíbulo, Cucarachita. Todos eles representavam os *gachupines*, que se somavam à turba que frequentava o *Casino Español* e reclamava ao *Cuerpo Diplomático* para que o governo intercedesse pelos *gachupines*.

No romance, a tirania de *Santos Banderas*, embora herdeira da colonização espanhola, alterara a ordem natural da terra habitada pelos nativos. Ou seja, a

harmonia do índio com sua terra, com sua cultura. O tirano não respeitava a “índole”, modo de vida e cultura de sua raça e, através de sanguinária repressão, ameaçava exterminá-la. Apesar de se valer de uma “hipócrita justificativa nacionalista” invocando a unidade garantida pelas leis, na realidade, submetia a nação aos interesses das potências estrangeiras. O ideário da revolução em *Santa Fe de Tierra Firme* tem como centro a redenção do índio. Na voz do Dr. Sánchez Ocanã, surge uma ideia que será defendida, posteriormente, por Valle-Inclán em suas conferências na Espanha. Ela aparece no seguinte trecho de sua obra:

Las antiguas colonias españolas, para volver a la ruta de su destino histórico, habrán de escuchar las voces de las civilizaciones originarias de América. Sólo así dejaremos algún día de ser una colonia espiritual del Viejo Continente. El Catolicismo y las corruptelas jurídicas cimentan toda la obra civilizadora de la latinidad en nuestra América. Catolicismo y las corruptelas jurídicas son grilletes que nos mediatizan a una civilización en descrédito, egoísta y mendaz. Pero si renegamos de esta abyección jurídico religiosa, sea para forjar un nuevo vínculo, donde revivan nuestras tradiciones de comunismo milenario, en un futuro que estremece con pánicos temblores de cataclismo el vientre del mundo.<sup>216</sup>

Na voz do *Tirano*, a Lei estava acima de qualquer coisa. E Valle-Inclán procura mostrar que elas estão encarnadas no próprio tirano. Mediante seus interesses pessoais e os interesses estrangeiros, a justiça sofria as suas corruptelas, distanciando *Santa Fe de Tierra* da obra da civilização latina. Uma vez corrompido o legado das

---

<sup>216</sup> É curioso perceber, neste trecho, como Valle-Inclán coloca na boca de um advogado de *Santa Fe de Tierra Firme* o desencantamento com os rumos da Europa e da Civilização Europeia das grandes potências, a partir do final da Primeira Guerra, conforme mencionamos em vários momentos deste trabalho, inclusive na introdução da Dissertação. . VALLE-INCLÁN, Ramón del. **Tirano Banderas, novela de tierra caliente**. Madrid: Espasa-Calpe, 1987, p.72-73.

leis do passado, restava voltar às origens hispânicas e também recuperar as contribuições das civilizações originárias da América.

Essa é uma das leituras possíveis do que Valle-Inclán procurou mostrar em seu romance. No entanto, resta mostrar como essas ideias foram absorvidas em seu discurso político nas tertúlias literárias e nas conferências realizadas na Espanha, para compreendermos melhor o que, de fato, Valle-Inclán pensava sobre a Revolução Mexicana, e como se preocupou em mobilizar argumentos para idealizar uma reaproximação entre Espanha e Hispano-América, através de uma ideologia *hispanista* de cunho liberal, mais próxima àquele que José Vasconcelos expressava e que, neste caso, ficou conhecida como *hispanoamericanismo*.<sup>217</sup>

### **3.3. A Revolução Mexicana na Espanha: o contraste entre as visões de Valle-Inclán e Blasco Ibañez.**

Neste caso, nos propusemos apresentar algumas comparações entre a postura de dois escritores espanhóis – Valle-Inclán e Blasco Ibañez - sobre o papel da antiga metrópole frente aos episódios que levaram Álvaro Obregón ao poder e sobre a presença dos espanhóis que foram para o México e lá fizeram fortuna,

---

<sup>217</sup> O *Hispanismo liberal*, tal como o define Ricardo Pérez Montfort, era composto, tanto pelas ideias que a Espanha pretendia introduzir em seus antigos territórios, quanto pelas que autores das antigas colônias pretendiam introduzir na antiga Metrópole. Nesse sentido, ele seria uma reconciliação entre a “madre pátria” e suas “hijas” em função da idéia de que todos formavam uma unidade interdependente e cujo bom entendimento dependeria o futuro de ambas. Desta forma, o hispanismo de corte liberal mais do que prever uma tutela, falava de uma mútua cooperação entre os povos americanos e a Espanha. MONTFORT, Ricardo Pérez. Op.cit., p.18.

mostrando as visões opostas em relação à Espanha após as sucessivas perdas de sua colônias.

Cabe esclarecer que, os dois autores, ao refletirem sobre a América hispânica apresentaram interpretações críticas referentes à situação política espanhola durante a ditadura de Primo de Rivera (1923-1929).

Ambos viajaram para o México no início da década de 1920: Blasco Ibañez, foi à convite de Carranza, em 1920; Valle-Inclán à convite de Álvaro Obregón em 1921. E, ao retornarem para a Espanha, escreveram sobre o papel da Antiga Metrópole, a partir de perspectivas distintas. Blasco Ibañez lamentou o rumo da história pós-colonial que apartou o México da Espanha, interrompendo sua ligação com os valores da cultura ocidental. Valle-Inclán, ao contrário, descreveu a influência hispânica na ex-colônia como um elemento corruptor.

Esse debate entre os dois escritores espanhóis será reconstituído a partir de dois ensaios de Blasco Ibañez sobre o militarismo, escritos em 1920 e 1924 respectivamente, e a novela *Tirano Banderas* de Valle-Inclán.

Nos dois casos há frequentes alusões à Revolução Mexicana, tema que, aliás, produziu muito debate entre a comunidade intelectual espanhola que passou a se interessar pela compreensão das razões que resultaram na fratura da ordem liberal burguesa no México, sobre o significado e dimensões das reformas agrárias e de outra natureza, sobre o profundo impacto econômico que teve o movimento revolucionário sobre a numerosa comunidade de espanhóis assentados no México e, também, sobre a crise das relações entre a Igreja Católica e o Estado mexicano.

Ao longo do século XIX a imagem do espanhol no México não variou tanto quanto em outros lugares da América Latina. O historiador mexicano Marco Antonio Landavazo assinala que “en el México del siglo XIX bastaba se español para

converterse *ipso facto* en sospechoso: sospechoso de ser un conspirador, un explotador, un ambicioso”.<sup>218</sup> Essa imagem negativa do espanhol se acentuou a partir do início da Revolução Mexicana, vindo à tona experiências sociais e econômicas decorrentes de séculos de relações coloniais que persistiram nas relações pós-coloniais. Essa representação se acentuou durante o Porfiriato em decorrência das levadas sucessivas de espanhóis que chegaram ao México em busca de enriquecimento, como já foi dito anteriormente.

As obras de Blasco Ibañez e Valle-Inclán são resultado de suas respectivas viagens para o México pós-revolucionário. Ambos os textos apresentaram perspectivas muito diferentes dentro do campo republicano peninsular sobre o papel da Espanha e dos espanhóis no México revolucionário. Blasco Ibañez tem uma visão discrepante sobre o fenômeno revolucionário mexicano e o liberalismo global hispânico em relação aos outros intelectuais republicanos espanhóis. Blasco Ibañez percebe a experiência revolucionária mexicana como uma profunda crise do republicanismo liberal burguês que ambicionava para a Espanha e vê na revolução o triunfo do militarismo ao qual o escritor se opôs desde a Primeira Guerra Mundial. Sua novela anti-belicista *Los cuatro jinetes del apocalipsis* (1916) já havia lançado o escritor a fama mundial.

Como tem destacado alguns críticos, a interpretação crítica de Blasco Ibañez acerca da Revolução Mexicana nos artigos que dão lugar a *El militarismo mejicano: estudios publicados en los principales diarios de los Estados Unidos* (1920) não diferem fundamentalmente das críticas adversas de autores mexicanos como Mariano Azuela, Juan Rulfo ou Carlos Fuentes, mas a essa interpretação negativa se une uma

---

<sup>218</sup> LANDAVAZO, Marco Antonio. “Imaginarios encontrados: el antiespañolismo en México en los siglos XIX y XX”. Tzintzun: Revista de estudios históricos 42 (2005), p.37.

notável tendência racista. Ao atribuir as lutas sociais no quadro revolucionário a inata propensão ao caos e aos sacrifício ritual que supostamente padeciam a população indígena de maneira atávica, a narração de Blasco Ibañez sobre o conflito social se baseia em uma concepção ocidentalista, racalista e eurocêntrica da violência social. Sem levar em consideração as práticas neocoloniais do século XIX, nem tampouco o fracasso do modelo liberal autoritário do Porfiriato em suas descrições do processo revolucionário, Blasco Ibañez enfatizou a violência arbitrária e quase sádica, os excessos do caudillismo e a corrupção personalista como elementos do fracasso da promessa de renovação civil e política da Revolução e ao mesmo tempo como uma espécie de deriva indigenista. Esta exotização racializada da violência militarista mexicana se vê exacerbada alguns anos mais tarde com a acusação de “mejicanización” que utilizou Blasco Ibañez contra o regime do general Primo de Rivera em seu panfleto anti-monárquico *Una nación secuestrada: el terror militarista en España* (1924).

Em claro contraste, Valle-Inclán recria o espaço da Revolução Mexicana para aprofundar as raízes coloniais e pós-coloniais da violência, propondo uma sátira na qual ocupa o lugar central a “Colonia Espanhola”, composta por comerciantes espanhóis e *hacendados* – *los gachupines* – que aparecem como causa das desigualdades, da ditadura e da grave crise social que dá lugar a Revolução Mexicana em 1910. Ao mesmo tempo, Valle-Inclán ridiculariza o regime militar espanhol através de uma sátira hispano-americana e gera um escrito anti-ditatorial que funciona em várias dimensões e direções.

### 3.3.1. Blasco Ibañez e o “*militarismo mejicano*”

Através de uma série de dez artigos publicados, na primavera de 1920, no *Chicago Tribune* e no *New York Times*, entre outros meios de difusão nos Estados Unidos, Blasco Ibañez denunciou, ante o público norte-americano a chegada ao poder de Álvaro Obregón e a arbitrariedade do governo militar revolucionário mexicano que provocara o fim do regime carrancista. Estas observações periodísticas, foram publicadas em forma de livro, no final desse ano, com o título *El militarismo mejicano*.

Os artigos de Blasco Ibañez foram escritos após uma visita oficial ao México, em março de 1920, a convite do governo Carranza e da *Universidad Nacional*. O escritor foi recebido com honras de estado e com um extenso programa de entrevistas e conferências.<sup>219</sup>

No entanto, após dois meses de viagem ao México, as opiniões de Blasco Ibañez a respeito da Revolução foram se tornando cada vez mais negativas e, ao deixar o país, no princípio de maio, sua análise era abertamente condenatória. A mudança de opinião se explica porque, durante sua breve permanência no México, o autor testemunhou o processo eleitoral no qual o Presidente Venustiano Carranza, que o recebera, efusivamente no país, saiu derrotado. O intelectual espanhol

---

<sup>219</sup> Importante notar a diferença entre o que ocorreu na viagem de Blasco Ibañez e na de Valle-Inclán para o México: Blasco Ibañez foi convidado por Carranza e escreveu, para os mais importantes periódicos norte-americanos em 1920, condenando o poder militarista/caudilhista no México; Valle-Inclán, como já mencionamos no capítulo anterior, foi convidado por Álvaro Obregón, que substituiu o General Carranza na Presidência, e escreveu para os principais periódicos mexicanos pró-revolução e também para alguns periódicos liberais de Cuba e Costa Rica. Aqui podemos entender também que na própria motivação da viagem já se encontravam as diferenças que serão expressas entre esses dois autores a respeito de como se valeram da Revolução Mexicana para construir uma imagem capaz de se contrapor ao regime de Primo de Rivera.



presenciou s lutas pelo poder entre os generais Pablo González, Álvaro Obregón e a facção oficialista-carrancista encabeçada por Ignacio Bonillas, ex-Embaixador do México em Washington.

Em seus escritos, Blasco Ibañez interpretou essa luta pelo poder como um enfrentamento entre o modelo republicano civil (representado pelo candidato Ignacio Bonillas) e o modelo militarista representado pelo generalato revolucionário (González e Obregón). Ao escrever o livro mencionado, deixou claro que tinha como objetivo “censurar a los generalotes que prolongan la tiranía de un militarismo zafio<sup>220</sup>” e aconselhar “que los norte-americanos no den más armas ni más dinero al militarismo mexicano<sup>221</sup>” para que o governo de caudilhos desse lugar a um governo civil nesse país. Mas essa lógica liberal republicana anti-militarista recomendada por Blasco Ibañez não estava isenta de uma concepção tutelar, eurocêntrica e marcada por um viés racista em relação a ex-colônia e sua população.

Em seus escritos sobre a Revolução, encontramos uma obsessão do autor em detalhar a cultura local, salientando, em particular a violência inerente ao legado pré-hispânico, explicado a partir de uma perspectiva biológico-racial que, na opinião do autor, impedia o avanço e o progresso do capitalismo e do livre-mercado no país. Ao relatar sua entrevista com Álvaro Obregón, deixou clara sua visão preconceituosa em relação ao Presidente e suas origens: referiu-se à “alegría medio salvaje” do general ao descrevê-lo como “hombre complejo, a pesar de su simpleza primitiva<sup>222</sup>”.

Blasco Ibañez se valia dos códigos antropológicos da época que definia o progresso social através de antíteses moderno/primitivo, civilizado/selvagem. Neste

---

<sup>220</sup> BLASCO IBÁÑEZ, Vicente. **El militarismo mejicano: estudios publicados en los principales diarios de los Estados Unidos**. In. Obras completas, 3 vols. Madrid: Aguilar, 1964, p.1448.

<sup>221</sup> Ibid., p.1450.

<sup>222</sup> Ibid., p.1471.

sentido, mencionamos novamente o autor Bill Ashcroft quando afirma que, o ato de articular discursivamente a distância entre povos com o intuito de *judgar* o nível de racionalidade de uma sociedade, no caso - a mexicana de origem indígena - institui uma relação de poder epistemológico do ocidental sobre o sujeito colonial, conforme nos indica Bill Ashcroft.<sup>223</sup>

Blasco Ibañez pensava o México nessa chave de pensamento, o autor se valia de conceitos como civilidade e modernidade para descrever as características ideais de uma povo que considerava civilizado. Suas concepções eurocêntrica/etnocêntrica, se revelam em comentários sobre o México, como o que segue: “Deseo un Méjico verdaderamente moderno, dirigido por hombres civiles y cultos, de los que han viajado y tienen mentalidad del blanco<sup>224</sup>”. A “mentalidad del blanco”, que Blasco definia com um signo de modernidade explicitava seus preconceitos raciais, através dos quais legitimava o imperialismo europeu e o domínio do “homem branco” sobre os que eram considerados inferiores.<sup>225</sup>

Blasco Ibañez sugeria a possibilidade da aculturação a partir da aquisição de uma “mentalidad de blanco”, ou seja, do civilizado. A partir de então, o “outro” neste caso o índio - considerado inferior, desenvolveria a capacidade de aquisição de tecnologia, peça essencial para a conquista da modernização/progresso. Ao manifestar seu desejo de que a elite revolucionária mexicana adquirisse capacidade de atingir alto grau de civilização revelava sua pretensão “missionária” de contribuir, na condição de homem civilizado para a superação da “cultura pré-moderna” que caracterizava o México da época.

---

<sup>223</sup> ASHCROFT, Bill. **Post-Colonial Transformation**. London: Routledge, 2001, p.209-210.

<sup>224</sup> BLASCO IBAÑEZ, Vicente. Op.cit., p.1452.

<sup>225</sup> Cf., FRIEDRICKSON, George M. **Racism: A Short History**. Princeton: Princeton UP, 2002, p.5.

Mantendo silêncio com relação às violências cometidas durante o México colonial ao longo das lutas de emancipação da MetrÓpole, o autor endossava o discurso colonialista que repudiava as “matanzas de españoles inocentes<sup>226</sup>”, exterminados “a tiros o en la horca” em “todas las revueltas<sup>227</sup>”. As constantes menções às atrocidades cometidas pelos que lutavam pela Independência, eram constantemente lembradas e vinham acompanhadas de exigências de compensação. Endossando essa memória construída pelo colonizador, Blasco Ibanéz defendia, efusivamente, os direitos de reparação dos descendentes dos espanhóis, vítimas dos revolucionários “fusiladores de españoles<sup>228</sup>”. A memória da violência também se prestava para reafirmar os preconceitos do autor revelados a partir de comentários como: “desconfianza do índio em relação a todo estrangeiro”, ou “irresistible impulso de raza”.<sup>229</sup>

Na forma de testemunho, o autor apresentou, em seus artigos, material de reportagem, acontecimentos ocorridos no México ao longo dos anos vinte e, a partir desse mesmo material, explicou, para o público leitor norte americano, a queda do governo Carranza e a chegada de Obregón ao poder.

Quatro anos depois, ou seja, após a tomada do poder pelo General Primo de Rivera, na Espanha, com o apoio do rei Alfonso XIII, Blasco Ibañez ressuscitou imagens do militarismo mexicano. Sua intenção era mostrar que a Espanha corria o risco de seguir o mesmo caminho do México: a suspeita de “mejicanización” do país estava relacionada à crítica ao *Directório*, e seu *caudillismo corrupto*, que pretendia

---

<sup>226</sup> BLASCO IBAÑEZ, Vicente. Op.cit.,p.1509.

<sup>227</sup> Ibid., p.1452.

<sup>228</sup> Ibid., p.1508.

<sup>229</sup> Ibid., p.1486.

repartir o país entre muito generais improvisados, fato que, segundo ele, já presenciara no México e em outras pequenas repúblicas da América do Sul.

Embora Blasco Ibañez omitisse, em sua análise, os séculos de influência do caudilhismo espanhol nas Américas e a nefasta presença dos *gachupines* nos campos de batalha mexicanos,<sup>230</sup> esse silêncio era revelador. Embora se definisse como republicano, justificava a colonização espanhola nas Américas e enaltecia o legado civilizatório de uma *hispanidad* em versão renascentista e laica.

### **3.3.2. A *Barbarie Íbera* na pele dos *gachupines*.**

O imigrante espanhol enriquecido em *Tierra Caliente* conservava a sua mentalidade de conquistador. Os *gachupines* perceberam a Revolução Mexicana como um *apocalipsis* social e cultural que pretendia acabar com suas tradições e riquezas adquiridas no país. Valle-Inclán, em seu romance, se refere aos “Casinos Españoles”, definido por ele como um espaço no qual os *gachupines* representavam a paródica *Colonia Espanhola*.

Em *Tirano Banderas* o autor expôs sua crítica, apresentada em diferentes planos, à “realidade bárbara” (período do porfiriato) que precedeu a Revolução Mexicana. Consideramos que esse tipo de crítica à situação mexicana exposta pelo

---

<sup>230</sup> Blasco não foi o único liberal republicano que comparou o golpismo protofascista de Primo de Rivera com a Revolução Mexicana, Também Ortega y Gasset assegurava que, com o golpe “España quedaba entregada al pretorianismo. Sobre su viejo prestigio, había triunfado una maquinación del más primitivo estilo mejicano”. CARO, Pedro Garcia. **Entre occidentalismo y orientalismo: la escritura estereográfica de la Revolución Mexicana en España.** Revista Hispánica Moderna, Volume 65, n°.1, Junio 2012, p.21.

autor, nos permite supor que ele associava a política ditatorial do México pré-revolução com a ditadura de Primo de Rivera instalada na Espanha. O romance do autor está permeado de alusões negativas a ditaduras e críticas ao mundo burguês.

Conforme indica Dru Dougherty, o livro era aguardado com expectativa positiva porque prometia um velado comentário satírico, uma alusão moral sobre a atualidade espanhola, seguindo na linha esperpêntica que caracterizava sua narrativa.<sup>231</sup> Segundo Dru Dougherty, “comentário” e “alusão” constituem dois substantivos que definem bem o rico processo pelo qual essa novela sobre um imaginário país hispano-americano atua como espelho de imoralidades para a Península, um processo pelo qual a escrita adquire um duplo referencial.

Como alguns críticos tem observado, Valle-Inclán reviu suas antigas posições em *Tirano Banderas* e se propôs a dismantelar as manobras de dominação *neocolonial* praticadas por seus compatriotas, mediante uma análise literária das armadilhas da descolonização hispanoamericana.<sup>232</sup>

Adiantando-se quase três décadas em relação às propostas de Franz Fanon, Valle-Inclán abordou o tema das burguesias nacionais, (que ele denominou *classe compradora postcolonial*) surgidas com a descolonização, e as redes cosmopolitas que elas construíram.<sup>233</sup>

Como já foi dito antes, *Tirano Banderas* irrompeu no campo literário como um dos primeiros romances de ditador: referia-se ao México do Porfiriato, às

---

<sup>231</sup> DOUGHERTY, Dru. **Guía para caminantes en Santa Fe de Tierra Firme: estudio sistémico de Tirano Banderas**. Valencia: Pre-Textos, 1999, p.46.

<sup>232</sup> Ver, SPERATTI-PIÑERO, Emma Susana. **La elaboración artística en Tirano Banderas**. México: El Colegio de México, 1957.

<sup>233</sup> FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1979, p.152-153.

condições sociais pós-coloniais hispanoamericanas e, ao mesmo tempo, questionava, refletia, de maneira espelhada, sobre a ditadura de Primo de Rivera.<sup>234</sup>

Cabe lembrar que o ditador espanhol promoveu uma política de cunho nacionalista, militarista e comercial que revelavam ambições neocoloniais no norte da África, similares às que impulsionaram, no passado, a Espanha a realizar sua empresa colonizadora em relação às colônias da América.

Em seu estudo crítico sobre o tema dos romances de ditadura, Emma Susana Speratti Piñero, concluiu, ao rastrear as fontes textuais das quais se valeu o autor para escrever o romance *Tirano Banderas*, que a obra continha uma “intepretación en América de un problema español: la presencia repetida e insistente del *espadón* que se opone al buen deseo democrático”.<sup>235</sup> Assim, o romance representaria, simbolicamente, uma “resistência cultural” às ditaduras, segundo a autora.

A partir dessas considerações da autora, podemos sugerir diferenças claras entre as perspectivas de Valle-Inclán e de Blasco Ibañez: Blasco definiu a Revolução como barbárie indígena e fez menção à “mejicanización” do exército espanhol; Valle-Inclán, ao contrário, identificou, nas práticas neocoloniais hispânicas e no *caudillismo* a origem de uma barbárie que qualifica como “íbera” e, neste caso a barbárie estava associada ao legado mediterrâneo da Espanha.

Cabe chamar atenção para o fato de que, Valle-Inclán, quando se refere ao passado hispânico, revela ambiguidades que merecem explicitação. Tanto no romance

---

<sup>234</sup> Optamos por utilizar essa nomenclatura de um dos primeiros “romances de ditador” como fez Dru Dougherty. Como já foi dito antes, a história da literatura costuma definir como marco desse tipo de literatura o romance *Tirano Banderas*, contudo, alguns outros romances estavam surgindo na mesma época em outros lugares da América Latina, e por um questão de apenas marcá-lo como o primeiro grande sucesso desse tipo de literatura é que Dougherty faz essa distinção na qual nos apoiamos. DOUGHERTY, Dru. Op.cit., p.252-258.

<sup>235</sup> SPERATTI-PIÑERO, Emma Susana. Op.cit.,p.158.

como em outros textos em que Valle-Inclán expressou suas opiniões a respeito da Espanha e dos *gachupines*, seu protesto anti-colonialista, valeu-se de versões orientalistas e anti-semitas para reforçar sua crítica à Espanha.<sup>236</sup>

Em sua famosa conferência proferida no Ateneo de Madrid em 1932, Valle-Inclán discorreu sobre a sua percepção de que a Espanha representava um espaço nacional dividido entre o seu pertencimento ao ocidente – definido em termos imperiais por sua filiação latina ou romana – e seu inverso mediterrâneo e semítico: “España tiene, como las monedas, dos caras: una romana e imperial, y otra, berberisca y mediterránea<sup>237</sup>”.

Através desse comentário, o autor se revela defensor do legado romano, através do qual se define a *ocidentalidade* da Espanha e de suas colônias, transpassadas pelo projeto “civilizador” caracterizado pelas políticas linguísticas, jurídicas e geográficas. Neste sentido, Valle-Inclán afirmara que a Espanha “como hija de Roma lleva allí la lengua, establece un cuerpo de doctrina jurídica y funda ciudades<sup>238</sup>”.

No entanto, se o legado hispano-romano (latino) admirado pelo autor, era visto como elemento civilizador, o legado mediterrâneo e berberisco, ao contrário, era tido

---

<sup>236</sup> Segundo Said, o orientalismo põem em marcha códigos culturais que definem o oriental através de seus desvios dos padrões normativos ocidentalistas. Ver, SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo, Cia. Das Letras, 2012. Fernando Coronil por sua vez, propõe que o ocidentalismo é a condição ideológica necessária para o surgimento do orientalismo, seu “lado obscuro refletido no espelho” e que ambos os conceitos não são portanto termos opostos, mas sim diferentes interações, reflexos de um mesmo discurso, enunciações complementares do poder colonial ocidental. CORONIL, Fernando. **Beyond Occidentalism: Toward Nonimperial Geohistorical Categories**. American Anthropology Association: Cultural Anthropology 11. 1 (1996), p.56.

<sup>237</sup> VALLE-INCLÁN, Ramón M. “El homenaje a don Ramón”. Madrid: *El Sol*, 8 junio 1932, p.2.

<sup>238</sup> *Ibid.*,p.3.

como responsável pela barbárie. A partir dessa concepção, concluiu: “En la hora presente se quiere volver al bárbaro berberismo mediterráneo.”<sup>239</sup>

Ante a hibridez cultural da *hispanidad* cujo binômio aparece como uma mescla incompatível, Valle-Inclán propôs uma espécie de limpeza (étnica até certo ponto), que não se diferenciava muito das concepções raciais eurocêntricas. Tal perspectiva indicava uma redefinição política e cultural que expulsava da família latina, uma vez mais o semítico, o africano, o asiático, o berberisco, ou o “bárbaro oriental”, argumentando: “Es necesario que volvamos la medalla y no tengamos más que una faz: la que nos hace hijos de Roma”<sup>240</sup>.

Valle-Inclán expressava, a partir desse argumento, um desejo monológico de romanização da *hispanidad*, que exigia um “branqueamento” em relação à imagem da complexa história de Roma, que também requeria a segregação (expulsão) do elemento oriental.

Numa de suas correspondências a Alfonso Reyes, datada de 20 de dezembro de 1923, Valle-Inclán nos oferece mais uma pista para podermos decifrar o intrincado arcabouço do seu pensamento. Nessa carta, escreveu:

“Si he de ser franco, le diré que esperaba ese intento de los latifundistas. No pueden hacerse revoluciones a medias. Los gachupines poseen el setenta por cien de la propiedad territorial: son el extracto de la barbarie íbera (sic) – La tierra en manos de esos extranjeros (sic) es la más nociva forma de poseer. Peor mil veces que las manos muertas. Nuestro México para acabar con las revoluciones tiene que nacionalizar la propiedad de la tierra, y al encomendero”.<sup>241</sup>

---

<sup>239</sup> Ibid., p.3.

<sup>240</sup> Ibid, p.4.

<sup>241</sup> Carta a Alfonso Reyes, 20 de Dezembro de 1923, apud: HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p.311-312.



Chama atenção, neste trecho, o adjetivo “íbero” que, segundo Pedro Garcia Caro, ao invés de se referir a uma categoria ampla capaz de abarcar toda a península, se refere a uma divisão peninsular entre o romano-celta (do norte) e o ibero-fenício (do sul e da costa mediterrânea), proposta pelo celtismo galego.<sup>242</sup>

Para Valle-Inclán, o espanhol que deveria ser rechaçado era o que se referia à *barbárie ibera*, tanto mediterrânea quanto berberisca, e que, de forma refletida, aparecia como antiespanhola e antimexicana, subscrevendo a narrativa xenófoba orientalizante tradicionalmente praticada contra as culturas semitas na península, somando-se também à moderna associação entre o judeu e o capitalista. Os *gachupines* eram, nessa concepção exposta pelo autor, os espanhóis maus porque, na realidade, nem mesmo são espanhóis, mas sim mouros ou judeus que deveriam ser expulsos ou, até mesmo, exterminados fisicamente. Na crítica mordaz aos *gachupines* mexicanos o autor acabou os identificando com a figura do judeu peninsular, e neste caso, se aproximou das representações construídas pelo antisemitismo.

Nessa mesma carta endereçada a Alfonso Reyes, Valle-Inclán confessou que a revolução deveria consistir na eliminação dos bárbaros *gachupines*:

“La revolución por la independencia, que no puede reducirse a un cambio de visorreyes, sino a la superación cultural de la raza india a la plenitud de sus derechos, y la expulsión de judíos y moriscos gachupines. Mejor, claro está, sería degüellen”<sup>243</sup>

O autor acreditava que o atraso imposto pela barbárie ao México e à Espanha, resultando na ausência de modernidade, não estava relacionada com a população indígena mexicana, mas sim com as formas econômicas neocoloniais impostas por

---

<sup>242</sup> CARO, Pedro Garcia. Op.cit., p.,26.

<sup>243</sup> HORMIGÓN, J.A. Op.cit., p.311-312.

esses espanhóis de origem semita, cuja expulsão e execução, era entendida, pelo autor, como um ato revolucionário de emancipação. Essa proposta foi explicitada numa carta, ou seja, no âmbito privado. Valle-Inclán nunca expôs-se publicamente nesses termos. No entanto, a carta constitui um documento muito útil para compreendermos a representação satírica dos *gachupines* como tarados, barbáros, droga adictos, que eles adquirem em seu romance *Tirano Banderas*. As figuras estereotipadas do judeu avarento e usurário se unem à figura do tirano e contribuem na sustentação do seu poder real e simbólico.

Este pacto de mútuo apoio entre a colônia espanhola e o ditador nacionalista Santos Banderas, herói da independência em sua juventude, que travou batalhas contra os espanhóis no Peru, como citado anteriormente, revela, mais uma vez, a crítica que Valle-Inclán faz sobre o modelo de relações transatlânticas defendidas e praticadas pela administração borbónica desde meados do século XIX na América Latina e que se resume no conceito de *hispanidad*<sup>244</sup> defendido pelo *Directorio Militar* de Primo de Rivera e prelúdio da visão imperialista do falangismo da década seguinte. A condenação dos *gachupines* é um dos elementos que permitiu a Valle-Inclán construir um discurso ideológico acerca do decrépito imperialismo comercial espanhol e das ditaduras em que se apoiava. Cabe notar que, surpreendentemente,

---

<sup>244</sup> Embora muito desse *hispanismo* fosse retórico, não há dúvida de que a ditadura primorriverista deu um forte apoio a uma série de instituições que buscavam estreitar as relações entre os países latinoamericanos e a Espanha. O governo espanhol subvencionou, naquele período, seis instituições com “fins culturais”, cujo principal interesse estava no fomento de relações morais e materiais. Cabe mencioná-las: União Iberoamericana, o Centro Internacional de Investigações históricas Americana, o Centro Oficial de Cultura Hispanoamericana, o Instituto Iberoamericano de Derecho Comparado, o Centro Iberoamericano de Cultura Popular e a Junta de Fomento de Relações Artísticas y Literárias Hispanoamericanas. MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**. México: FCE, 1987, p.23.

essa crítica ao regime, conseguiu escapar das garras da censura política a que eram submetidas todas as publicações realizadas durante o regime de Primo de Rivera.

A ideia de Revolução desenvolvida em *Tirano Banderas* também pode ser entendida como uma cruzada simbólica em busca do triunfo espiritual do povo indígena que através do cristianismo conseguiria fazer frente, segundo o autor, à invasão de exploradores orientais, “os judeus gachupínes”, aos quais caberia ensinar o significado da palavra “liberdade”.

Na conclusão do romance *Tirano Banderas*, a visão do (pós/neo) colonialismo espanhol sugere o reverso orientalista da narração ocidentalista que fez Blasco Ibañez da Revolução Mexicana.

Cabe salientar que os dois intelectuais espanhóis republicanos pensam na política espanhola contemporânea e a representavam de maneira complexa, às vezes contraditória, os paralelismos entre as duas sociedades e, no centro da disputa entre suas concepções, nos deparamos com visões eurocêntricas de raça, cultura, civilização e barbárie. Valle-Inclán e Blasco Ibañez faziam alusão a um espaço nacional hispânico, latino, cristão e ocidental, que tanto no México como na Espanha foram corrompidos por influências “externas”, ou para usar os termos que usaram: “semita”, no caso de Valle-Inclán e “indígena”, no caso de Blasco Ibañez.

Embora as “barbáries” referidas pelos dois autores, tivessem origens distintas, ambos recorreram às dicotomias “civilização e barbárie”, “ocidente e periferia” com o intuito de regenerar suas raízes culturais que, segundo eles, naquele momento, estavam contaminadas. Ao tentar exorcizar os monstros de uma *hispanidad* comprometida pelo autoritarismo oriundo das raízes “bárbaras”, exógenas, nos dois casos, havia uma preocupação de recuperar o legado da Espanha Imperial no qual

repousavam os valores da civilização ocidental que, por caminhos distintos, desejam restaurar.

No entanto, cabe indagar: onde estava esse legado da Espanha Imperial que Valle-Inclán buscava resgatar? Como a partir desse legado o México e Espanha poderiam se entrelaçar dando início a um novo tipo de relação? Para responder a essa pergunta, cabe mostrar como o escritor definiu o “Dever da Espanha na América”.

### **3.4. “O Dever cristão da Espanha na América”.**

Valle-Inclán, como já foi dito, esteve na entre setembro e dezembro de 1921, Ao retornar à Espanha, no início de 1922, o escritor encontrou um ambiente intelectual efervescente em seu país. Convidado a apresentar sua “visão pessoal” do problema hispano-americano, no *Ateneo de Madrid*, proferiu uma conferência intitulada *El deber Cristiano de España en América*<sup>245</sup>.

Nessa Conferência, o primeiro aspecto abordado por Valle-Inclán, o mesmo que vinha abordando em suas últimas falas na América, dizia respeito a críticas sobre a atuação da colônia espanhola no México que, segundo ele, tirava proveito da difícil situação internacional enfrentada pelo novo Estado mexicano. Os governantes batalhavam para conseguir o reconhecimento de países como Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália e para fazer frente às exigências do Ministro das Relações Exteriores da Espanha, no México, de indenização para os proprietários terra espanhóis que tiveram prejuízos durante o período revolucionário.

---

<sup>245</sup> Conferência publicada no periódico *El Sol*, 19 de fevereiro de 1922. VALLE-INCLAN, Ramon del. **Entrevistas, conferencia y cartas** (Edición de Joaquín y Javier del Valle-Inclán). Valência: Pré-textos, 1994, p.228-229.

Embora tenhamos mencionado essa Conferência em capítulo anterior, voltamos a ela com o intuito de chamar atenção para outro aspecto que consideramos relevante.

Nessa fala, Valle-Inclán se referiu à possibilidade do cristianismo tornar-se o cimento capaz de unir Espanha e Hispanoamérica.<sup>246</sup>

No desenvolvimento dessa hipótese, propôs uma nova forma de aproximação entre ambas a partir do seguinte argumento:

[...] los destinos de la Historia están marcados por *naciones verbos*, pueblos de atadura y enlace. Así Grecia, pueblo verbo, recoge la cultura oriental y la hace mediterránea; Roma, es una antena que asume el espíritu disperso del *mare nostrum*, y lo hace europeo; España, punta extrema de Europa, coloca esta tradición en la honda de sus barcos, y la lanza a través de los mares para que caiga en América.<sup>247</sup>

Afirmou, também, que o *espírito espanhol* era formado por dois elementos antagônicos: a alma latina incorporada pelo cristianismo e o espírito semi-africano, semita. As características profundas da latinidade, que a Espanha legara à América eram, segundo o autor, a língua, as leis e a fundação da cidade, como deixa claro no trecho abaixo<sup>248</sup>:

---

<sup>246</sup> Como foi dito no início do primeiro capítulo, a Galícia possuía uma das maiores comunidades eclesíásticas da Espanha no início do século XX e o Cristianismo tinha uma forte influência na região. Talvez essa presença forte do catolicismo na região possa explicar porque Valle-Inclán acreditou no Cristianismo como uma possibilidade de unir as duas partes da Espanha. O autor, em alguns momentos de sua escrita, chegou a sugerir aproximações entre cristianismo, socialismo e ideias da revolução social mexicana.

<sup>247</sup> VALLE-INCLAN, Ramon del. **Entrevistas, conferencia y cartas** (Edición de Joaquín y Javier del Valle-Inclán). Valência: Pré-textos, 1994, p. 229.

<sup>248</sup> Cabe esclarecer que a Espanha nunca abdicou da tentativa de recriar, em novos termos pós-independência, os elos recíprocos em torno de conceitos em voga como 'raça', língua, religião, costumes e origens comuns com a América hispânica. A partir desses aspectos, surgia a expectativa de

[...] en el espíritu español hay dos elementos antagónicos: el alma latina, que se ha incorporado al cristianismo, y el espíritu semiafricano, la impureza, la mancha, el fermento corruptor de la otra excelencia.

Tres características fundamentales tienen la cultura latina. España en América, como Roma en Europa, instituye tres ejes de vida: la lengua, la ley y la fundación de la ciudad. El africanismo perturbador es codicioso, fanático y violento; tres condiciones enemigas que asombran y destruyen las normas latinas creadoras.<sup>249</sup>

Como se pode notar, o autor valorizava a herança europeia e menosprezava a africana. Afirmava que, na América, a alma latina fora legada por missionários, intelectuais e juristas, responsáveis por redimir o índio enganado e explorado pelos conquistadores. Já o espírito africano fora legado por vice-reis e soldados que, segundo o autor, continuavam representados no México através dos *gachupines*.

Ao operar essas aproximações através da antinomia presente na definição do espírito espanhol, Valle-Inclán demonstrava sua forte rejeição à colônia espanhola no México que se opunha à Revolução altamente valorizada pelo autor.

---

consolidação do 'hispanismo'. Produto do pensamento de intelectuais espanhóis – integrantes da desencantada *Generación del 98* -, a ideia emergira a partir da decepção face ao desmoronamento final do império espanhol, com a perda das suas últimas colônias na Guerra de Cuba em 1898. No caso da formulação do conceito de hispanismo, Valle-Inclán lançou mão da ideia de latinidade cara a ele desde a sua experiência nos campos de batalha em Verdun na França, como correspondente espanhol durante a I Guerra Mundial. O conceito de latinidade pressupunha a união entre Itália, França e Espanha através de uma origem cultural comum, capaz de fazer frente ao “germanismo” crescente no mundo europeu. Cabe lembrar que alguns intelectuais espanhóis haviam se declarado germanófilos, mas esse não foi o caso de Valle-Inclán. Para essa distinção entre hispanismo e latinidade nos valem das análises Carla Brandalise. BRANDALISE, Carla. **O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia**. IN. Cuad. Del CILHA, Vol. 14, nº1. Mendoza: Cuad. Del CILHA, 2013.

<sup>249</sup> VALLE-INCLAN, Ramon del. Op.cit., p.230.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos ao longo de toda essa pesquisa o papel que Valle-Inclán desempenhou como intelectual provocando por meio de suas entrevistas, conferências e escritos literários, polêmicas a respeito das condições políticas, sociais e culturais tanto no que se refere à conjuntura hispano-americana, México especialmente, como espanhola, na década de 1920. Buscamos mostrar como Valle-Inclán elaborou uma visão do passado colonial espanhol com vistas a desvendar uma possibilidade de futuro que permitiria estabelecer uma nova ponte entre o mundo hispânico, ou seja, entre Espanha e América Hispânica. Procuramos mostrar como essa elaboração discursiva revelou admiração em relação aos avanços da Revolução Mexicana e críticas a ditadura espanhola de Primo de Rivera e também aos regimes ditatoriais tão frequentes na América Hispânica.

Nesta pesquisa, buscamos analisar as redes de contatos intelectuais estabelecidas por Valle-Inclán tanto na Espanha quanto no México, para compreender como circularam algumas de suas ideias relacionadas com a situação política dos dois países que viviam situações bem distintas. O autor revelou entusiasmo em relação à situação mexicana pós-Revolução porque o movimento revolucionário conseguira derrubar um regime ditatorial de longos anos – o Porfiriato, e pessimismo em relação à situação espanhola sob a ditadura de Primo de Rivera.

Suas experiências vividas entre circuitos hispânicos distintos, o motivaram a escrever o romance sobre ditaduras que tinha como pano de fundo o mundo hispânico. Procuramos mostrar que, *Tirano Banderas* revela a criação de representações cruzadas fruto das percepções do autor sobre o “Velho e Novo” Mundo hispânico que se anunciava no Pós-Guerra.

No que se refere à relação entre espanhóis da “Metrópole” e os espanhóis da que se radicaram na “ex-Colônia” – os *gachupines*, pudemos observar que o autor tinha não apenas preocupações com a política e com a cultura, mas também com as questões de natureza econômica na medida em que criticava a Colônia Espanhola que se erradicara no México com intuito de “fazer fortuna” e, graças as benesses da ditadura porfirista se tornaram *hacendados* ou comerciantes, razão pela qual faziam oposição ferrenha contra os governos revolucionários que punham em risco suas riquezas.

Quanto às posições políticas defendidas por Valle-Inclán, procuramos mostrar a enorme dificuldade em defini-la, pois os seus discursos revelam uma mescla de ideias e conceitos que ora poderiam sugerir aproximação com determinadas correntes ideológicas, ora com outras, que em alguns casos se chocavam. Em suma, suas ideias políticas revelavam contradições importantes, sobretudo quando mostrava simpatias ao comunismo, ora ao liberalismo, ora defesa radical do catolicismo hispânico e até sinais de anti-semitismo.

Podemos, no entanto, apontar como eixo político/ideológico coerente que caracteriza suas ideias dos anos 1920, a sua repulsa a qualquer forma de ditadura. Neste aspecto, distanciou, tanto dos intelectuais da *geração de 98*, quanto da geração de Ortega y Gasset, que em alguns momentos defenderam um governo autoritário alegando que tal opção permitiria reconstruir a Espanha de “cima para baixo”.

Além dessa recusa do autoritarismo político, Valle-Inclán também foi um dos intelectuais da geração de 1898 que mais buscou abarcar a América em seus escritos, e nutriu uma paixão e admiração desde a juventude em relação ao México, o que explica seu empenho em estabelecer uma ampla rede de contatos entre seus pares espanhóis e mexicanos. Trocas intelectuais/culturais cruzaram o Oceano, num



percurso de mão dupla: intelectuais mexicanos iam para Madri e intelectuais espanhóis visitavam o México.

Também procuramos mostrar que, em várias circunstâncias, Valle-Inclán desempenhou o papel de mediador cultural; não por acaso foi escolhido por Álvaro Obregón para atuar como ponte internacional no trabalho de propaganda do governo pós-revolucionário, que facilitaria o reconhecimento diplomático do governo revolucionário, no âmbito internacional. Reconhecimento esse importante, não só do ponto de vista político, mas sobretudo para conseguir auxílio econômico capaz de aliviar a crise pela qual passava o México no início dos anos 20.

Concluimos que o *hispanismo* foi um dos fios condutores do trabalho de Valle-Inclán. Esse traço pode ser recuperado, tanto através de falas, públicas e privadas, e em seus escritos de natureza diversa, e que esse processo na década de 1920 tendeu a uma radicalização discursiva que torna a trajetória intelectual de Valle-Inclán nessa década um rico objeto de estudos. Além disso, cabe ressaltar que o autor, mesmo não sendo um hispano-americano, teve sua obra consagrada na região: *Tirano Banderas* é considerada um marco ou um “romance inaugural” de uma tradição literária que se consagrou como gênero chamado “romance de ditador”, produzido por inúmeros autores da América Latina.

É importante lembrar que, a partir da década de 1920, vários escritores estavam produzindo romances do gênero. No entanto, em várias ocasiões, a censura impediu que fossem publicados como foi o caso do romance do guatemalteco Miguel Angel Astúrias - *El Señor Presidente* - que começou a ser escrito em 1922 e só pode ser publicado em 1946.

Por fim, gostaria de expor uma preocupação que rondou a elaboração desta pesquisa. Embora, na condição de historiador, desde o início da minha formação,

sempre tenha levado em conta a importância da memória para a história, mas também saiba que, muitas vezes, disputas de memórias apagam marcas de autoritarismos do passado, ao abordar um tema relacionado ao poder autoritário, termino este trabalho, esperando que a pesquisa, contribua, minimamente, para manter viva a lembrança da contribuição de intelectuais e artistas latino-americanos que se preocuparam em reagir contra os arbítrios do poder em muitos momentos da nossa história.

## FONTES

O Epistolário de Valle-Inclán foi publicado recentemente pela Associação de Directores de España, em uma compilação organizada por Juan Antonio Hormigón, em 2009. Consegui que me enviassem essa edição por correio, o que viabilizou a pesquisa, pois a edição está em forma de livro, e esgotada, por conta da baixa tiragem. A seguir, elenco as fontes utilizadas em nossa pesquisa:

1. Epistolário de Valle Inclán publicado em 2009 por Juan António Hormigon e que contém cartas enviadas pelo autor nos períodos de 1890-1936 à 87 destinatários diferentes. Tivemos acesso a um total de 285 cartas que cobriam dos quais privilegiamos àqueles que se referiam ao período abordado por nossa pesquisa (1920-1931), o que totaliza 49 cartas.
2. *Tirano Banderas*, o romance de Ramón del Valle-Inclán publicado em 1926.
3. Como fonte de apoio, nos utilizamos das entrevistas, conferências y cartas, reunidas pelo filho de Valle-Inclán, Joaquín Javier del Valle- Inclán e que funcionam como uma hemeroteca histórica, guardando artigos desde 1891 até 1935. Os jornais cobertos por essa hemeroteca são:

### **a) Periódicos e Revistas Espanholas:**

- El Heraldo de Madrid (Madrid)
- Diario de Pontevedra (Pontevedra)
- El Globo (Madrid)
- El Imparcial (Madrid)
- El Mundo (Madrid)
- El Correo Español (Madrid)
- El Debate (Madrid)
- El Mercantil Valenciano (Valencia)
- El Correo Catalán (Barcelona)
- La Vanguardia (Barcelona)
- Diario de Navarra (Pamplona)
- La Tribuna (Madrid)

- El Liberal (Madrid)
- El País (Madrid)
- España, semanario de la vida nacional (Madrid)
- La Acción (Madrid)
- Iberia (Barcelona)
- El Noticiero Bilbaíno (Bilbao)
- El Sol (Madrid)
- La Tribuna (Madrid)
- Diario ABC (Madrid)

**b) Periódicos e Revistas Hispano-Americanas:**

- La Prensa (Buenos Aires)
- La Nación (Buenos Aires)
- Diario de la Marina (Havana)
- Repertorio Americano (San José de Costa Rica)
- España nueva (Havana)

## BIBLIOGRAFIA

ABELLÁN, José Luis. *La inversión histórico-cultural de España en relación con América Latina (1898)*. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ALABACE, Arturo Solto. *La generación del 98 y la del Ateneo*. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ALATORRE, Antonio, *Historia de la palabra gachupín*. In E. Luna Traill (coord.), Scripta Philologica in honorem J. M. Lope Blanch. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 1992, vol. II., p. 275-303.

ALBERCA, Manuel & GONZÁLEZ, Cristóbal. *Valle-Inclán – La fiebre del estilo*. Madrid: Espasa Calpe, 2002, p.33-35.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de história intelectual*. 2005. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, V.19, nº1, Junho de 2007, p. 9-17.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARDAO, Arturo. *América Latina y la latinidad*. México, D.F.:Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.

ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas*. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

BAYLY, C. A.; BECKERT, S.; CONNELLY, M.; HOFMEYR, I.; KOSOL, W.; SEED, P. “On Transnational History”. *American Historical Review*, December 2006.

BAQUERO ESCUDERO, Ana Luisa. *Tres variaciones literarias sobre Hispanoamérica: Valle-Inclán, Blasco Ibáñez, Azorín*, en Vicente Cervera Salinas y M<sup>a</sup> Dolores Adsuar Fernández (coords.), *Alma América: in honorem Victorino Polo*, vol. 1, 2008, pp. 77-95.

BEIRED, José Luis Bendicho. “*Intelectuais, hispanismo e a reformulação da identidade nacional argentina*”. In: BEIRED, Jose Luis; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (Org.). *Política e Identidade Cultural na América Latina*. São Paulo: Editora

Unesp, 2010.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Hispanismo, Intelectuais e Identidade nacional na Argentina*. Anais eletrônico do VIII Encontro Internacionl da ANPHLAC. Vitória, 2008. Disponível em:

<[http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro08/jose\\_luis\\_bendicho\\_beired.pdf](http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro08/jose_luis_bendicho_beired.pdf)>

Acesso em: 03 julho 2012.

BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BASAVE BENÍTEZ, Basava. *Mexico Mestizo. Análises del nacionalismo mexicano en torno a la mestizofilia de Andrés Molina Enríquez*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

BASSOLS, Narciso. *Obras*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1964.

BAULÓ DOMENECH, Josefa. *De escritores, pintores guerrilleros. Valle-Inclán, Alberto Gironella y el subcomendante Marconsín*. IN: *El Pasajero. Revista de estudios sobre Ramón del Valle-Inclán*. Santiago de Compostela, 2001.

BERABA, Ana Luiza. *América Aracnídea: teias culturais interamericanas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nation and Narration*. Londres/ Nova York: Routledge, 1999.

BLASCO IBÁÑEZ, Vicente. *El militarismo mejicano: estudios publicados en los principales diarios de los Estados Unidos*. In. *Obras completas*, 3 vols. Madrid: Aguilar, 1964.

BOBBIO, Norberto. *Perfil ideológico del siglo XX en Itália*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

BOLUFER, Amparo J. *A Voz pública de Valle-Inclán: Documentos*. Madrid: Editorial Axac, 2013.

BOTREL, Jean François. *Las condiciones de la producción cultural*. In. MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.40-49.

BRANDALISE, Carla. “*A ideia e concepção de ‘latinidade nas Américas: disputa entre as nações*”. In. ORO, Ari Pedro (org.). *A ideia de latinidade na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 2008.

\_\_\_\_\_. *O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia*. IN. Cuad. Del CILHA, Vol. 14, nº1. Mendoza: Cuad. Del CILHA, 2013.

BRANDING, David. *Los orígenes del nacionalismo mexicano*. México, Septentas, 1972.

CABRERA, Mercedes. *Europa en crisis 1919-1939*. Madrid: Ed. Pablo Iglesias, 1991.

CAMP, Roderic Ai. *Los intelectuales y el Estado en el México del Siglo XX*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Crítica e Sociologia*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolfde (orgs.). *Literatura e história na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 de setembro de 1991. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 263-70.

CAPELATO, Maria Helena R. *Cuadernos Hispanoamericanos – ideias políticas numa revista de cultura*. In. *Vária História*, no. 34, vo. 21, 2005.

\_\_\_\_\_. *Intelectuais latino-americanos: o 'caráter nacional' em questão*. Anos 90 (UFRGS. Impreso), v. 1, 2009.

\_\_\_\_\_. A data símbolo de 1889: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História*, São Paulo, 22 (2), p. 35-58, 2003.

\_\_\_\_\_. “Transferências culturais entre autores europeus e latinoamericanos nas décadas de 1930-1940”. *Mimeo*. Montreal: LASA, Congresso Internacional, 2008.

\_\_\_\_\_. “Circulação de idéias através das revistas de cultura: José Ortéga y Gasset e Ezequiel Martínez Estrada”. *Mimeo*. Toronto: LASA, Congresso Internacional, 2010.

CARDONA, Rodolfo. *Valle-Inclán en Nueva York: 1921, Anales de la Literatura Española Contemporánea*, vol. 31, no. 3, 2006, pp. 157-74.

CARO, Pedro Garcia. *Entre occidentalismo y orientalismo: la escritura estereográfica de la Revolución Mexicana en España*. *Revista Hispánica Moderna*, Volume 65, nº.1, Junio 2012,

CASAÚS ARZÚ, Marta Ele; PÉREZ LEDESMA, Manuel (Ed.). *Redes Intelectuales y formación de naciones en España y América Latina (1890-1940)*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2004.

- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams – Questões de teoria. O materialismo cultural*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHACON, Vamireh. *A Grande Ibéria. Convergências e divergência de uma tendência*. São Paulo: Unesp, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo, Unesp, Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e História. Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.
- CIFUENTES, Luiz Fernández. *Teoría y mercado de la novela en España: del 98 a la República*. Madrid: Gredos, 1982.
- COMPAGNON, Olivier. *Jacques Maritain et l'Amérique du Sud*. Paris: Septentrion, Presses Universitaires, 2003.
- CORONIL, Fernando. *Beyond Occidentalism: Toward Nonimperial Geohistorical Categories*. American Anthropology Association: Cultural Anthropology 11. 1 (1996).
- CRESPO, Regina Aída. *Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 187-208, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico*. In: KOMINSKY, Ethe Volfson (org); LEPINE, Claude (org) e PEIXOTO, Fernando Arêas (org). *Gilberto Freyre em quatro tempos* Arêas (org). São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- CRESPO, Regina (Coord.). *Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales*. México, D.F.: CIALC/Eón Editores, 2010.
- CUADRADO, Miguel Martínez. *A burguesía conservadora (1874-1931)*. Madrid: Alianza Editorial, 1976.
- DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo. *Império de Papel: Acción Cultural e Política Exterior*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – CSIC, 1992.
- DELGADO LARIOS, Almudena, *La Revolución Mexicana en la España de Alfonso XIII (1910-1931)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 1993.
- DOUGHERTY, Dru. *Guía para caminantes en Santa Fe de Tierra Firme*. Estudio sistémico de Tirano Banderas. Valencia: Editora Pre-textos, 1999.



\_\_\_\_\_. *El segundo viaje a México de Valle-Inclán: una embajada intelectual olvidada*. Cuadernos Americanos, XXXVIII, pp. 137-176, 1995.

\_\_\_\_\_. *Un Valle-Inclán olvidado: entrevistas y conferencias*, Fundamentos (Espiral), Madrid, 1982.

DURANTE, Ignacio Soldevila, *Valle-Inclán: estado de la investigación contribución a su estudio*. Amsterdam: Diálogos Hispánicos, nº7, 1988

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro: Consulado General de Mexico: Topbooks, 2002.

ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1979,

FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. Os intelectuais mexicanos de inícios do século XX modernização, democracia e nacionalismo: temas/bases de identidade. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. V, ano 3, n. 1, abril de 2008. Disponível em: <[www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria](http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria)>. Acesso em: 21 dezembro 2012.

FOLGUEIRA, Paulino Francisco Novo. *Insultos en Galego – Estudos Linguísticos*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filoloxía, Santiago de Compostela, 2013.

FOX, E. Inman. *La invención de España*. Madrid: Cátedra, 1998.

\_\_\_\_\_. *La generación del 98: crítica de un concepto*. In: MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.16-30.

FRIEDRICKSON, George M. *Racism: A Short History*. Princeton: Princeton UP, 2002.

FUENTES, Carlos. *Geografía de la novela*. México: FCE, 1993.

GARCÍA MARTÍ, V. *El Ateneo de Madrid (1835-1935)*. Madrid, Dossat, 1948.

GOMES, Angela Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

GÓMEZ OCHOA, F. *La crisis final de la Restauración 1917-1923 en la Historiografía española*. Cantabria: Ed. Rueda, Universidad de Cantabria, 1991.

GONZÁLEZ CUEVAS, Pedro. *Acción española. Teología política y nacionalismo autoritario en España (1913- 1936)*. Madrid: Tecnos, 1998.

GRANADOS, Aimer; MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades*

latinoamericanas: ensayos de historia intelectual siglos XIX y XX. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.

GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”. *Topoi*. Rio de Janeiro, março de 2001, pp. 175-195.

\_\_\_\_\_. *Las cuatro partes del mundo. História de una mundialización*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2010.

GUEDEA, Virginia (comp), *Asedios a los centenarios (1910-1921)*, México: FCE, 2009.

GUERRERO, Obdualia. *Valle-Inclán y el novecientos*. Madrid: Editorial Magisterio Español, 1977.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismo. O Estado Nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GULLÓN, Ricardo. *Valle-Inclán y Rubén Darío con Juan Ramón al fondo*. In: *Valle-Inclán. Homenaje del Ateneo de Madrid, 1991*, pp. 271-286.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. São Paulo: Humanitas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Identidade Cultural*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da Literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENEZ, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o Passado, repensar a história*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

HENRIQUE UREÑA, Pedro. *Breve historia del modernismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

JOVER ZAMORA, José Maria et alii, “La política de recogimiento y la pérdida de las islas de ultramar”, in *España: sociedad, política y civilización*. Madrid: Areté, 2000.

KAUFMANN, Vincent. *L’Equivoque epistolaire*. Paris, Minuit, 1990.

LARRAÍN IBAÑEZ, Jorge. *Modernidad, razón e identidad en América Latina*. Santiago: Editorial Andres Bello, 1996.

LANDAVAZO, Marco Antonio. *El asesinato de gachupines en la guerra de independencia mexicana*. Mexican Studies/Estudios Mexicanos 23.2 (2007).

\_\_\_\_\_. “Imaginaris encontrados: el antiespañolismo en México en los siglos XIX y XX”. *Tzintzun: Revista de estudios históricos* 42 (2005).

- LEMPÉRIÈRE, Annick. *Les clercs de la nation. Intellectuels, état et société au Mexique au XX<sup>e</sup>. siècle*. Paris: L'Harmattan, 1992.
- LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção e Literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- LLANO, Genoveva G. Q . *Los Intelectuales y la dictadura de Primo de Rivera*. Madrid: Alianza Universidad, 1987.
- LOYO, Engracia. *La Casa del Pueblo y el maestro rural mexicano*. México: Secretaría de Educación Pública: El Caballito, 1985.
- MARCILHACY, David. *Raza hispana: hispanoamericanismo e imaginario nacional en la España de la Restauración*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2010.
- MARCOS CELESTINO, Mónica. *Aproximación numérica a Tirano Banderas de Valle-Inclán*. *Estudios humanísticos. Filología*, núm 27, 2005, pp. 341-350.
- MARTÍNEZ MARTÍN, J.A. *Vivir de la pluma – la profesionalización del escritor (1836-1936)*. Madrid: Editorial Marcial Pons, 2009.
- MEYER, Lorenzo e AGUILAR CAMÍN, Héctor. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.
- MEYER, Michael e BEEZLEY, William (Orgs.). *The Oxford History of Mexico*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: Memória de um “profeta rejeitado”*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2010.
- MONSIVÁIS, Carlos. *Notas sobre a cultura mexicana en el siglo XX*. In: *Historia General de Mexico*, Tomo 4. México: El Colégio de México, 1976.
- ORO, Ari Pedro. *Latinidade da América Latina. Enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PAZ, Octavio. *El cercado ajeno*. In: *El peregrino en su Patria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- PAZ, Octavio. *Generaciones y semblanzas – escritores y letras de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- PEREZ MONFORT, Ricardo. *Hispanismo y Falange. Los sueños imperiales de la derecha española*, México, D.C., Fondo de Cultura Económica, 1992.
- PERFECTO, Miguel A. *Política social y regeneracionismo en la Dictadura de Primo de Rivera*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 1994.

- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Vira e Mexe Nacionalismo. Paradoxos do Nacionalismo Literário*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- PIKE, Frederick. *Hispanismo: 1898 – 1936. Spanish conservatives and liberal and their relations with Spanish América*. Indiana: Notre Dame University Press, 197.
- PIÑERO, E. S. Speratti. *La elaboración artística en Tirano Banderas*. Mexico: El Colegio del Mexico, 1957.
- PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *La Unión Latino Americana y El Boletín Renovación. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, Universidade de Colima, 2009.
- \_\_\_\_\_. *La identidad latinoamericana en el repertorio Americano*. In: GRANADOS, Aimer; MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades latinoamericanas: ensayos de historia intelectual siglos XIX y XX*. México, D.F.: El Colegio de México, 2009.
- POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.
- POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. “Repensando a História Comparada” in *Revista de História*, São Paulo, n. 153, 2º semestre 2005, p. 11-33.
- PRADO, Maria Ligia. “*Identidades latinoamericanas*”. In AYALA MORA, Enrique e POSADA CARBÒ, Eduardo (orgs.) *História general de la América Latina*. VOL. VII, Paris: Unesco: Editorial Trotta, 2008.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- PRIMO DE RIVERA, Miguel. *El pensamiento de Primo de Rivera*. Madrid, 1929
- RAMA, Angel. *Literatura, Cultura e Sociedad en America Latina*. Montevideu: Ediciones Trilce, 2006.
- RAMA, Carlos. *História de las relaciones culturales entre Espana y la América Latina. Siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- REYES, Alfonso. “*Presentación*” a Ramón del Valle-Inclán. *Publicaciones periodística anteriores a 1895* (edición, prólogo y notas de W.L. FICHTER). México: El colégio de México, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Tertulia de Madrid*. Buenos Aires: Espasa Calpe, Col. Austral, 1949.

- RODRÍGUEZ, Juan (Coord.) *Ramón María del Valle-Inclán. Taller de investigaciones valle-inclanianas*. Madrid: Eneida, 2000.
- RETAMAR, Roberto Fernández. Modernismo, noventayocho, subdesarrollo. In: *Actas del Tercer Congreso Internacional de Hispanistas*, México, 1970
- ROMERO, José Luis. “La situación básica: Latinoamérica frente a Europa”, in *Situaciones e ideologías en Latinoamérica*. México D.C.: UNAM, 1981.
- ROYANO, L. (Ed.). *Fuera del Olvido: los escritores hispanoamericanos frente a 1898*. Santander: Universidad de Cantabria, 2000.
- SAER, Juan Jose. *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANCHEZ, Illán. *La nación inacabada. Los intelectuales y el proceso de construcción nacional (1900-1914)*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.
- SANCHEZ-COLOMER, Maria Fernanda. *Valle-Inclán orador*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.
- SANCHEZ MONTERO, Rafael et al. *La imagen de España en América. 1898-1931*. Sevilla: CSIC. 1994.
- SARLO, Beatriz. *La máquina cultural: maestras, traductoras y vanguardistas*. Buenos Aires: Planeta Argentina, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Una modernidad periférica. Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SCARANO, Laura R. *Valle-Inclán y su recepción de la poética dariana*. Cuadernos para la Investigación de la Literatura Hispánica, 9 (1988), pp. 11-26.
- SCHNEIDER, Luis Mario. *La segunda estancia de Valle-Inclán en México (1921)*. IN: *Valle-Inclán (1898-1998): Escenarios*. (Orgs) ZAS, Margarita Santos; FEIJOO, Luis Iglesias; ALONSO, Javier Serrano; BOLUFER, Amparo de Juan. Santiago de Compostela: Publicacións Universidad de Santiago de Compostela, 1998, p.123-144.
- SEIGEL, Micol. “Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn”. *Radical History Review*, 91, 2005.
- SEPÚLVEDA, Isidro. *Sueño de la Madre Patria. Hispanoamericanismo y nacionalismo*. Madrid: Fundación Carolina, Centro de Estudios Hispánicos e

- iberoamericanos, Marical Pons – Ediciones de História, 2005.
- SERRANO, Carlos. *Pautas de la Actuación Intelectual*. In: MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SHERIDAN, Guillermo. *Los contemporáneos de ayer*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da História Intelectual – entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. “Les intellectuels”, in. RÉMOND, René (Dir). *Pour une histoire politique*. Paris: Seuil, 1988.
- SKINNER, Quentin. *Visions of Politics. V.1. Regarding Method*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- SMITH, Anthony D.. *La identidad nacional*. Madri: Trama Editorial, 1991.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). *Cadernos de Pesquisa II - Projeto Temático/ FAPESP - Cultura e Política nas Américas: Circulação de ideias e Configuração de Identidades*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Humanitas, 2011, p. 87-97.
- \_\_\_\_\_. Diálogos Culturais Latino-americanos na primeira metade do século XX. Projeto História – polifonia e latinidade, Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP, São Paulo, n. 32, p. 239-252, jan/jun 2006.
- SOLER, Manuel Aznar. *Ramón del Valle-Inclán*. In. MAINER, José-Carlos (org.). *Historia y crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1993, p.263.
- SWANSEY, Bruce. *Arqueología del esperpento: una cala en el concepto de tradición*, Madrid: *Cuadrante*, núm. 20, 2010, pp. 37-50.
- TENORIO, Mauricio. *Um Cauhautemóc Carioca: comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica*. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, nº14, 1994, p.123-148.

- TENORIO TRILLO, Mauricio. *Historia y celebración. México sus centenarios*. Mexico, TusQuets, 2009.
- TORRECILLA, Jesús. Modernidad y periferia: el exotismo de la Sonata de Estío. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- TREBITSCH, Michel. “*Correspondances d’intellectuels. Le cãs de lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman*. In : *Cahiers de l’Institut du Temps Présent*, nº 20. Paris, maio 1992. Disponível no site:  
<http://www.ihtp.cnrs.fr/T>
- TUCKER, Peggy Lynne. *Time and History in Valle-Inclán’s Historical Novels and “Tirano Banderas”*. Valencia: Albatros, 1980.
- VALLE-INCLÁN, Ramón del. *Artículos completos y otras páginas olvidadas* (Ediciones de Javier Serrano Alonso). Madrid: Istmo, 1987.
- VALLE-INCLÁN, Ramón del. *Tirano Banderas, novela de tierra caliente*. Madrid: Espasa-Calpe, 1987.
- VASCONCELOS, José. El desastre. México: Trillas, 1998.
- \_\_\_\_\_. El proconsulado. México: Trillas, 1998.
- \_\_\_\_\_. La Tormenta. México: Trillas, 1998.
- VAUGHAN, Mary Kay. *Estado, clases sociales y educación en México*. México: Fondo de Cultura Económica: Secretaría de Educación Pública, 1982.
- VÁZQUEZ, Adolfo S. *Los de 98 y la política*. In: 98: Derrota Pírrica. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- VÁZQUEZ, Josefina Zoraida e MEYER, Lorenzo. *México frente a Estados Unidos – un ensayo histórico, 1776-2000*. México: FCE, 2011.
- VERGARA VELO, Misael. *Tirano Banderas: espacio y símbolo en Santa Fe*, Madrid: *Cuadrante*, núm 19, 2009, pp. 14-40.
- VILLAVERDE, Ángel Luis López e SÁNCHEZ, Isidro. *Historia t evolución de la prensa conquense (1811-1939)*. Cuenca: Ediciones de la Universidade de Castilla – La Mancha, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da Cultura*. São Paulo, Edusp, 1994.

WOMACK Jr., John. A Revolução Mexicana, 1910-1920. In. BETHELL, Leslie (Org.) *História da América Latina: de 1870 a 1930*, v. V. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado, DF – Fundação Alexandre Gusmão, 2002.

XAVIER-GUERRA, François “Euro-Amérique: constitution et perceptions d’un espace culturel commun”. In *Les civilisations dans le regard de l’autre*, actes du colloque international des 13 et 14 décembre 2001, Paris, Unesco, 2002.

GOMES, Angela Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ZAS, Margarita Santos. *Valle-Inclán y la prensa cubana: el viaje a La Habana de 1921*. Anuario Valle-Inclán I. *Anales de la Literatura Española Contemporánea*, 26, 3 (2001), p.219-253.

\_\_\_\_\_. *Nuevos documentos: Valle-Inclán entrevistado en La Habana (1921)*. *Cuadrante*, 10 (Xaneiro 2005), p. 5-28.

ZULETA ALVAREZ, Enrique. *España en América. Estudios sobre la historia de las ideas en Hispanoamérica*. Buenos Aires: Confluencia, 2000.



## ANEXO I

### a) Quadro Geracional Espanhol:

Embora questionado, acabamos recorrendo ao conceito e a divisão geracional proposta por José Ortega y Gasset, para construir um quadro geracional dos intelectuais citados em nossa pesquisa. Assim, utilizamos o seguinte intervalo:

- (i) Geração de 1868: Os intelectuais que atuaram entre 1868-1898
- (ii) Geração de 1898: Os intelectuais que atuaram entre 1898-1913
- (iii) Geração de 1913: Os intelectuais que atuaram entre 1913-1931

<b>Geração de 1868</b>
Benito Pérez-Galdós (1843-1920)
Jose Ortega Munilla (1856-1922)
Emilio Cotarelo y Mori (1857-1936)
Echegaray (1823-1916)

<b>Geração de 1898</b>
Miguel de Unamuno (1864-1936)
Angel Ganivet (1865-1898)
Valle-Inclán (1866-1936)
Julián Besteiro (1870-1940)
Pío Baroja (1872-1956)
Azorín (1873-1967)
Ramiro de Maeztu (1875-1936)
Antonio Machado (1875-1939)

Jacinto Benavente (1866-1954)
Romero de Torres (1874-1930)
Santiago Rusiñol i Prats (1861-1931)
Rafael Altamira (1866-1951)
Luiz Contreras (1863-1953)
Eduardo Gómez de Baquero (1866-1929)
Manuel Bueno (1874-1936)
José Santos Chocano (1875-1934)
Ignácio Zuloaga (1870-1945)
Jose Verdes Montenegro (1964-1940)
Blasco Ibañez (1867-1928)

<b>Geração de 1913</b>
José Ortega y Gasset (1883-1956)
Manuel Azaña (1880-1940)
Juan Ramón Jiménez (1881-1958)
R. Pérez de Ayala (1881-1962)
Núñez de Arenas (1886-1951)
Luis Araquistain (1886-1973)
Corpus Barga (1887-1975)
Cipriano Rivas Cherif (1891-1967)
Luiz de Zulueta (1878-1964)
Enrique Díez Canedo (1879-1944)
Anselmo Miguel Nieto (1881-1964)
Rafael de Penagos (1889-1954)
Gabriel Maura (1879-1963)
Wenceslau Fernández Flórez (1885-1964)

**b) Quadro Geracional Mexicano:**

<b>Geração do Ateneo de la Juventud</b>
Alfonso Reyes (1889-1959)
Pedro Henrique Ureña (1884-1946)
Enrique González Martínez (1871-1952)
Martín Luiz Guzmán (1877-1976)
José Vasconcelos (1882-1959)
Antonio Caso (1883-1946)
Mariano Azuela (1873-1952)
Diego Rivera (1886-1957)
Manuel Ponce (1882-1948)

<b>Geração de 1915</b>
Vicente Lombardo Toledano (1894-1968)

**c) Principais Revistas e Jornais que publicaram textos de Valle-**

**Inclán:**

<b>Espanhóis</b>	
<b>Nome</b>	<b>Cidade</b>
Café com Gotas (Semanaário Satírico)	Santiago de Compostela
Revista <i>Blanco y Negro</i>	Pontevedra

Revista <i>Alma Española</i>	Madrid
Revista <i>La Vida Literaria</i> (dir. Benavente)	Madrid
Revista <i>Nueva</i> (dir. Luis Contreras)	Madrid
Revista <i>Germinal</i>	Madrid
Revista <i>Vida Nueva</i>	Madrid
Revista <i>La ilustración Artística</i>	Barcelona
Revista <i>La España Moderna</i>	Madrid
<i>El Imparcial</i> (publicou as segundas feiras, as "Sonatas")	Madrid
Diario <i>El Mundo</i> (publicou "Romance de Lobos")	Madrid
Revista <i>El Estudiante</i> (publicou "Tirano Banderas")	Salamanca
Revista <i>España</i>	Madrid
Revista <i>La Pluma</i>	Madrid
Revista <i>Correspondencia de España</i>	Madrid

<b>Hispano-Americanos</b>	
<b>Nome</b>	<b>Cidade</b>
Diário <i>El Correo Español</i>	México
Diário <i>El Universal</i>	México
Diário <i>El Veracruzano Libre</i>	México
Diário <i>La Nación</i>	Buenos Aires, ARG
Diário <i>Excélsior</i>	México

## **ANEXO II – Sinopse de Tirano Banderas**

### **Personagens:**

1. Filomeno Cuevas: líder da insurreição contra Tirano Banderas.
2. Coronelito de la Gándara: desertor das milícias Federais, apoiador do movimento.
3. Major Abilio del Valle: alta patente militar que apoiava o regime.
4. Dom Celestino Galindo (Dom Celes): um dos representantes da Colonia espanhola.
5. Barão de Benicarlés - Ministro da Espanha em Santa Fé, Sodomita.
6. Dona Lupita: índia, espécie de escrava, empregada do Tirano Banderas, prostituta.
7. Coronel Licenciado Lopez de Salamanca: chefe de polícia.
8. Dom Roque Cepeda: O "libertador do indígena".
9. Mr. Contum: aventureiro ianque com negócios de mineração.
10. Dom Teodosio del Araco: comerciante gachupin, perpetuava a tradição ibérica.
11. Dom Nicolau Díaz del Rivero - Diretor do jornal El Criterio Espanol.
12. Vate Larrañaga - informante do jornal El criterio Español.
13. Licenciado Carrillo - Secretário dos Tribunais
14. Licenciado Nacho Veguillas - Trabalha junto ao Licenciado Carrillo.
15. Manuelita, filha desgredada e louca do Tirano.
16. Zacarias San José (o Cruzado): índio que devia favores a Domiciano de la Gándara e fornece a fuga para ele.
17. Sr. Quentín Peredita - usurário gachupin.
18. Coronel Irineu Castañon, o perna-de-pau: diretor da prisão de Santa Mônica.

**Prólogo:** Filomeno Cuevas, rancheiro Criollo, está organizando seus peões para marchar contra Tirano Banderas. Discute com o coronel de la Gandara, militar federal desertado, sobre a maneira mais eficaz de se rebelar contra Banderas.

### **PRIMEIRA PARTE - Sinfonia dos Trópicos**

**Livro Primeiro - ícone do Tirano:** tem início com Santos Banderas aquartelado em um antigo convento. Passa todo o tempo a mastigar folhas de coca. Ele se prepara para receber uma delegação da colônia espanhola de "gachupínes", incluindo Don

Celes. Don Celes é deixado para jogar o jogo da rãzinha com o Tirano e falam sobre o levante revolucionário contra Santos Banderas. Banderas dá a entender a Don Celes que a revolução é contra os interesses da Colônia. Nesse diálogo, entram em acordo a respeito da liberdade dos índios que significaria nesse momento, o fim de suas respectivas formas de vida. Identificam o perigo nos criollos, nos índios nos negros. Banderas pede a Don Celes comunique todo esse movimento narrado ao ministro da Espanha. Identificam a Revolução como a ruína dos estancieros espanhóis.

**Livro Segundo - Ministro de Espanha:** O Barão de Benicarlés, o Ministro da Espanha, é descrito como um louco e um pouco afeminado, cheio de caprichos. Seu cão de colo, Merlin, é descrito de forma irônica como seu primeiro secretário. Don Celes diz ao Barão de Benicarlés que acabou de conversar com Banderas sobre a questão indígena em relação a propriedade da terra. Benicarlés mostra-se cansado da América e de seus problemas e sugere a Don Celes que escreva diretamente para a Espanha pedindo que o removam de seu cargo e em seguida possam nomear Don Celes como Ministro de Espanha em Santa Fé de Tierra Firme.

**Livro Terceiro - O jogo da rãzinha:** São estabelecidas as sentenças de morte dos revolucionários, enquanto o Tirano continua jogando o jogo a rã, que consiste em arremessar moedas na boca de uma rã de porcelana, e mastiga folhas de coca. Dona Lupita parece ter um estranho poder sobre o Tirano. Santos Banderas faz uma grande propaganda de liberdade do seu governo, afirmando que está sempre cumprindo a lei. Contudo, a lei que ele mesmo estabelece.

## **SEGUNDA PARTE**

### **Bolucá e Mitote**

**Livro Primeiro - Quartzos Ibéricos:** Don Celes vai para o Casino espanhol, enquanto algumas pessoas se reúnem no Circo Harris para protestar contra o governo e apoiar a revolução. Chamam a Don Roque Cepeda de o "libertador dos Índios". Enquanto isso, no Casino Espanhol se festeja a Espanha e lá se coloca mais uma vez a idéia de que o índio não está apto para governar a si mesmo ou gerenciar a propriedade. Também nesta parte, mostra-se como os espanhóis, os proprietários de jornais, distorcem a verdade para minimizar a popularidade dos discursos

revolucionários daquele dia. Nesse caso específico se referem ao El Crítério Español (jornal fictício que defendia os gachupines). - ressalta a importância da imprensa nesse debate. Era financiado por gachupines.

**Livro Segundo - O Circo Harris:** Circo Harris é o local onde aconteceu a manifestação contra os gachupines. Relata-se o discurso de Don Roque Cepeda e as razões para a revolução e as indenizações aos indígenas. Se relata também a grande aprovação do povo a causa da Revolução.

**Livro Terceiro - A orelha da raposa:** o Tirano se reúne com o coronel-licenciado López de Salamanca, que o coloca a par do que foi dito nos discursos de Don Roque Cepeda e diz que ele mandou prender Don Roque e alguns de seus companheiros. López de Salamanca revela que soube por Currito Mi-Alma, que trabalha na casa do Ministro de Espanha, que encontrou-o vestido de mulher. Diz também que roubaram jóias e cartas da casa do Ministro e que estão o chantageando. Don Celes retorna e promete continuar a falar com o Barão. O Tirano pede conselho sobre o que fazer com o coronel de la Gándara e seus homens, que o Tirano suspeita terem simpatia com a Revolução. Dona Lupita quer que ele seja torturado, pois quebrou uma xícara na casa do Tirano. Todos lhe dizem o que você ele quer ouvir, que o torturem. Pela primeira vez aparece Manolita, a filha louca do Tirano, que ele mantém encarcerada e fora de vista.

## **TERCEIRA PARTE**

### **Noite de farra**

**Livro Primeiro - A Alcova verde:** é Feriado de Todos os Santos e Finados. O médico polaco está experimentando novas técnicas de metempsicose em Dona Lupita, no Quarto Verde do Prostíbulo. Dona Lupita revela seus dons mediúnicos. O coronel de la Gandara aparece bêbado e com os pés descalços. O cego Velones toca piano enquanto sua filha canta. Se interrompe a sessão de espiritismo porque alguém requer os serviços de Dona Lupita.

**Livro Segundo - Luzes das Almas:** Nacho Veguillas encontra Lupita no quarto verde, e ela logo que o encontra revela que ele o Coronel de la Gándara será preso.

Veguillas diz que ele não disse nada sobre isso e Lupita tem conversado com espíritos. Quando se encontram a sós, repentinamente entra no quarto Coronel de la Gándara sem bater na porta. Lupita diz a ele para ficar num lugar seguro pois está sendo perseguido e será preso; Veguillas está com medo porque sabe que apesar de não ter sido ele quem comunicou a prisão ao Coronel de la Gándara, será tratado como um traidor pelo Tirano Banderas. Dona Lupita diz é ela que está a trair o Coronel de la Gándara. Veguillas senti nesse momento que está cometendo um suicídio pelo fato que ocorreu no quarto verde do prostíbulo.

**Livro Terceiro - Grinhol Dramático:** chega o Major Del Valle para prender o Coronel de la Gandara que fugiu pela porta dos fundos do prostíbulo junto com Veguillas. Ele vai para a casa de Doña Rosita Pintado, chega ao quarto de um estudante, no fundo do corredor, onde é pula pela janela para escapar. Nacho veguillas fica com medo da queda e não pula. Entram os homens de Del Valle prendem a Nacho Veguillas e o estudante. O Coronel de la Gándara consegue fugir.

## **QUARTA PARTE**

### **Amuleto Mágico**

**Livro Primeiro - A fuga:** o Coronel de la Gándara é amigo de um índio, Zacarias, que vive numa grande pobreza com o filho pequena e sua chinita. De la Gándara lhe pede para ajudá-lo a fugir em sua canoa e deixa seu anel para "la chinita" para que ela possa empenhá-lo a fim de ter uma recompensa por ajudá-lo na fuga, de modo a se manter até que você retorne o Zacarias, o Cruzado retorne.

**Livro Segundo - O anel:** "La Chinita" vai penhorar o anel no armázem de Don Pereda, que o confisca, segundo ele, porque não tem provas de que aquele anel seja dela e que não pode ver o Coronel de la Gándara para confirmar a história que ela estava contando. Contudo, vendo que pode tirar vantagem daquela situação, lhe dá uma quantidade muita baixa (9 soles) para ela vá embora e deixe o anel, e ela se vai com o coração partido. Ao mesmo tempo, vem um cego e uma menina pedir a Don Pereda para para alongar o prazo do seu piano penhorado, para que consigam o dinheiro e reavejam o piano. Don Pereda diz que não. Melquiades chega, o sobrinho de Pereda e aconselha que denuncie a "chinita", mas para fazer a denúncia com um



anel mais barato, para que ainda possam ganhar dinheiro com o anel do Coronel de la Gándara.

**Livro Terceiro - O Coronelito:** o Coronel de la Gándara chega nas terras onde se encontram Filomeno Cuevas e ao chegar, Zacarias o Cruzado retorna para sua vila. O Coronel de la Gándara e Filomeno Cuevas falar sobre o Tirano Banderas e depois de muita discussão se unem para marchar contra o tirano. participar marcha contra ele. Chegam o exército federal as terras de Filomeno Cuevas.

**Livro Quarto - O honrado "gachupín":** Quentín Pereda vai à delegacia de polícia e denuncia a "Chinita" e Zacarías, o Cruzado. Como ele se aproveitou da "chinita", os policiais se aproveitam dele e lhe tiram o anel. Os policiais vão a casa de Zacarías e levam presa a "Chinita" obrigando a deixar seu filho entre os porcos, completamente indefeso.

**Livro Quinto – Rancheiro:** muitos fazendeiros vizinhos se juntam a Filomeno Cuevas. O Coronel De la Gándara não quer comprometê-los e apenas lhes pede um cavalo, mas os fazendeiros querem lutar e ficar ao seu lado.

**Livro Sexto - A Armadilha:** Zacarías retornou a sua cabana e descobriu que os porcos e os urubus haviam comido seu filho. Retira os restos mortais da criança, e os coloca em um saco e vai para a cidade para ficar bêbado e jogar. Ele acha que o corpo de seu filho possa lhe dar sorte. Ouviu o cego e sua filha falar sobre o que aconteceu com sua pequena "chinita". Zacarías, o cruzado, compra um cavalo e vai até a Casa de Penhores de Don Pereda para se vingar. Ele amarra don Pereda dentro e um saco e prende junto ao seu cavalo e cavalga até matá-lo com o impacto.

**Livro Sétimo – Necromancia:** enquanto Filomeno Cuevas e o Coronel de la Gándara se preparam para marchar, Zacarías, o Cruzado chega no acampamento e diz que não vai enterrar o seu filho, pois aquele corpo vai lhes trazer boa sorte. Todos dizem que enterre a criança, mas ele diz que não vai enterrá-lo até estar consumada a sua vingança.

## QUINTA PARTE

## **Santa Mônica**

**Livro Primeiro - Bilhete de sombra:** os presos políticos estão no forte de Santa Monica, onde eles são fuzilados por ordens secretas do Tirano. Entram Nacho Veguillas e o estudante e passam a conhecer muitos prisioneiros políticos, incluindo Roque Cepeda.

**Livro Segundo - O número 3:** se expõe toda a retórica da revolução, de como tomarão a cidade.

**Livro Terceiro – Carcerárias:** Nacho Veguillas começa a apostar com outros prisioneiros e começar a ganhar. Ele acha que a sua ganância significa o seu fuzilamento.

## **SEXTA PARTE**

### **Rosquinhas e venenos**

**Livro Primeiro - Lição de Loyola:** o Tirano reúne-se com seus homens e falam sobre Veguillas e o coronel de la Gándara. Rosita Pintado, mãe do estudante, tenta falar com o Tirano, que a intimida e zomba dela de uma forma muito diplomática. O Tirano vai até para a prisão e na cela número 3 a qual está Don Roque Cepeda faz o elogio ao espírito republicano, embora em espectro diferente do dele. Elogia também o fato de Don Roque Cepeda não pegar em armas e o liberta da Prisão. Também ao final liberta entre piadas a Nacho Veguillas, que seria a prova do caráter piedoso do Tirano.

**Livro Segundo - Fraquezas Humanas:** o ministro se dá conta de que Currito está ajudando ao Tirano e o chama de traidor. Don Celes chega para cobrar uma dívida que o Barón de Benicarlés não tinha a intenção de pagar. Ele promete um ministério para Don Celes. Don Celes fala a Barón de Benicarlé que ele deve ter o Tirano como amigo.

**Livro Terceiro - A nota:** o Corpo Diplomático se reúne e decidiu escrever uma nota com sanções contra o tirano por suas violações. O Barón de Benicarlés tenta flertar

com o Dr. Aníbal Roncali, que se enjoa. Pressão internacional: "A Inglaterra não pode assistir indiferente ao fuzilamento de prisioneiros, realizado com violação de todas as normas e contratos de povos civilizados" .

## **SÉTIMA PARTE**

### **A máscara verde**

**Livro Primeiro - Divertimentos do Tirano:** o Tirano culpa a Dona Lupita sobre os últimos acontecimentos, mas a velha ainda continua mantendo o antigo poder sobre ele. Ele propõe uma trégua junto a Don Roque Cepeda até que se acabe o conflito e lhe promete liberdade para que possa fazer a sua propaganda eleitoral para as próximas eleições.

**Livro Segundo - O terraço do clube:** o Corpo Diplomático tem conhecimento dos interesses estrangeiros e de sua intenção na manutenção do Tirano no poder e sabem que o máximo que irão fazer nesse caso são as Notas redigidas dentro da embaixada.

**Livro Terceiro - Desfile de bufões:** julgamento do Licenciado Veguillas: ele diz ao tirano que não o traiu e o Tirano ordena que ao seus que tragam to médico poloco e Lupita para prestar depoimento e comprovar a história de Veguillas. Lupita afirmou que naquela noite havia lido os pensamentos de Veguilla. Chegada das tropas revolucionárias a cidade.

**EPÍLOGO:** sublevaram-se os batalhões do Tirano que é obrigado a se aquartelar. O Tirano apunhala a sua filha\*, para que os revolucionários não a tomem. Vai até a janela, e é teve a cabeça crivada de balas. Sua cabeça ficou exposta na Praça de Armas por três dias.

\* Juan Manuel Rosas, o ditador argentino tinha uma filha doente em condições semelhantes as que Valle-Inclán nos indica.